



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CINTIA NAYARA RIBEIRO DE SOUSA

**A PIEDADE POPULAR FOI O QUE SUSTENTOU A FÉ DO POVO: A
EXPERIÊNCIA DOS REZADORES E REZADORAS DE LADAINHAS NO
MUNICÍPIO DE PONTA DE PEDRAS, PARÁ**

BELÉM-PARÁ

2025

CINTIA NAYARA RIBEIRO DE SOUSA

**A PIEDADE POPULAR FOI O QUE SUSTENTOU A FÉ DO POVO: A
EXPERIÊNCIA DOS REZADORES E REZADORAS DE LADAINHAS NO
MUNICÍPIO DE PONTA DE PEDRAS, PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal
do Pará (PPGSA- UFPA), como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título de Mestra em
Sociologia e Antropologia

Linha de Pesquisa: Religião, Cultura, Simbolismo e
Poder

Orientador: Antonio Maurício Dias da Costa

BELÉM-PARÁ

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S725p Sousa, Cintia Nayara Ribeiro de.
A piedade popular foi o que sustentou a fé do povo: : a
experiência dos rezadores e rezadoras de ladainhas no município de
Ponta de Pedras, Pará / Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. — 2025.
xvii, 131 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2025.

1. Marajó. 2. Ladainhas Familiares. 3. Rezadores e
Rezadoras. 4. Catolicismo Popular. 5. Religiosidade
Afroindígena. I. Título.

CDD 204

CINTIA NAYARA RIBEIRO DE SOUSA

**A PIEDADE POPULAR FOI O QUE SUSTENTOU A FÉ DO POVO: A
EXPERIÊNCIA DOS REZADORES E REZADORAS DE LADAINHAS NO
MUNICÍPIO DE PONTA DE PEDRAS, PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA- UFPA), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Sociologia e Antropologia

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Orientador/ PPGSA- UFPA

Prof^a. Dra. Adriane dos Prazeres Silva
Examinadora Externa/ PPGCR - UEPA

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco
Examinador Interno/PPGHIST- UFPA

Prof^a. Dra. Taissa Tavernard de Luca
Examinadora Interna/ PPGSA -UFPA

Eu dedico este trabalho aos rezadores e rezadoras, de ontem e de hoje. E aos meus avós Manoel José Jardim Ribeiro e Edwiges Ferreira Ribeiro, “O amor é mais forte do que a morte”.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho simboliza mais uma etapa de vida superada, sonho mais bonito do que um dia poderia ousar imaginar. Todavia, realizá-lo não é uma conquista individual, e para ser justa a contribuição de tantos foi essencial. Primeiramente, queria agradecer ao Bom Deus por me permitir e capacitar com força, coragem e inteligência, e principalmente com autocontrole diante das adversidades.

Não foi simples superar um processo pós-cirúrgico e o luto pelo falecimento de minha avó em um espaço tão curto de tempo, o desânimo tentou por muitas vezes me vencer, foram dois anos de muita luta. Todavia, uma marajoara já nasce com a vontade de batalhar pelo lugar que merece, e que esse lugar, cada vez mais, seja repleto de meus conterrâneos dos 17 municípios desse arquipélago tão amado. E a Santa Virgem Maria e ao Patriarca São José, meus fiéis amigos do céu, nossa amizade se fortaleceu nesses últimos meses de desespero, quando os prazos estavam curtos, porém o motivo é justo e bom, meu percurso acadêmico terá continuidade.

Em segundo lugar, quero expressar a minha gratidão eterna à minha mãe, Ana da Conceição Ferreira Ribeiro, que nunca mediu esforços e sacrifícios para me dar condições e estrutura de permanência na capital do estado, a fim de que eu pudesse obter a minha graduação e agora o título de mestra. Aos meus avós maternos, Manoel José Jardim Ribeiro e Edwiges Ferreira Ribeiro, por contribuírem financeiramente e nas orações, por apostarem e acreditarem, a confiança de vocês nunca será em vão. Do que depender de mim, do céu terão orgulho de quem eu sou e serei. E a toda a minha família: meu pai (Francisco Antonio), minhas irmãs (Fernanda e Taynara), sobrinhas (Alice e Fernanda), meu cunhado, tias e tio, primos e primas. Podemos estar longe da perfeição, mas de uma certa forma todos me ajudaram a ser essa pessoa, e sou muito grata por ser uma Ribeiro e uma ribeirinha também.

Pertencer à família Ribeiro significa acima de tudo lembrar de quem nos antecedeu. E nutrir gratidão por quem lutou, deu a vida e o seu melhor para nos possibilitar uma vida mais tranquila e digna. É lembrar com amor, em especial de Manoel José e Edwiges, das nossas viagens para o Rio Fortaleza II na embarcação da família, a Ribeirinha. Nos unirmos mesmo nas diferenças e conflitos em volta da ladainha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de São Lázaro. Pois era assim que os dois velhinhos se sentiam felizes, em ver a casa cheia de redes penduradas, a mesa repleta de pratos, as

crianças nas brincadeiras e no banho de rio, as conversas constantes, ou seja, a casa deles com vida.

Essa dissertação não existiria se não fosse a paciência, a disponibilidade e a amizade dos meus interlocutores e interlocutoras. Em especial, quero agradecer às rezadoras atuais: Rosa Baía, Elsa Maria dos Santos, Dircilene Amanajás, Milena Amanajás, Fernanda Amanajás, Luana Amanajás, Conceição Melo, Fátima Seara, Nazaré Aires e Gercina Tavares. As mulheres que sustentam a tradição das ladainhas me receberam em suas casas e foram gentis todas às vezes que as procurei novamente.

Também gostaria de recordar a ajuda quanto às informações da Diocese de Ponta de Pedras e da Paróquia Catedral Nossa Senhora Conceição, aos sacerdotes: Padre Antônio Cardoso, Padre Odilson Rodrigues, Padre Edileno Félix, Padre Raimundo Aguiar, Padre Mateus Santos, Padre Nicanor Santos e Padre Rubens Reis. Em especial, quero ressaltar Padre Antônio por ser um verdadeiro pai para mim, ter me incentivado a prosseguir os estudos. Padre Rubens, meu irmão, sou grata por todos esses anos de santa amizade, desde nossos tempos de coroinhas, sei que ela vai durar a eternidade. E a ti, padre Nicanor, sou grata por toda a sua paciência, por ter me ajudado a encarar os problemas com mais leveza, pelo seu consolo nos tempos difíceis, pelo silêncio fecundo de me escutar reclamar de tudo, só porque eu precisava desabafar.

Enfim, tantos amigos e professores fizeram parte dessa história de dois anos. Minha querida turma do mestrado (Aláise, Rafaela, Karina, Mônica, Érica, Gilberto e Willian) e nossas aventuras acadêmicas. Meu parceiro e orientador, Antonio Maurício Dias da Costa, sem sua ajuda, eu não teria conseguido me superar, valeu o esforço para ser sua orientanda. Meus amigos Jenny e Douglas obrigada pelas orações e por me escutarem resmungar. Os coroinhas de Ponta de Pedras, em especial Henrick, João Pedro, Kleiton e Alexander (Vitinho), que não mediram esforços para me fazer rir nesse período que passei na minha cidade. Meu coração e meus olhos não se contêm de emoção por tudo o que pude viver.

“Eu daria toda a minha ciência teológica
Pelo valor de uma única Ave Maria”
(Santo Tomás de Aquino)

“Este lindo município brasileiro,
Em que o bondoso Deus abençoou,
Sua padroeira, seu povo e a natureza.
Até as estrelas iluminam essa grandeza. ”
(Trecho do Hino Municipal de Ponta de Pedras,
Compositor Sandoval dos Anjos)

“A religião é o melhor explicador de tudo,
Justamente porque tem o recurso do mistério
Para justificar o que é difícil ser explicado e,
Muitas vezes, o mistério é a melhor explicação”
(Carlos Rodrigues Brandão)

RESUMO

Esta dissertação tem como principal reflexão a experiência com o sagrado dos rezadores e rezadoras de ladainhas no município de Ponta de Pedras (Pa), e a relação que esses especialistas populares estabeleceram e estabelecem com a hierarquia da igreja local, seus acordos, conflitos, proximidades e distanciamentos. No contexto simbólico-religioso mais amplo, no mundo social amazônico/marajoara há uma diversidade de cosmovisões, que inclui práticas de cura e benção, crença nos encantados e assombrações, o que podemos denominar como religiosidade afroindígena (Sarraf-Pacheco, 2024). As ladainhas são orações cantadas em latim e português, constituídas de oração principal e resposta. Elas são classificadas academicamente dentro das práticas do catolicismo popular (Macedo, 2008; Maués, 1995). Em Ponta de Pedras, as ladainhas são eventos religiosos e sociais, de reza e de festa, pois além do ritual, é comum ser sucedido por jantar, arraial, festa dançante com ou sem bebidas alcoólicas, brincadeiras e jogos, eram uma oportunidade para estreitar laços de amizade e sociabilidade. Os donos de santos (Maués, 1995) são os proprietários de imagens consideradas poderosas e milagrosas e, na medida em que também promovem suas festas e rezam suas ladainhas, o prestígio social e influência religiosa a eles se agregam. Portanto, as famílias eram os principais organizadores das festividades religiosas no período da desobriga em Ponta de Pedras (1737-1950). Até a década de 1950, com a vinda do primeiro sacerdote a morar no município, mas principalmente em 1963, com a criação da Prelazia de Ponta de Pedras, houve mudanças significativas no cotidiano dos rezadores e rezadoras de ladainhas. Dentre as várias ladainhas, seus rezadores e rezadoras, foram destacados três e suas sucessoras. A escolha se deu exatamente ao fato de haver continuidade temporal das orações. Foram destacadas: a família Amanajás, que organiza todos os anos a Trezena de Santo Antônio; a família Ferreira, Ribeiro e Baía que comemoram a festividade de São Miguel Arcanjo e, por fim, a família Benvindo dos Santos e Ramos, que celebra a ladainha de São Raimundo Nonato. A tradição, o dom e o sangue são citados como motivos para se manter as rezas de ladainhas vivas e o repasse de conhecimento é incentivado pelos membros mais velhos das famílias como uma herança espiritual. A metodologia utilizada foi qualitativa: pesquisa de campo com observação (Uriarte, 2012) e realização de entrevistas não-diretivas gravadas e registro de histórias de vida (Thompson, 1992), com acompanhamento do ritual das ladainhas junto às rezadoras atuais. Esta presença mais marcante dos membros do clero católico na cidade provocou reações e posicionamentos dos rezadores e rezadoras, cada um com seu protagonismo tomou decisões e escolhas que reverberaram nas festas atuais e nas suas respectivas sucessões, pois são vistos como exemplos a serem seguidos.

Palavras-chave: Ponta de Pedras-PA; Marajó; Ladainhas Familiares; Rezadores e Rezadoras; Catolicismo Popular; Religiosidade Afroindígena.

ABSTRACT

This dissertation explores the sacred experiences of male and female litany prayer leaders (*rezadores e rezadoras de ladainhas*) in the municipality of Ponta de Pedras (Pará, Brazil), as well as the relationships these popular specialists have historically established, and continue to establish, with the hierarchy of the local Catholic Church, including their agreements, conflicts, proximity, and distance. Within the broader symbolic-religious context of the Amazonian/Marajoara social world, there exists a diversity of worldviews that encompass healing and blessing practices, beliefs in enchanted beings and hauntings, and what can be termed Afro-Indigenous religiosity (Sarraf-Pacheco, 2024). Litanies are prayers sung in Latin and Portuguese, structured around a main prayer and a response. Academically, they are classified as part of popular Catholic practices (Macedo, 2008; Maués, 1995). In Ponta de Pedras, litanies are both religious and social events, blending prayer and celebration. Beyond the ritual, they are typically followed by dinners, festivals, dance parties (with or without alcoholic beverages), games, and opportunities to strengthen bonds of friendship and sociability. The "custodians of saints" (*donos de santos*, Maués, 1995) keepers of powerful and miraculous religious images, gain social prestige and religious influence by organizing these festivals and leading litanies. Historically, families were the main organizers of religious festivities during the *desobriga* period (1737–1950) in Ponta de Pedras, a time when priests periodically visited remote areas to administer sacraments. Significant changes occurred in the 1950s with the arrival of the first resident priest, and later in 1963, with the establishment of the Prelature of Ponta de Pedras. These shifts profoundly impacted the daily lives of litany prayer practitioners. Among the various litanies and their practitioners, three families and their successors stand out. The selection criteria emphasized the temporal continuity of their prayer practices. The highlighted families include: Amanajás family, organizers of the annual *Trezena de Santo Antônio* (Thirteen-day Devotion to Saint Anthony); Ferreira, Ribeiro, and Baía families, who celebrate the Feast of Saint Michael the Archangel; Benvindo dos Santos e Ramos family, responsible for the Litany of Saint Raymond Nonnatus. Tradition, spiritual gift (*dom*), and blood ties are cited as reasons for preserving litany prayers. Older family members encourage the transmission of this knowledge as a form of spiritual inheritance. The methodology employed was qualitative, involving field research with observation (Uriarte, 2012), recorded non-directive interviews, and documentation of life stories (Thompson, 1992), alongside participation in contemporary litany rituals led by current practitioners. The growing presence of Catholic clergy in the city prompted reactions and stances from male and female prayer leaders. Their roles, decisions, and choices have shaped current festivals and their respective successions, as they are viewed as models to be followed.

Keywords: Ponta de Pedras-PA; Marajó; Family Lits; Prayers and Prayers; Popular Catholicism; Afro-indigenous religiosity.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Galeria dos Bispos da Diocese de Ponta de Pedras.....	38
Figura 2- Programa da Festividade de Santo Antônio de 1983.....	40
Figura 3- Padre Guido Fossati, e ao fundo de branco Dom Ângelo Maria Rivato.....	41
Figura 4- Dona Cirena Amanajás e a imagem de Santo Antônio.....	58
Figura 5- Foto da lembrança de falecimento do senhor Antonio Platão.....	63
Figura 6- Lembrança de falecimento do senhor Orestes Benvindo dos Santos.....	65
Figura 7 – A venda de bebida alcoólica no arraial.....	83
Figura 8– Clima de festa dançante.....	83
Figura 9- Renato Gouveia e o manto de Santo Antônio.....	85
Figura 10– Manto preparado para a viagem fluvial até o santo.....	85
Figura 11 – Embarcação da Comunidade Santa Rita de Cássia.....	85
Figura 12– Membros da Comunidade Santa Rita de Cássia.....	85
Figura 13– As três bandeiras na procissão fluvial.....	87
Figura 14– Santo Antônio abençoa a cidade de Ponta de Pedras.....	87
Figura 15–As três bandeiras na procissão.....	88
Figura 16– Duas bandeiras, a imagem do santo e os fiéis.....	88
Figura 17– Bandeira de Santo Antônio.....	90
Figura 18– Homens carregando o mastro de Santo Antônio.....	90
Figura 19– Inserção da bandeira no mastro.....	90
Figura 20– Levantamento do mastro.....	90
Figura 21- A ladainha cantada.....	92
Figura 22– Ladainha em homenagem a Santo Antônio.....	92
Figura 23– Novenário Manoel Raimundo de Castro distribuindo mingau.....	95

Figura 24– Novenária Malba da Silva Ferreira distribuindo maniçoba.....	95
Figura 25– São Sebastião e Santo Antônio.....	98
Figura 26– Hora da Ladainha.....	98
Figura 27- Preparação do Banho de Ervas.....	99
Figura 28– Benção dos pães, alimentos e banho de ervas perfumado.....	100
Figura 29– Aspersão dos presentes com o banho de ervas perfumado.....	100
Figura 30- Distribuição de pães por Milena Amanajás.....	101
Figura 31– Distribuição de velas bentas por Luana Amanajás.....	101
Figura 32– Oração de uma idosa.....	102
Figura 33 – Idosa beija as fitas de Santo Antônio.....	102
Figura 34– Glorificação de Santo Antônio, chegada da Procissão na residência de Dona Cirena Amanajás.....	102
Figura 35– Bandeira de Santo Antônio.....	102
Figura 36– Derrubada do mastro.....	103
Figura 37– As frutas da derrubada do mastro.....	103
Figura 38- O leilão de duas aves.....	104
Figura 39– O leilão de cinco litros de vinho.....	104
Figura 40– Rezadora Rosa Baía e São Miguel.....	106
Figura 41– Mulheres e crianças que compareceram na ladainha.....	106
Figura 42– Imagem de São Miguel Arcanjo.....	108
Figura 43- Imagem de São Miguel e de Nossa Senhora da Conceição, bíblia, crucifixo e vela.....	108
Figura 44– Capela de São Miguel Arcanjo.....	109
Figura 45– Término dos preparativos do Mastro São Rafael das crianças.....	111
Figura 46– Homens carregando o mastro das crianças.....	111

Figura 47– São Miguel Arcanjo centenário no centro do Oratório.....	112
Figura 48– Imagem de São Miguel Arcanjo trocada por Dom Ângelo Rivato.....	112
Figura 49– As mulheres na cozinha.....	113
Figura 50– Panela ao fogão de lenha.....	113
Figura 51– Dona Rosa Baía no leilão.....	115
Figura 52– Os três mastros (São Miguel, São Gabriel e São Rafael).....	115
Figura 53– Mulheres na ladainha.....	117
Figura 54– Vizinhas e familiares.....	117
Figura 55– Rezadora Elsa Maria Mendes dos Santos e a imagem de São Raimundo Nonato.....	118
Figura 56– Momento do ritual da ladainha.....	118
Figura 57– Imagem de São Raimundo Nonato.....	120

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa de Ponta de Pedras com a localização das três ladainhas.....	27
Mapa 2- Mapa do Arquipélago do Marajó, regiões do Marajó oriental e ocidental, 2022.....	34
Mapa 3- Mapa da Diocese de Ponta de Pedras e da Prelazia do Marajó.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Ordem dos bispos das principais circunscrições do Marajó.....	38
Quadro 2- Localização dos rezadores e rezadoras de Ponta de Pedras.....	78
Quadro 3- Cronograma da Trezena de Santo Antônio 2024.....	82

GRÁFICO DE PARENTESCO

Gráfico 1- Gráfico de Parentesco Família Amanajás.....	54
Gráfico 2- Gráfico de Parentesco Família Ferreira/ Ribeiro e Baía.....	61
Gráfico 3- Gráfico de Parentesco Família Benvindo dos Santos e Ramos.....	64

LISTA DE SIGLAS

PPGSA- Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Antropologia

CEBs- Comunidades Eclesiais de Base

OAR- Ordem dos Agostinianos Recoletos

OFM- Ordem dos Frades Menores

S. J.- Societas Iesus

C. S. Sp. – Congregação do Espírito Santo

AMAM- Associação Musical Antônio Malato

UEPA- Universidade Estadual do Pará

UFPA- Universidade Federal do Pará

RCC- Renovação Carismática Católica

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÃO DO CATOLICISMO NO MARAJÓ: HISTÓRIA DA IGREJA NO ARQUIPÉLAGO.....	29
1.1 - O catolicismo “colonizador” e a Formação da Prelazia e da Diocese de Ponta de Pedras.....	31
1.2 - Catolicismo popular e o trânsito de pessoas entre crenças	42
1.3 - Trânsito e conflito entre crenças e entre catolicismos (zonas de contato).....	46
CAPÍTULO II - SOCIABILIDADE E FAMÍLIA EM TORNO DAS LADAINHAS.....	49
2.1 - Apresentação das famílias (gráfico de parentesco).....	51
1) Família Amanajás.....	51
2) Família Ferreira/Ribeiro/Baía.....	59
3) Família Benvindo dos Santos e Ramos.....	62
2.2 - Herança do “dom” de rezar a ladainha.....	65
1) As mulheres da família Amanajás em torno da tradição familiar: Cirena, Marilene, Dircilene, Milena, Fernanda e Luana.....	65
2) De Antonio Platão Ferreira Ribeiro para Dona Rosa Baía: o “sangue” do Rio São Miguel.....	66
3) De Orestes Benvindo dos Santos para Elsa Maria Santos, Fátima Seara Ramos e Conceição Melo: o dom que Deus deu.....	67
2.3 - Ensino e repasse dos saberes: o aprendizado das ladainhas ao longo do tempo.....	69
CAPÍTULO III - ETNOGRAFIA DAS LADAINHAS DE PONTA DE PEDRAS: RITUAIS DE BENÇÃO, DEVOÇÃO E CURA	75
3.1 - “É muita coisa, a gente fica muito sobrecarregada”: o preparo e os convites de uma ladainha.....	76
3.2 - Etnografia dos rituais de ladainha e festividades: mudanças e permanências no decorrer das gerações.....	78
1) Trezena de Santo Antônio.....	78
2) Ladainha de São Miguel.....	101
3) Ladainha de São Raimundo Nonato.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é compreender a agência dos rezadores e rezadoras de ladainhas, ou seja, dos leigos e leigas, na gestão do sagrado e do poder simbólico obtidos pela oração e pelo prestígio social por meio de suas diversas vivências com o sobrenatural. A questão é investigar como isso reverbera frente à igreja católica e à autoridade eclesial, considerando relações diversas marcadas por conflitos e acordos, ou seja, por novos arranjos de poder simbólico que podem permear essas devoções.

A formação do que conhecemos hoje como Brasil é entrelaçada pelo impulso dos colonizadores em levar a fé cristã católica para o Novo mundo, “inculto” e “sem fé”. Nesse contexto, o catolicismo português se mostrou muito apegado à veneração das imagens, e a elas e aos santos a quem se remetem são atribuídas forças da natureza e papel de intercessão junto à Trindade. O catolicismo popular no Brasil se apresenta como dinâmico, pois incorporou práticas sincréticas, uma relação de intimidade com o culto aos santos e uma quantidade elevada de capelas (Macedo, 2008). Para Vainfas e Souza (2000), a vida da religiosidade popular se demonstra através das orações, oratórios, promessas, capelas, imagens, bilhetes e com sujeitos historicamente subalternizados reinterpretando rituais, crenças e devoções.

As ladainhas são expressões da fé católica “popular”, que tem por motivação a devoção e a promessa, suas principais características são a laicidade e a devoção aos santos. O termo tem origem na palavra *litania* que significa “pedir com insistência”, ou seja, através da repetição busca-se alcançar as graças e bênçãos por meio da intercessão e da ajuda dos santos e de Nossa Senhora. De acordo com Damino.

O vocábulo “ladainha” indicou sempre a forma de oração coletiva que foi sempre empregada, desde os primeiros séculos, pelos cristãos que iam em procissão às diversas igrejas ou estações para assistir ao divino Sacrifício, segundo a liturgia do dia. (Damino, 1957, p. 222)

Essa oração se constitui de recitações cantadas em português e latim, e possui uma unidade. De acordo com Sr. Luís¹, a origem dessas orações no Marajó remete ao período da colonização ensinada pelos jesuítas e reinterpretada pelos indígenas (Barros e

¹ Luís nasceu no município de Cachoeira do Arari em 1956. No momento da publicação do livro referido a seguir, era mestre-sala da comissão de São Sebastião (Barros e Abufaiad, 2008).

Abufaiad, 2008). Em Ponta de Pedras, o ritual da ladainha possui uma diferença com outros municípios, como Cachoeira do Arari (Barros e Abufaiad, 2008) e Igarapé-Miri (Sinimbú, 2021). Os cânticos atualmente não possuem separação em vozes, sendo cantados em uníssono e também sem o acompanhamento de instrumentos de corda ou percussão.

As ladainhas podem ser percebidas como espaços educativos onde os saberes circulam, onde se ensina e se aprende. Os rezadores se percebem como aprendizes, estão em constante processo de conhecimento ao longo de suas vidas. Seu conhecimento não é estático e acabado. Souza e Albuquerque (2021), por exemplo, também percebem que não há uma escola de rezadores de ladainha, ou seja, as próprias ladainhas são as aulas nas quais são repassados os ensinamentos sobre essas práticas. Ao mesmo tempo, em que se realiza uma ladainha, emergem memórias de uma coletividade social e familiar, pois a ladainha tem esse caráter de ser celebrada publicamente. (Jesus, 2006)

Para Halbwachs, a memória não pode ser estritamente individual, visto que as lembranças são construídas socialmente, a partir dos grupos a que o indivíduo pertence. Assim, a memória individual é um ponto no qual diversas influências sociais convergem e constitui uma forma única de acionar as mesmas. Já a memória coletiva é organizada pelo grupo social que localiza e articula as lembranças compartilhadas (Schmidt e Mahfoud, 1993). A memória coletiva é mediada e facilitada por uma comunidade afetiva, pois a proximidade e a comunicação com as pessoas do mesmo grupo que viveram as mesmas experiências reforça a lembrança compartilhada e previne o esquecimento. (Halbwachs, 1990).

Portanto, as ladainhas podem representar um patrimônio para as comunidades que as realizam, pois são bens culturais que portam valores e são transmitidos por gerações. A importância desse patrimônio é percebida pela relação íntima entre práticas culturais e coisas, aos símbolos e às pessoas que pertencem a essas manifestações religiosas (Santos e Rios, 2022). Sarraf Pacheco denomina como patrimônio do afeto e assim o define: “toda a forma de expressões, bens, práticas que estão profundamente alinhavadas na história das pessoas, suas tradições, sentimentos de pertencimento e modos de reconhecimento” (Sarraf- Pacheco, 2017 p. 2). Portanto, não é imprescindível ser um patrimônio imaterial reconhecido pelos órgãos de salvaguarda, pois a importância é reconhecida pelo próprio grupo de reproduz e vivencia as ladainhas.

Victor Turner (1974) observa que o ritual muitas vezes está relacionado a momentos de crises na vida social e percebe uma relação entre conflito social e ritual. Pois, o ritual pode ajudar a sociedade a sobreviver sem uma crise de ruptura. Ele afirma que, para os que vivenciam o ritual, o próprio processo pode explicar o símbolo. É necessário saber como os interlocutores sentem e pensam o próprio ritual. Para tanto, as interpretações dos próprios agentes rezadores e associados serão levadas em consideração neste trabalho.

Para Turner (1974), no contexto ritual, cada prece e canto, o tempo e o espaço representam algo em si, único e diferenciado. Os elementos rituais possuem função simbólica ou expressiva. O ritual pode ter a finalidade de proporcionar força, pureza, boa sorte, troca de posição (elevação ou regressão). Portanto, o ritual tem um papel fundamental de mudança para aqueles que dele participam. A ladainha pode marcar tanto um ato de devoção por determinado santo, quanto uma graça alcançada. Tanto no primeiro caso, em que a família se recomenda a intercessão do seu parceiro no céu, quanto após ter recebido seu favor, marcam uma função simbólica e um processo de mudança baseado na confiança ou na gratidão.

De acordo com Cavalcanti (2013), Victor Turner realiza uma mudança progressiva da sua percepção sobre o ritual: inicialmente, ele o entendia como fazendo parte de um processo social. Posteriormente, passou a entendê-lo como um processo por si só. De acordo com Peirano (2001), estudar rituais é trabalhar com a ação social. Pois, se essas visões são compartilhadas, serão percebidas na comunicação entre indivíduos as classificações entre humanos, humanos e seus deuses (ou demônios) e humanos e natureza. O ritual é o que nossos interlocutores em campo definem e destacam. Eles se separam por completo de outros comportamentos sociais (Peirano, 2006).

Outro conceito importante é o de campo religioso (Bourdieu, 2007), pois dois grupos distintos são delineados nos dados de campo: os leigos e a hierarquia da igreja. O campo religioso, em sua formação, destitui e desapropria objetivamente aqueles que não fazem parte do seu corpo de especialistas, ou seja, os leigos (ou profanos). Para ocorrer a constituição do campo religioso, há uma desapropriação objetiva de capital religioso e do trabalho simbólico acumulado dos leigos. Essa desapropriação é reconhecida e legitimada por não ser percebida tal como é. O princípio dinâmico do campo religioso se dá pelas relações de transação entre especialistas e leigos, como também de concorrência que os

fazem competir. Essa relação, ora conflituosa, ora de acordos, marca a relação entre sacerdotes e leigos.

Para Bourdieu (2007), a monopolização da gestão do sagrado e dos bens da salvação por um corpo de especialistas religiosos acarreta um reconhecimento social, ou seja, eles acabam por agir como os donos de uma competência específica e de um conhecimento a que os outros não têm acesso. A tentativa radical de afirmar esse monopólio pode causar conflitos com os leigos que possuem prestígio e reconhecimento social pela sua proximidade com o sagrado, como no caso dos rezadores e rezadoras de ladainhas.

O controle eclesiástico é dado através da tentativa de conter a autonomia relativa dos leigos em suas devoções e festividades, classificadas como práticas do “catolicismo popular”, na busca da disciplina e regulação pelas autoridades religiosas. Em décadas atrás, no município de Ponta de Pedras, havia comunidades que passavam meses sem visita de sacerdotes por conta de sua distância e da escassez de ministros ordenados. Assim, muitos leigos/as assumiam o papel de coordenadores/as de comunidade, ou os próprios rezadores e rezadoras de ladainha tomavam a frente de momentos de oração comunitária. Esse protagonismo dos leigos por vezes causava conflitos. Em outros momentos, era considerado como uma ajuda necessária. Heraldo Maués (1995) ressalta isso e o chama de “complementariedade contraditória”, padrão de interação que envolve os/as leigos/as e os agentes da hierarquia da igreja.

O século XX representou um período de lutas e tensões para os leigos e as festas do catolicismo popular. Pois, a igreja possuía o objetivo de criar novas prelazias e dioceses e assim dividir o governo do povo católico, e assim exercer a autoridade e o controle eclesiástico. No caso de Bragança, Pará, os conflitos se acirraram a tal ponto, tornando-se judiciais. A igreja entrou com o pedido de reintegração de posse contra a Irmandade do Glorioso São Benedito, entre 1969 e 1988. Um jogo de forças, poder, demarcação de lugar e presença, no qual a igreja católica se envolveu com o intuito de disciplinar e de controlar as entradas financeiras das festividades dos santos (Silva, 2022). Em Ponta de Pedras, conflitos semelhantes ocorreram pelos mesmos motivos que na então Prelazia do Guamá, hoje diocese de Bragança.

Este trabalho pretende contribuir para o conhecimento e reconhecimento das práticas e trajetórias de vida dos rezadores de ladainha e de seus associados, do município

de Ponta de Pedras. Pretende fomentar uma expansão dos estudos socioantropológicos na região do Marajó e no município de Ponta de Pedras que possuem poucos trabalhos de pós-graduação. O PPGSA possui apenas uma dissertação sobre o município que trata dos saberes dos pescadores artesanais (Abreu, 2020).

Na perspectiva social, esta pesquisa pode contribuir para que outras vozes sejam ouvidas e percebidas pela academia que não somente da hierarquia da igreja católica, propiciando um espaço de discussão sobre as práticas culturais e religiosas devocionais dos leigos pontapedrenses. Isto será uma experiência nova e enriquecedora tanto para a pesquisadora quanto para os interlocutores.

Em âmbito pessoal, este trabalho é importante para mim, porque minha vida está entrelaçada às “rezas” de ladainha. O meu avô e a minha avó, de saudosas memórias, promoviam todos os anos em sua casa, no interior de Ponta de Pedras, a ladainha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de São Lázaro. Dessa forma, se reuniam pessoas que moravam nos arredores de seu sítio e também da cidade para o momento de oração e de confraternização, que terminava com um jantar compartilhado. Essas lembranças me marcaram profundamente e acredito que não só a mim, mas todos os que dela participavam.

Portanto, este trabalho consiste em um estudo sobre a gestão do sagrado a partir da agência dos rezadores e rezadoras de ladainha expressa por sua relação com autoridades do clero católico, o que conduz à seguinte questão: até que ponto o acúmulo de poder simbólico protagonizado por leigos e leigas, a partir de sua atuação em ladainhas, pode gerar alternativas diante do poder eclesiástico materializadas em performances ritualísticas e intercâmbio simbólico e emocional com o sagrado?

Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo. O trabalho proposto é antropológico, de acordo com Ingold (2015), visando uma compreensão generosa, comparativa e crítica do ser humano e suas formas de ser e estar no mundo que compartilhamos. Portanto, os interlocutores serão tratados como colaboradores, sendo proposta aqui uma antropologia *com* e não uma antropologia sobre, e da mesma forma construir uma etnografia *com* e não uma etnografia sobre.

Para isso a teoria e a prática etnográfica não devem se apartar. A teoria precisa estar imbricada com o fazer etnográfico e servir como base de conhecimento. Porém, a realidade a precede e o pesquisador deve estar preparado e esperar ansioso por essa surpresa, a fim de permitir ser atingido pelo outro, por sua particularidade. O antropólogo e os interlocutores são sujeitos concretos (Uriarte, 2012). Nesse mesmo sentido, Peirano (2014), ao tratar dessa questão, diz que não há mais a antiga separação entre teoria e empiria. A empiria é tudo que afeta nossos sentidos e que ultrapassa as palavras e os textos. Assim, todos os antropólogos reinventam a antropologia. Portanto, a disciplina não é imutável, mas dinâmica, em constante reinvenção, assim ela possui um futuro sempre criativo.

De acordo com Haraway (1995), os saberes devem ser localizados, pois a posição que o pesquisador ocupa não é inocente e se reflete nos resultados, na forma de escrita e de ver o mundo. O lugar em que escrevo é de uma mulher marajoara, pontapedrense e que tem a sua vida atravessada pelo tema dessa dissertação. Portanto, sou afetada diretamente por esse trabalho, ele me perpassa, e dessa forma busquei a partir do contato e da experiência com os interlocutores e interlocutoras perceber o que para eles é importante, mesmo que isso signifique mudar o projeto e os planos iniciais (Favret-Saada, 2005).

O antropólogo e os interlocutores têm posição e pontos de vistas distintos e não devem se confundir. Os interlocutores possuem nome, identidade, vozes próprias, posições e posicionamentos (Uriarte, 2012). Saberes localizados pressupõem que o conhecimento seja percebido como resultante das relações entre agentes e atores, ou seja, tem capacidade de ação e mudança. Os projetos de vida das pessoas em questão têm o poder de direcionar e orientar os rumos da teoria (Haraway, 1995).

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (Bosi, 1994, p. 3). O conceito de memória aqui utilizado se percebe limitado, pois as memórias daqueles que serão ouvidos não poderiam ser totalmente transcritas em um trabalho de campo. O grupo familiar exerce um lugar de importância quando se trata do passado, pois simultaneamente a família é recordada pela memória, como também é o lugar onde as recordações podem ser reavivadas (Barros, 1989). No caso desta pesquisa, a família ocupa um lugar de relevância, pois as tradições das devoções pelos santos podem atravessar

gerações e os avós são recordados com especial destaque como marca da família e de um poder agregador.

Na pesquisa, alguns dos interlocutores são pessoas idosas que possuem suas histórias de vida entrelaçadas com as ladainhas, pois o velho é aquele que já teve a experiência de viver sua vida. Quando recorda o passado, não o faz em situação de repouso, não como um sonho, porém ocupando esse espaço com consciência, pois se está tratando de sua própria vida (Bosi, 1994). No entanto, o trabalho de campo não foi feito apenas com pessoas idosas, pois também foram nossos interlocutores aqueles que compõem a nova geração de rezadores e rezadoras de ladainha, que dão continuidade a essa tradição. A tentativa será entender como se dá esse processo, no que tange à experiência do aprendizado, como ocorreu a sucessão e as vivências marcantes e, dessa forma, buscar elucidar a relação entre os leigos e o clero através do tempo.

Será adotado o método de história de vida que consiste em um tipo de metodologia qualitativa biográfica, que se baseia em entrevistas não diretivas que pode ou não ser gravada, na escuta, na qual o vínculo e a relação entre pesquisador e participante tornam-se fundamentais, e deve ter como base a confiança mútua. Após a transcrição do material, deve-se realizar a discussão e a análise entre o pesquisador e o participante (Nogueira et al, 2017). A história de vida trata de “interpretações individuais de experiências sociais” (Kofes, 1994, p. 118).

Portanto, o objeto de pesquisa partiu de experiências particulares, de emoções, memórias, lembranças do que é vivenciado no ambiente da comunidade, do que é considerado importante pela força da tradição e de como as ladainhas são percebidas pelo grupo. Algumas das memórias que emergiram são memórias subterrâneas, não pertencentes à memória oficial, é uma memória em disputa (Pollack, 1989), pois ao marcar também conflitos com personalidades da história local do município eram guardadas em ambiente familiar, foram contadas entrelinhas, informalmente e com tom de segredo revelado.

De acordo com Thompson (1992), o registro da história de vida pode gerar um sentimento individual que ultrapassa a vida pessoal, que é mais duradora que o tempo de vida. Ela pode servir para escutar outras histórias que não estão presentes na história oficial, e por isso faz emergir outras dimensões e facetas, uma versão mais realista do passado. Porém, requer do pesquisador uma compreensão das relações sociais, tempo e

poder de escuta, interesse e respeito pelos interlocutores, capacidade de simpatia e compreensão. Também é necessária a construção de perguntas simples e diretas, não interromper o interlocutor, evitar o controle da entrevista e apenas a orientar na direção almejada.

A memória narrativa só é possível com o contato frente a frente. A situação de diálogo implica o respeito, e sem esperar completa exatidão nas informações. Por se tratar de vida, histórias, narrativas, é construída de forma espontânea, o exato e o impreciso fazem parte da memória oral. A narração por si é um “fato analítico” ou um “objeto de reflexão”. A subjetividade é a essência da memória oral (Meihy, 2010). Os interlocutores muitas vezes não souberam definir o tempo de forma cronológica precisa. Algumas vezes tentei incentivá-los, ma maior parte delas não conseguimos, porque a realidade não é determinada por um número.

A minha experiência empírica com a história de vida e a fala de muitos interlocutores e interlocutoras em Ponta de Pedras exprime a satisfação pelo reconhecimento da importância da memória de pais e avós, ou da sua própria, das suas orações familiares e da sua forma de expressão da fé. Os registros históricos do município consultados nesta pesquisa têm como principais fontes: documentos oficiais de cartório, dos poderes legislativo, executivo e judiciário, livros de batismo, pequenas biografias de personalidades públicas e religiosas. Porém, outras pessoas fizeram parte dessa história e devem ser ressaltados. Dentre elas, este trabalho pretende destacar os rezadores e rezadoras de ladainha. Para tanto, a história de vida precisa ser bem realizada pela pesquisadora com empatia e de forma objetiva, na qual os interlocutores se sintam confortáveis em compartilhar parte de suas vidas.

A observação participante busca proporcionar uma relação dialógica no intuito de criar familiaridade e construir um verdadeiro diálogo entre pesquisador e interlocutor (Uriarte, 2012). A observação participante se fez em momentos que antecederam e prepararam as ladainhas e a festividade de Santo Antônio, quando ajudei em tudo que me foi solicitado pelas minhas interlocutoras. Há três momentos marcantes, a festividade de São Miguel no dia 29 de setembro, a Trezena de Santo Antônio de 1º a 13 de junho, e a ladainha de São Raimundo Nonato dia 30 de agosto. A Trezena de Santo Antônio me permitiu uma experiência de imersão maior por conta da sua duração, isto está demonstrado no capítulo 3, da etnografia dos rituais.

A primeira etapa foi identificar onde essas práticas ocorrem e quais são os atores que estão envolvidos com elas. Houve, em seguida, conversas informais e/ou história de vida que na sua maioria foram gravadas. No momento seguinte, identifiquei as datas nas quais as ladainhas aconteceram e participei delas de forma ativa, junto à comunidade. Após as ladainhas, também conversei com aqueles que delas participaram, e assim colhi a experiência dos convidados dessas orações. E por fim, compilei a experiência sob o prisma da teoria.

O lócus da pesquisa: a princesinha do Marajó, Ponta de Pedras

O local de pesquisa é o município de Ponta de Pedras (Marajó, Pará), com os rezadores e as rezadoras de ladainhas e seus associados. Ponta de Pedras pertence ao estado do Pará, se localiza no Arquipélago do Marajó (maior arquipélago fluvial do mundo). Em linha reta, Ponta de Pedras se distancia em 44 km de Belém, portanto, é a cidade marajoara mais próxima da capital do estado. O município de Ponta de Pedras faz fronteira ao norte com Santa Cruz do Arari e Cachoeira do Arari; ao leste com a Baía do Marajó e Cachoeira do Arari; ao sul com Rio Pará e Muaná e a oeste com Anajás e Muaná.

A razão que levou à escolha desta cidade foi o fato de ser o local no qual cresci, fui educada e estudei até meu ensino médio. A minha família materna tem as suas raízes e eu a considero como meu lar. Foi nesta referida cidade que conheci as ladainhas através da devoção de meus avós maternos, Manoel José e Edwiges, que promoviam a oração em sua casa, na região ribeirinha do município.

No entanto, apesar de ter crescido em um ambiente de ladainha, decidi não tratar neste trabalho da ladainha da minha família. Isso se deve a dois motivos: 1) o grande desafio do distanciamento e 2) os conflitos internos na minha família. No município de Ponta de Pedras existiram vários rezadores e rezadoras e também grupos de folia e esmolação para os santos, porém na impossibilidade de falar neste momento de todos esses especialistas populares, selecionei três ladainhas: a Trezena de Santo Antônio, a Festividade de São Miguel Arcanjo e a Ladainha de São Raimundo Nonato. A festividade de São Miguel ocorre na região ribeirinha, próxima ao município, já a Trezena de Santo Antônio e a ladainha de São Raimundo Nonato são celebradas na cidade.

As três ladainhas foram escolhidas porque foram as únicas que tiveram simultaneamente: continuidade ao longo do tempo, sucessão direta dos rezadores e posse de um santo considerado milagroso. As ladainhas em questão são centenárias ou quase, foram repassadas por três gerações ou mais. Atualmente, há rezadoras em atividade que estão à frente destas orações cantadas e organizam as festas dos seus santos protetores. Portanto, tem relação com a permanência temporal, rezadores e rezadoras que dirigem o ritual e a imagem do santo para se realizar a oração.

Mapa 1 – Mapa de Ponta de Pedras com a localização das três ladainhas



Elaborado pela autora: 2025; com auxílio do site Google Earth

A intenção foi me fazer presente em todas as ladainhas que tive possibilidade, em especial as três principais citadas anteriormente, que são ladainhas tradicionais, pois todos os anos acontecem. Os interlocutores foram primordialmente os rezadores e as rezadoras de ladainha, as famílias que as promovem, e pessoas idosas da comunidade que tenham laços com essas orações.

O meu lugar na pesquisa: uma pontapedrense, neta de promotores de ladainha

Os meus primeiros contatos com o ritual da ladainha foram na vida familiar. Minhas lembranças remontam à infância, mais precisamente à localidade ribeirinha Fortaleza II, residência de meus avós maternos, Manoel José Jardim Ribeiro e Edwiges Ferreira Ribeiro. Ainda recordo o fascínio e a admiração que eu sentia ao escutar o senhor Antonio

Platão Ferreira Ribeiro entoar a ladainha em latim. Eles promoviam a ladainha e, em seguida, ofereciam um jantar para os convidados. Foram anos de deslocamentos uma vez ao ano para o sítio, nome que nos referíamos ao local, no qual organizávamos os preparativos para a festa.

De fato, essa proximidade exerceu uma influência imensa na escolha do tema deste trabalho, apesar de não representar uma tarefa fácil. Eu me enxerguei na fala da minha prima Anny Cristina, que disse: “recordar a ladainha é mexer com as emoções e nem todos estão dispostos a isso”. Talvez eu não estivesse tão preparada para viver esse momento quanto eu havia imaginado. Porém, eu acredito que, preparada ou não, é necessário começar. Pois pensar na ladainha é reviver as lembranças do meu avô e da minha avó, já falecidos. Este exercício não foi fácil.

A antropologia permitiu ao pesquisador deixar-se afetar (Favret-Saada, 2005). Em um primeiro momento a história da ladainha da minha família iria constar nesta dissertação, porém, por um exercício de afastamento e por conta de desentendimentos familiares, optei por focar em outras três ladainhas e suas famílias correspondentes. Em 2021, o meu avô José veio a falecer. Este fato foi profundamente lamentado e abalou as estruturas da família. Ele era uma das colunas do sustento, e minha avó, Edwiges Ferreira Ribeiro, permaneceu no exercício dessa função, e nos deu um exemplo edificante de como sofrer a perda de alguém tão querido: foram mais de 60 anos de matrimônio. Todavia, ela também faleceu antes da conclusão da dissertação, no dia 11/06/2024.

Essas experiências com a morte me possibilitaram pensar nas ladainhas também com um olhar acadêmico, através do pré-projeto de pesquisa proposto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, e principalmente com a definição do meu problema de pesquisa com o auxílio de meu orientador. Eu, antes desta pesquisa, a experimentava apenas de forma devocional. A certeza do apoio do meu avô, caso estivesse entre nós, e o apoio oferecido por minha avó a essa neta, me impulsionou a começar tudo realmente do início.

Minha graduação por inteira foi construída na área de sociologia. No meu trabalho de conclusão de curso (TCC), eu abordei os movimentos sociais das Reservas Extrativistas Marinhas localizadas no litoral paraense. Portanto, não estava familiarizada com os fundamentos e conceitos necessários para pensar o tema das ladainhas, que seriam: religião, festa, arte e cultura, entre outros. Apesar disso, era o que eu queria e, com a

aprovação dos meus avós, a ajuda da minha família e de outros tantos interlocutores e interlocutoras, isto foi possível.

No meu caso, não obstante, pertencer a uma ladainha familiar, este trabalho dará ênfase a outras três ladainhas: Trezena de Santo Antônio, a Festividade de São Miguel Arcanjo e a Ladainha de São Raimundo Nonato. A Trezena de Santo Antônio, eu conhecia desde a infância, pois meu avô Manoel José era novenário, mesmo assim eu não conhecia os membros da família Amanajás. A dona Rosa Baía, da festividade de São Miguel, e eu residimos na mesma rua e ela assumiu a oração da ladainha na casa dos meus progenitores com o falecimento do senhor Antônio Platão. Eu a conhecia dessa forma. Por isso, foi a primeira rezadora para quem eu consegui explicar a ideia do trabalho. Conversei com ela e fui convidada por ela para diversas ladainhas e festas dos santos. Já a Dona Elsa, eu realmente não conhecia e nem o seu pai, Orestes Benvindo dos Santos. No decorrer das conversas e entrevistas, o nome dele surgiu como um dos grandes rezadores do município, por isso busquei seus familiares.

A ladainha de São Raimundo Nonato e de São Miguel foram experiências de algumas horas de oração. A primeira, é vivida mais no núcleo familiar e entre os vizinhos o clima foi bastante íntimo, informal e acolhedor. Já a festividade de São Miguel Arcanjo é vivida em comunidade ligada à paróquia, ou seja, além das famílias que iniciaram a devoção, Ferreira, Ribeiro e Baía, havia os moradores do Rio São Miguel e pessoas da sede do município que vieram em embarcações particulares. Após a missa, houve venda de comida, bebida e um arraial. As pessoas, ao saberem do trabalho, conversavam comigo e tentaram me ajudar com informações e companhia.

O meu trabalho de campo na festividade de Santo Antônio despertou comentários irônicos, de curiosidade e cômicos. O seguinte questionamento surgiu entre meus amigos, na igreja e com minhas interlocutoras: você fez alguma promessa para encontrar um namorado/marido? Isso me recordou Roy Wagner (1981) e sua experiência com os Daribi, na qual, seu estado celibatário também despertou o interesse, o que, em um primeiro momento, foi associado ao estranho “trabalho” por ele realizado. A minha resposta para essa indagação não fugiu em nada a de Roy Wagner: foi negativa. Eu não pretendia me envolver em um relacionamento, porque queria me dedicar neste momento à pesquisa e em concluir o mestrado.

O fato de ser mulher já me colocou em questão por escolher o santo popularmente conhecido como intercessor das solteiras e solteiros em busca de compromisso, pois a mulher em nossa sociedade ainda é considerada a parte mais interessada em se casar. De acordo com Vainfas (2023), embora Santo Antônio, em sua hagiografia² oficial, ser conhecido como poderoso taumaturgo, capaz de operar os milagres com intervenção divina, bem como defensor da fé, sendo denominado “martelo dos hereges”, é mais conhecido na Época Moderna por sua virtude de “casamenteiro”.

A pesquisadora mulher, por vezes, vive a experiência de ser cortejada no campo. Isso ocorreu algumas vezes, principalmente por homens que estavam visivelmente embriagados e que já possuíam a fama de viver dessa maneira. Isso gerou falas do tipo “as tuas orações para Santo Antônio foram atendidas” ou “Santo Antônio já te mandou um pretendente”. Milena Amanajás falou o seguinte: “parece que Santo Antônio tem um chama para bêbado”, ou seja, a festividade do santo atraía esse público, diariamente formavam-se grupos entre conversas e danças ao som das músicas do arraial.

Retorno às investidas, citando um exemplo que se deu no último dia da Trezena, quando um músico local estava cantando no estilo “baile da saudade”, e um homem fazia sinal para o músico e apontava na minha direção. A intenção dele era que o músico oferecesse a canção para mim, todavia o cantor ignorou isso. Então, o homem não se deu por satisfeito e tentou me tirar para dançar, ao que recusei, e senti uma mistura de chateação e vergonha, ao mesmo tempo que a situação em si era engraçada, por isso eu e as pessoas ao meu redor rimos depois.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo tem por título Organização do Catolicismo no Marajó: história da igreja no arquipélago, apresento alguns elementos históricos da Prelazia do Marajó e da Diocese de Ponta de Pedras, o catolicismo popular e a religiosidade afroindígena que perpassam a relação entre os rezadores e rezadoras de ladainhas e a autoridade da igreja. No capítulo dois, falaremos da Sociabilidade e Família, das relações internas, do repasse do conhecimento, aprendizado e do dom. E para finalizar, o último capítulo consta a análise da Etnografia das ladainhas de Ponta de Pedras: rituais de benção, devoção e cura. Assim como sua

² A biografia da vida dos santos. (Rohrbacher, 1959)

organização e os detalhes da minha experiência em campo com as rezadoras atuais de ladainhas.

CAPÍTULO I - ORGANIZAÇÃO DO CATOLICISMO NO MARAJÓ: HISTÓRIA DA IGREJA NO ARQUIPÉLAGO

No primeiro capítulo desta dissertação, tratarei do contexto histórico e apresento o que na literatura acadêmica é conhecido como catolicismo popular e suas características, tais como a ludicidade, o protagonismo leigo e apego aos santos. Ao mesmo tempo, aponto para a religiosidade afroindígena que surge a partir do contato entre negros e indígenas com agentes hegemônicos nas suas cosmovisões múltiplas. Por fim, localizaremos os atores rezadores e rezadoras de ladainhas em suas percepções, práticas de crença e formas de interação com o sagrado. Essa autonomia e diversidade despertam no corpo de especialistas católicos, na hierarquia da igreja, o impulso de controle do que pode desafiar sua autoridade.

De acordo com Sanchis (1995), o cristianismo nasceu a partir de três grandes correntes filosóficas, culturais e/ou religiosas: o judaísmo, a Grécia clássica e o helenismo tardio. Por isso, foi tratado academicamente como uma religião sincrética. Para ele, o catolicismo é sincrético por natureza, portanto, sincrético por vocação. No contexto de Portugal, os santos cristãos por vezes se misturaram aos deuses locais, e sua veneração se identificou com um espaço específico. Essa é uma característica importante: a construção de uma identidade comunitária forjada em referência a um determinado território. Unida a isso ou contra isso, está a igreja, a paróquia e os santuários, na formação da identidade local. Bons exemplos disso são os santos padroeiros dos municípios, no caso de Ponta de Pedras a padroeira é Nossa Senhora da Conceição.

No Brasil, o sincretismo presente é distinto do lusitano. Aqui é marcado pela ruptura e pelo desenraizamento. O próprio catolicismo é retirado do continente europeu para ser implantado no novo mundo. A tentativa de se reconstruir Portugal no litoral desse território é frustrada pelo encontro com o “outro”. A relação com os indígenas, em parte, perpassou pelo escambo, pelo diálogo e pela mediação jesuítica, isto perdurou por um breve período, apenas três anos. Porém, não houve uma política religiosa de um cristianismo “inculturado”, aos moldes observados em Portugal, o catolicismo luso. Na realidade, o projeto jesuíta desenraizou os indígenas na organização dos aldeamentos no período colonial.

A mobilidade também foi marcante, expressada no período colonial pelas bandeiras, nas quais o deslocamento humano, o trabalho e a posterior fixação eram uma rotina. Nesse movimento de bandeiras havia a presença de rezadores, e possivelmente também dos sacerdotes, altares portáteis e imagens de santos, índios e escravos negros (Sanchis, 1995). Portanto, a fé é móvel, não estagnada, os representantes do sagrado da hierarquia ou fora dela procuravam propagar suas práticas devocionais por onde passavam.

As desobrigas no período colonial e enquanto perduraram tinham como principais funções a manutenção, a legitimação e a continuidade da fé católica ao longo do tempo, e assim garantir o poder e a influência da Igreja Católica sobre o território. O que motivava tais práticas de assistência espiritual era o baixo número de sacerdotes e as longas distâncias entre as áreas povoadas. As cerimônias das desobrigas eram marcadas pela ministração de sacramentos necessários àquela comunidade como: batismo, eucaristia, confissão, crisma e matrimônio. Em alguns casos, a emissão de certidões de batismo, matrimônio e óbito servia na contabilização da população e isto dava suporte para o controle territorial pela Coroa Portuguesa e pela Igreja (Medeiros, 2020).

Quanto aos africanos escravizados no Brasil, de acordo com Mello e Souza (2002), o catolicismo já estava presente no antigo reino do Congo, a partir do final do século XV. Esta realidade contribuiu como elemento para remontar um passado africano e na composição de novas identidades mediante à diáspora. Os reis negros, os quilombos, as irmandades e os grupos de trabalho foram formas de organização de novas identidades e de comunidade. A posição dos administradores coloniais na América portuguesa se dava com certa tolerância na medida em que as manifestações de origem africana combinassem elementos de origem lusitana.

A consolidação da conquista portuguesa na região contou com a colaboração fundamental das missões religiosas na Amazônia. No século XVI houve um período de contato com as primeiras incursões lusitanas no rio Amazonas e afluentes. A colonização propriamente dita foi levada a termo porque o território estava com o risco de ocupação por outras potências europeias, como Inglaterra, França, Irlanda e Holanda, que mantinham relações comerciais com as populações indígenas (Canto Lopes, 2000).

Na Amazônia, diversas ordens religiosas se instalaram a partir dos primeiros momentos da conquista do território. No ano de 1617, chegaram a Belém os Capuchinhos

Franciscanos, a Ordem do Carmo em 1627, os jesuítas em 1636, os mercedários em 1639 e os franciscanos da Piedade e da Conceição no ano de 1693. O padre Antônio Vieira esteve no Estado do Maranhão e Grão-Pará entre 1653 e 1661 (Sarney e Costa, 1999). As ordens religiosas católicas exerceram papel essencial na definição de fronteiras nessa região, na propagação e na formação de fé dos habitantes. O teatro foi uma das ferramentas de catequização e transmissão do evangelho entre os indígenas e as populações locais (Maués, 1998, apud Pimentel, Reis e Py, 2020).

As organizações indígenas impostas pelas missões religiosas investiram na homogeneização e padronização da diversidade cultural, na busca de implantar os valores e a ética europeia. Observado nas seguintes medidas: a adoção da língua geral, a figura do xamã tendo a sua importância diminuída, e seus costumes e práticas sendo transmutados aos moldes do catolicismo. Esse contato e esse trânsito entre a sociedade europeia e indígenas gerou grandes mudanças para ambas, porém esse impacto foi mais profundo nas populações indígenas. Isso se deve ao fato de que os indígenas, por conta de suas diferenças culturais, foram vistos como um outro selvagem e inferior, o que serviu também de justificativa para a escravização indígena (Canto Lopes, 2000).

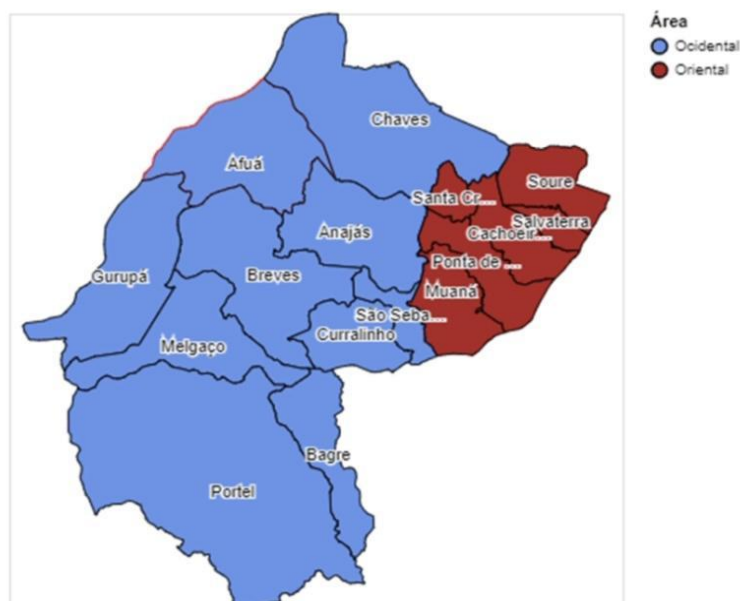
1.1 - O catolicismo “colonizador” e a Formação da Prelazia e da Diocese de Ponta de Pedras

Conforme Shaan (2009), a palavra Marajó tem sua origem no vocábulo *mbarayó*, e significa “anteparo do mar”. Essa região esteve à mercê das águas do oceano Atlântico e das mudanças do nível do mar no decorrer de sua formação. De um lado, sofreu a ação oceânica, erosão e sedimentação, o que propiciou a formação de mangues e uma região costeira mais elevada. Do lado oeste, houve a influência do rio Amazonas no despejo de sedimentos e provocou a nutrição do solo e uma densa vegetação. Por sua vez, essas distinções de solos e topografia influenciaram nas coberturas vegetais discrepantes: na região dos campos há predominância de vegetação arbustiva e de capim; já na região oeste, são as matas de terra firme e florestas alagadas.

O Marajó localiza-se na foz do rio Amazonas, sua porção ocidental é o Marajó das Florestas, e na porção oriental o Marajó dos Campos. Ele é o maior arquipélago fluviomarinho do mundo, e é constituído por 16 municípios, são eles: Afuá, Anajás,

Breves, Bagre, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Muaná, Melgaço, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, São Sebastião da Boa Vista, Santa Cruz do Arari e Soure. (Sarraf-Pacheco, 2024). Pelo decreto nº 2.129, de 20 de janeiro de 2022, Oeiras do Pará foi incluída na região de integração do Marajó, então, podemos falar em 17 municípios marajoaras.

Mapa 2- Mapa do Arquipélago do Marajó, regiões do Marajó oriental e ocidental, 2022³



Fonte: Construção dos autores Júnior e Almeida, 2022 com informação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Conforme Sarraf Pacheco (2024), os termos Marajó dos Campos e Marajó das Florestas extrapola a noção de paisagem. Indica a perspectiva geopolítica para estabelecer paralelos de similaridades, contrastes e as relações culturais e históricas que envolvem a região, pois apenas os critérios físicos não haveria diferenças suficientes, pois, esses ambientes são comuns em toda a Amazônia Marajoara.

Uma frase do atual bispo da Diocese de Ponta de Pedras, Dom Teodoro Mendes Tavares, ecoou ao longo da escrita dessa dissertação, ela é a seguinte: “do Marajó só falem bem, se for para falar mal, fiquem calados” (23 de novembro de 2024). Todavia, isto não pode ser levado de forma literal, embora haja muitas coisas de se orgulhar: sua

³ JUNIOR e ALMEIDA, Visualizações dos registros de violência contra crianças e adolescentes no arquipélago do Marajó- Pará no período de 2017 a 2020. Universidade Federal do Pará. 2022

beleza natural, histórica, sua população cheia de vivacidade, cores e alegria, o que é feito com a região e seus habitantes é digno de duras críticas.

Ao longo dos últimos séculos, a região vem sendo interpretada como terra de grandes contrastes: de um lado suas riquezas humanas, arqueológicas e naturais, mas devido ao jogo político e aos interesses particulares de grandes latifundiários e empresários, foi soterrada numa profunda miséria social, reverberando diretamente nas populações mais carentes de trabalho, formação escolar e profissional, que lutam por melhores condições para exercer seu direito a uma vida mais digna e cidadã. (Sarraf-Pacheco, 2024, p.32)

Vejamos como se deu a ocupação da região no caso de Joanes, Marajó, uma das primeiras investidas das ordens religiosas. Por meio de fragmentos arqueológicos encontrados pela equipe de Canto Lopes (2000) foi possível identificar três momentos históricos de ocupação humana, são eles: 1) assentamento indígena anterior à chegada dos colonizadores europeus; 2) início da colonização da Ilha de Marajó, com o contato dos indígenas moradores de Joanes, com os militares e padres fundadores da missão religiosa de Santo Antônio; 3) a mudança de aldeia em Vila Monforte, na qual foi criado um corpo administrativo a partir do Diretório, e este começou em 1755, a administrar a Vila.

A análise cultural do material arqueológico juntamente com a análise documental sugere que os colonos, missionários e militares tiveram papel crucial na implementação de valores, de crenças, das epidemias, na desestruturação e desarticulação das comunidades indígenas locais, e na promoção de instituições europeias entre os indígenas. Simultaneamente, elementos culturais indígenas foram incorporados ao seu cotidiano como base alimentar a partir da caça, pesca e das frutas, e na arquitetura das casas feitas de palha pelos indígenas. Até metade do século XVIII, era a cobertura exclusiva das moradias. Apenas a Igreja do Rosário era consolidada em alvenaria de pedra e tijoleira (Canto Lopes, 2000).

A coroa portuguesa e a igreja católica agiram na vigilância e na punição às religiões afroindígenas. O Santo Ofício da Inquisição esteve no estado do Pará entre 1763-1769, e os documentos produzidos no período contêm acusações aos indígenas, moradores pobres, escravos, mulatos, da capital e do interior. A prática da feitiçaria era recorrente e associada às adivinhações, orações para reatar relações amorosas, com a mediação de amuletos, tesoura e balaio (Souza, 1986; Acevedo Marin, 1987 apud Sarraf-Pacheco, 2010).

Outras crenças e práticas comuns eram os banhos de ervas e os exorcismos com o intuito de expulsar as forças sobrenaturais causadoras do mal e do sofrimento. As punições tinham como motivo as curas mágicas mediante benzeções com ervas, com terço e por meio de orações “pseudo-católicas” ou de São Cipriano, no combate ao mau-olhado, feitiços, quebranto e amarrações amorosas. Porém, as penas incidiam nas populações marginalizadas e excluídas socialmente (Lapa, 1978).

No século XIX, houve um retorno da igreja às orientações do Concílio de Trento, conhecido como processo de romanização. Tratou-se de um movimento de reforma da prática católica que visava a moral do clero, a sacralização das igrejas e edificações, consolidar e fortalecer a hierarquia sacerdotal e conter o poder laical organizado nas irmandades (Abreu, 1994). No Pará, quem colocou as medidas romanizadoras em prática foi o bispo D. Antônio de Macedo Costa (1861-1890), que condenou práticas da religiosidade afro-indígena e excomungou alguns de seus especialistas, como um pajé de Soure (Sarraf-Pacheco, 2010). Após um longo período das desobrigas, da criação do Arcebispado de Belém em 1719 até a região do Marajó ser entregue à responsabilidade de duas ordens: os Agostinianos Recoletos em 1928 e a Companhia de Jesus em 1963.

A administração da Igreja Católica no Marajó é composta atualmente de forma predominante⁴ pela Diocese de Ponta de Pedras e pela Prelazia do Marajó. Agenor Sarraf Pacheco (2004), adota a utilização do termo “Marajós” no plural, por se tratar de uma diversidade imensa de territórios, florestas, rios e práticas. Esta diversidade fica evidente com a divisão eclesiástica. Apesar de vizinhas, a diocese e a prelazia, seguiram por rumos diferentes e por vezes mantêm pouco contato, exceto em áreas de fronteira, como o caso de áreas de Curralinho que recebiam a peregrinação de São Miguel Arcanjo da cidade de Melgaço (Sarraf-Pacheco, 2004).

A Prelazia do Marajó foi erigida em 14 de abril de 1928 pela bula *Romanus Pontifex* do Papa Pio XII e colocada sob a responsabilidade da Ordem dos Agostinianos Recoletos⁵. Os municípios que a formam são: Anajás, Afuá, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Salvaterra e Soure, na qual se localizam a Catedral e a Cúria. A ordem dos bispos é esta: O primeiro bispo foi Dom Gregório Alonso Aparício, OAR (1930-1965); o

⁴ O município de Gurupá pertence à Prelazia do Xingu-Altamira e Oeiras do Pará faz parte da Diocese de Cametá.

⁵ A Ordem dos Agostinianos Recoletos surgiu já na segunda metade do século XVI, como resultado da Contra-Reforma. Eles se desmembraram da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho (Paula, 2010)

segundo, Dom Alquilio Alvarez Diez, OAR (1965-1985); e o terceiro foi Dom José Luis Azcona Hermoso, OAR (1987-2016), hoje, bispo emérito. Dom Evaristo Pascoal Spengler, OFM, (2016-2023), Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira, ele tomou posse em 27 de julho 2024.

A partir de 1928, após receberem a ordem do papa Pio XI de “recristianização do Marajó”, os Agostinianos Recoletos e seu bispo prelado nomeado D. Gregório da Consolação (1894-1966) deram início à evangelização, guiados pelo catolicismo ultramontano⁶ da segunda metade do século XIX, proposto por Roma. Na concepção da Ordem, a região do Marajó em 1930 vivia uma “ignorância religiosa”. Essa ignorância se dava por conta da diversidade de crenças da religiosidade afroindígena. A decisão que tomaram foi criar um projeto de reconquista espiritual nos moldes das ordens religiosas do período colonial. Para eles, o impulso missionário haveria sido rompido com a expulsão dos jesuítas da região pelas medidas Pombalinas⁷ em 1759.

A Prelazia de Ponta de Pedras foi erigida canonicamente em 1963 por meio da bula *Animorum Societas* do Papa Paulo VI. Essa prelazia atendia 6 municípios marajoaras: Ponta de Pedras, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Muaná, São Sebastião da Boa Vista e Curralinho. O idealizador desse projeto foi o bispo metropolitano Dom Alberto Gaudêncio Ramos. No dia 16 de outubro de 1979, a então Prelazia foi elevada à categoria de diocese através da bula *Cum Praelatura* e Dom Ângelo Maria Rivato foi empossado como primeiro bispo diocesano em 29 de julho de 1980. A ordem dos bispos foi a seguinte: primeiro Dom Ângelo Maria Rivato S. J (1980-2002), segundo Dom Alessio Saccardo S. J (2002-2015) e terceiro Dom Teodoro Mendes Tavares C. S. Sp. (2015-hoje).

Quadro 1- Ordem dos bispos das principais circunscrições do Marajó

Ordem dos bispos das principais circunscrições do Marajó	
Prelazia do Marajó (Ordem dos Agostinianos Recoletos)	
Bispo	Tempo de episcopado
Dom Gregório Alonso Aparício, OAR	1930-1965
Dom Alquilio Alvarez Diez, OAR	1965-1985

⁶ Posicionamento a favor da submissão e obediência às ordens do papa.

⁷ Reformas econômicas monopolistas que favorecessem o comércio ultramarino, nova perspectiva educacional e filosófica, bem como a expulsão dos jesuítas acusados de serem a causa do atraso da nação (Júnior, 2000).

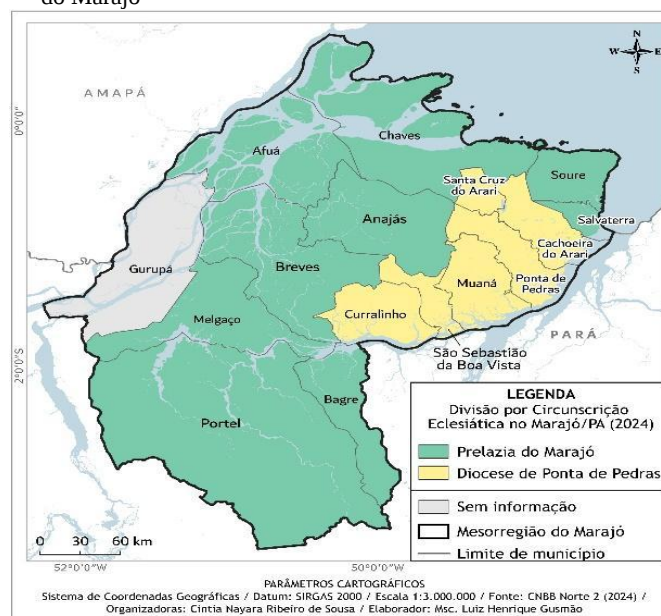
Dom José Luis Azcona Hermoso, OAR	1987-2016
Dom Evaristo Pascoal Spengler, OFM	2016-2023
Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira	2024-atualmente
Diocese de Ponta de Pedras	
Dom Ângelo Rivato, SJ	1980-2002
Dom Alessio Saccardo, SJ	2002-2015
Dom Teodoro Mendes Tavares, C.S. Sp	2015-atualmente

Figura 1 – Galeria dos Bispos da Diocese de Ponta de Pedras



Fonte: Autora, 2024

Mapa 3 - Mapa da Diocese de Ponta de Pedras e da Prelazia do Marajó

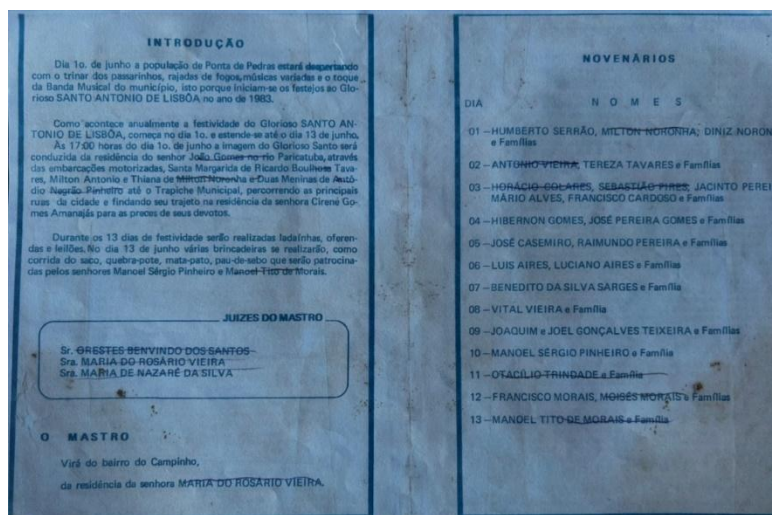


O trabalho vai centralizar sua atenção em uma das cidades da Diocese de Ponta de Pedras, a sua sede. A origem do município de Ponta de Pedras está ligada à chegada dos padres Mercedários Descalços em 1737. O seu primeiro nome foi Mangabeira, nome dado pelas sociedades indígenas devido à abundância de árvores de mangaba. O local em que os padres Mercedários aportaram foi às margens da Baía do Marajó, e a partir de então foi chamado pelo segundo nome Lugar de Vilar. Após um tempo, foi elevada à categoria de Freguesia, sendo denominada de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Ponta de Pedras, pois há elevada ocorrência de pedras que surgem na vazante da maré (Rodrigues, 2023).

A continuação da história política do município envolve mudanças de nomes para *Itaquary* (da língua tupi significa rio do morador das pedras ou rio das barreiras) e depois novamente para Ponta de Pedras. Ao mesmo tempo, houve sucessivas mudanças da sede da comarca entre Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari, quando compunham um município apenas. A última separação territorial foi entre os municípios de Ponta de Pedras e Santa Cruz do Arari, que se tornou também um município independente em 1961.

Em Ponta de Pedras, não há nenhum registro sobre a presença de irmandades católicas como ocorreram ao longo do século XIX em muitas igrejas pelo Pará, nas quais as estruturas físicas de culto, o templo, eram a marca de identidade das mesmas (Figueiredo, 2001). Contudo, algumas festas de santos têm uma característica comum às irmandades, a presença de uma hierarquia marcada pelos cargos como: presidente da festa, o/a tesoureira, juízes e juízas do mastro.

Figura 2- Programa da Festividade de Santo Antônio de 1983



Fonte: Casa da Memória de Ponta de Pedras, foto da autora 2024.

No município, o que se observa são preponderantemente as devoções familiares por determinados santos, ou seja, a identidade era determinada pelos sobrenomes das famílias e seus próprios patronos celestiais, o que na literatura ficou registrado como “donos de santos” (Maués, 1995). Assim sendo, uma família que possuía uma imagem de um santo considerado milagroso e poderoso detinha um reconhecimento religioso e social importante, e, associado a isso, se a família dona de santo era a própria organizadora da festa, ela angariava ainda mais prestígio. O que podia ocasionar uma pressão de ajustamento por parte da igreja. As ladainhas que serão destacadas têm a particularidade de as imagens de santos pertencerem às famílias e também cada família possuir seus rezadores e rezadoras próprios. A família Amanajás possui Santo Antônio, a família Benvindo dos Santos é proprietária de São Raimundo Nonato, e a família Ferreira Ribeiro e Baía cuja imagem é a de São Miguel Arcanjo.

Nesse período, de 1719 a 1963, anterior à Prelazia, as decisões eram tomadas pelo Arcebispo de Belém Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Os sacerdotes vinham para fazer a “desobriga”⁸, ou seja, celebravam missas e todos os sacramentos necessários para a comunidade e depois retornavam para seu lugar de origem ou vinham apenas no período

⁸ Um relato que, em uma dessas viagens, na década de 1940, de um padre alemão de nome Erick Von Beer ao município. O alemão, no auge da Segunda Guerra Mundial, foi considerado espião de guerra. Ele teria caído no rio ou teria sido “empurrado” como as pessoas convencionaram contar. Depois disso, ele teria amaldiçoado a cidade (Malato, 2002).

do Círio da padroeira, esta ausência de sacerdotes criava uma oportunidade de protagonismo para os leigos. Um exemplo desse período é ilustrado abaixo.

Porque naquela época não tinha padre, por exemplo, eu nasci em dezembro de 1940, e eu fui batizado 13 de junho de 1941, porque não tinha padre, então, quando acontecia a festa de Santo Antônio, então, naquela época iam buscar o padre em Belém para celebrar a última missa. Aqui onde é a matriz da diocese, ou seja, aqui em Ponta de Pedras, Cachoeira, Santa Cruz, Muaná, São Sebastião da Boa Vista e Curralinho, eram paróquias da Arquidiocese de Belém e que foi separado para criar uma Prelazia que hoje é diocese (Sércio Pereira).

O Padre Guido Fossati foi o primeiro sacerdote a estabelecer residência no município de Ponta de Pedras e é figura pública importante na história do município. Ao buscar-se registros documentais do ano exato da chegada dele, é evidente uma lacuna, não havia até então registro paroquial, pois não existia paróquia, nem secretaria. De acordo com relatos de interlocutores participantes das ladainhas, o senhor Arrison Alencar e dona Antônia Teixeira, a vinda dele foi por volta da década de 1950, permanecendo até a chegada do primeiro bispo da Prelazia, Dom Ângelo Maria Rivato.

Figura 3- Padre Guido Fossati, e ao fundo de branco Dom Ângelo Maria Rivato.



Fonte: Casa da Memória⁹, ano desconhecido; autora: 2024

Na formação cristã, padre Guido Fossati formou a Cruzada Eucarística para ensinar o catecismo, o qual Dona Antônia se recorda que seu irmão caçula, Ernesto Teixeira, foi uma das crianças que frequentou. As aulas eram realizadas embaixo das

⁹ “O espaço “Casa da Memória”, foi idealizado por Edinelson de Castro, foi inaugurada em 30 de abril de 2021. Ela se localiza na Av. Djalma Machado, no centro da cidade. O acervo foi montado através de colaboração conjunta com a comunidade pontapedrense. (Rodrigues, 2023)

mangueiras, ao lado da Igreja Matriz, em frente à escola Aureliana Monteiro. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, entre as medidas tomadas no âmbito social estão: a fundação do Círculo Operário, o Clube de Mães, eventos esportivos e teatrais, grupo de escoteiros. Ele também empreendeu a construção da casa paroquial. Até então, ele morava na sacristia da igreja Matriz, a Catedral ainda não existia.

As falas do senhor Arrison Alencar e Dona Antônia Teixeira, que conviveram diretamente com o padre Guido, convergem: ele era simpático às devoções populares no município, às festas de santos e ladainhas, não interferindo nelas. Os embates com a igreja oficial iniciaram a partir da chegada do bispo da Prelazia de Ponta de Pedras e com o estabelecimento de comunidades unidas à paróquia e, portanto, submetidas a regras e ao controle eclesiástico.

Portanto, a relação de controle eclesiástico presente neste momento, entre as décadas de 1950 até 1990, se dava quase exclusivamente entre membros do clero e famílias do município. A criação da Prelazia em 1963, e principalmente, com a nomeação do primeiro bispo, Dom Ângelo Rivato (jesuíta italiano), no ano de 1965, houve uma mudança importante: as capelas começaram a ser criadas gradativamente no modelo de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Neste período de maior presença do recém-nomeado bispo da Prelazia de Ponta de Pedras, os conflitos com os leigos representados pelas famílias foram acentuados.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgem a partir dos ideais da Teologia da Libertação, nasceu no final da década de 1960 e início da década de 1970, essa vertente aponta para um compromisso com Deus e o serviço do próximo, principalmente, dos mais necessitados, no qual o pobre tem simultaneamente o papel de quem recebe e de quem é protagonista de sua própria libertação. Isso gerou frutos na conscientização política e cidadã, embora na consciência de fé os frutos não tenham sido abundantes (Gordiano, 2010). As CEBs foram aceitas pela Teologia da Libertação e não pela vertente mais conservadora da igreja, como Concílio Vaticano II se abriu às discussões contemporâneas, aos mais necessitados, e as questões sociais, políticas, econômicas e religiosas houve fortalecimento dessa organização eclesial (Alencar e Oliveira, 2015).

A participação dos membros das CEBs conduzia a uma reorganização ética e espiritual, no sentido de criar uma nova identidade, o que se traduz na frase “novo jeito de ser igreja”. Portanto, para os membros engajados nas comunidades de base, a interação

com o sagrado “implica na centralidade da conscientização, um novo compromisso ético e político e a ênfase na participação em lutas populares” (Teixeira, 2005, p. 20). A adesão à Teologia da Libertação conduz a um desencantamento do mundo, pois a história é vista como algo que o ser humano tem o poder de controle e mudança, é uma construção social, é uma visão “moderna”, “racional” e humana da realidade (Sanchis, 1997).

A Prelazia de Ponta de Pedras foi criada em 1963, já no ano de 1979 foi elevada à categoria de Diocese de Ponta de Pedras. Um tempo curto, no qual ainda não havia estruturas físicas como Casa Paroquial em todas as cidades e seminário próprio, nem clero local e o dízimo com o qual se sustentasse. Portanto, sem os critérios básicos e indispensáveis para essa mudança. No período do primeiro bispo vieram sacerdotes estrangeiros, principalmente italianos, para dar suporte às paróquias. E também se conseguia ajuda financeira de pessoas amigas da Itália. Um exemplo importante dessa carência clerical é que em Cachoeira do Arari começou a ter pároco só nos anos 2000.

Esta rapidez nos trâmites talvez se deva ao prestígio e às redes de amizade dos jesuítas no Vaticano, inclusive à proximidade de Dom Ângelo com o Papa Paulo VI. O segundo bispo, Dom Alessio, buscou fortalecer a independência financeira das paróquias, bem como melhorar o seminário diocesano, construído pelo primeiro bispo, e formar os grupos vocacionais em vista do sacerdócio. Hoje, no episcopado de Dom Teodoro, a diocese possui clero suficiente em todas as paróquias e inclusive foram criadas novas para atender melhor as questões pastorais. Atualmente, há condições de Ponta de Pedras uma diocese. Em comparação, a Prelazia do Marajó, de uma fundação mais antiga, 1928, continua com a mesma categoria por não se enquadrar nos critérios necessários para a elevação.

Um marco importante de controle eclesiástico que influenciou diretamente os interlocutores e interlocutoras desta pesquisa ocorreu no ano de 2001, já no final do episcopado de Dom Ângelo Rivato. Houve a decretação da seguinte norma: estava proibida a comercialização de bebidas alcoólicas nas festas paroquiais da Diocese de Ponta de Pedras. Algo de difícil aplicação prática, pois se tratava de um costume muito arraigado no modo de festejar os santos.

A Campanha da Fraternidade de 2001 tinha um tema muito sugestivo: “Vida sim, drogas não!”. Ela foi utilizada como reforço à proposta de retirar a venda de cerveja nas festas, pois apontava na direção de mobilizar a sociedade quanto aos danos causados pelas

drogas de modo geral. Então, a retirada das bebidas alcoólicas ocorreu gradativamente. Os primeiros resultados do cumprimento foram em Curralinho, onde o pároco era o padre Antônio Cardoso, e em Ponta de Pedras, que tinha como pároco padre Máximo Leorato.

1.2 - Catolicismo popular e o trânsito de pessoas entre crenças

Ambos o catolicismo e a sua instituição Igreja Católica Apostólica Romana representam até hoje o sistema religioso e confessional numericamente superior e culturalmente mais difundido no Brasil. Uma divisão é conhecida na academia entre o catolicismo erudito ou oficial e um catolicismo popular. E, inclusive em um catolicismo ortodoxo, vinculado diretamente à hierarquia sacerdotal, existem tendências distintas e de difícil convivência em respeito aos ritos, gestos e doutrinas. O catolicismo popular, portanto, pode representar a variedade da própria cultura das pessoas reais das diferentes regiões, das influências das tradições negras, dos imigrantes, das populações indígenas e amazônicas (Brandão, 2004). O catolicismo popular tem como aspectos marcantes a atuação dos leigos e o caráter rural (Brandão, 1980).

Maués (1995) trata o catolicismo popular como aquele que mantém uma relação de tensão com o catolicismo oficial da hierarquia da igreja católica. Não seria um catolicismo das classes populares, pois se percebe esta forma de catolicismo presente em todas as classes e inclusive entre membros do clero. Portanto, o catolicismo popular proposto em seu trabalho é aquele reconhecido como prática católica, porém exercido pelos leigos, ou seja, os não especialistas do sagrado.

Tanto o catolicismo oficial como a religiosidade popular têm como fundamento a noção do sagrado. No catolicismo oficial, a ênfase é no sagrado transcendente, portanto, em uma força superior e poderosa, porém, não tocável ou visível. Já no catolicismo popular, a noção é de sagrado imanente, no caso dos santos, eles estão próximos, podem ter amizades e inimizades, possuem agência e anseios próprios. Porém, essas duas noções na realidade se mesclam e conectam.

Há ambiguidade na denominação “popular”, por conta de seu uso geral, como um marcador referente às classes periféricas ou subalternizadas de determinada sociedade, que podem gerar confusões (Saraiva, 2010). Maués (1995) aponta para este duplo sentido do termo que ora pode indicar práticas de camadas subalternas, ora pode ser entendido

como divergente de uma experiência mais refinada. Por conta dessa ambiguidade do termo “popular” e pelos agentes associados ao catolicismo popular não se reconhecerem como “católicos populares”, usaremos essa expressão com ressalvas, pois se trata de um conceito divisório proposto pela academia e não legitimado pelos sujeitos do catolicismo situados em posição não hegemônica.

De acordo com Teixeira (2005), o catolicismo brasileiro atual não pode ser classificado como homogêneo, pois, na realidade, se apresenta em variadas formas de ser católico. O autor defende que no catolicismo há malhas, podendo-se falar em catolicismos no plural. Ele considera três tipos de catolicismos já estabelecidos: “santoral”, o “erudito ou oficial”, o dos “reafiliados” e um emergente catolicismo midiático.

O catolicismo santoral, como o nome indica, é a forma tradicional do catolicismo e remonta ao período da colonização, com uma forte identidade e característica na veneração aos santos e na presença ativa dos leigos, seja nas irmandades, confrarias, capelas e oratórios. Com orações frequentes e missas raras, os leigos teriam gerência de sua vida espiritual e os santos seriam agentes de mediação e proximidade com o sagrado.

Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida. (Teixeira, 2005, p. 17)

No município de Ponta de Pedras, as festas de santos representam mais do que festividades religiosas, eram momentos propícios ao convívio social, reunião familiar e, em alguns casos, também de produzir recursos financeiros. Muitos interlocutores afirmaram que há décadas atrás não havia outras oportunidades de reunião de pessoas, logo eram essas festividades o divertimento disponível: as bebidas alcoólicas, o mastro¹⁰, as brincadeiras e as festas dançantes, eram elementos comuns e sucediam o término da oração, e apontam para esse caráter de ludicidade dessas homenagens aos santos.

No início nas ruas da cidade festejavam outros santos, aqui na frente da pesca, era São João. O padre veio e foi acabando com essas festividades de rua, essas festividades mais particulares de famílias, que faziam nas ruas, e foi levando para a igreja. Então, ela conta que ela teve uma grande luta, com a igreja naquela época. E tu sabes que

¹⁰ Mastro é um tronco de madeira trabalhado e enfeitado com frutas e hasteado no lugar no qual acontecerá a festa de um santo. Também é comum a bandeira com o nome e a ilustração para indicar a festividade que será comemorada. Esta vara serve de símbolo da festa, o seu levantamento e a descida são momentos lúdicos e de alegria, e a presença masculina é bem forte, porém nos últimos anos é comum também o mastro das mulheres e o mastro das crianças.

naquela época lá atrás a igreja tinha um poder muito forte. Então, ela teve toda uma luta para deixar a festividade no patamar que ela deixou. Porque até quando você inicia uma festividade, ela já não enche de fiéis do dia para a noite. É toda uma construção ao longo dos anos, e tudo isso ficou assim para mim, por saber de tudo isso, de toda essa história de não deixar que a festividade acabasse, dar prosseguimento a esta festividade. (Milena Amanajás)

Milena Amanajás conta o que sua avó repetia, antes as famílias comemoravam os santos em várias ruas da cidade, porém o movimento de tornar essas festas familiares em propriedade paroquial trouxe fim a muitas comemorações, o que Dona Cirena não permitia que acontecesse com a festa de Santo Antônio. Ser um dono de santo extrapola o fato de possuir um objeto inanimado. No catolicismo popular, o santo é vivo, tem vontades, anda, chora, sente raiva, sangra, essas são características de um sagrado imanente, por isso, é palpável e próximo, semelhante ao verificado nas religiões afro-brasileiras. (Luca, Pantoja e Barbosa Neto, 2016)

Ao contrário, este objeto possui um poder simbólico e real, pois a vida social, pessoal, os comportamentos e as rotinas são influenciados pela sua festa e por seu exemplo de vida. E ainda, ser dono de uma imagem de santo reconhecida como poderosa é, ao mesmo tempo, possuir parte da força desse santo e pertencer também a ele, ou seja, ser mais próximo dele do que os outros devotos em questão. É permutar diretamente com o sagrado.

Marina de Mello e Sousa (2002) afirma a existência de um catolicismo negro no Brasil. Esse catolicismo combinaria traços culturais e religiosos africanos e portugueses. Os ritos religiosos e as danças consideradas profanas são uma constante nas festividades populares brasileiras, constituídas com a colonização portuguesa, quando os colonizadores encontraram os indígenas e trouxeram compulsoriamente os africanos.

Para os interlocutores e interlocutoras desta pesquisa, não é clara essa separação que a igreja sustenta entre festa religiosa e festa profana. Eles entendem como partes diferentes de um mesmo fim, o louvor ao santo ou santa de devoção. A missa, a ladainha, os jantares, as festas dançantes, o mastro e inclusive o consumo de bebidas alcoólicas neste período seriam em comemoração ao intercessor do céu.

Outro elemento desse catolicismo negro seria a associação entre os santos católicos e os *minkisis*. Os *minkisis* são objetos mágicos religiosos com uso recorrente em vastas áreas da África Central, que em cada lugar recebiam uma denominação diferente,

e eram frequentemente adornados com penas na cabeça. Os dois objetos, santos e minkisis possuem agência, eles servem como uma ligação com o mundo do além e simultaneamente podiam ajudar na resolução de problemas do cotidiano desse mundo (Mello e Souza, 2002).

Os santos são vistos por seus devotos como seres humanos e, por isso, muitas vezes a relação com eles pode ser vista como mais fácil do que tratar diretamente com Deus. Destaco aqui três santos que possuem ladainhas no município de Ponta de Pedras. São Miguel se destaca como aquele que protege contra o mal. São Raimundo Nonato é um intercessor em um estágio específico da vida, o período de gestação, ou por conta de uma profissão, o ofício de parteira. Já Santo Antônio é invocado quando da perda de objetos, bem como santo “casamenteiro”. Portanto, eles e suas imagens têm agência, são capazes de atuar na vida comum, nas diversas necessidades a que seus devotos estão expostos. Esse poder é clamado com fé, pois ultrapassa as forças humanas de atuação e localiza-se no patamar do sobrenatural.

Os africanos escravizados trazidos na diáspora trouxeram consigo suas tradições culturais, autóctone ou já com contatos prévios, e seus cultos tribais, e mesmo mediante perseguições religiosas abertas até pouco tempo atrás, persistiram e propagaram-se por todo o país. Nesse processo, houve associações com variadas tradições de crença e culto. Isto favoreceu o alargamento e a transposição de fronteiras étnicas, e assim obteve-se um crescente número de adeptos de todas as camadas sociais, inclusive entre os brancos.

A proposta de Sarraf Pacheco (2024) é considerar a região do Marajó como afroindígena, pois os saberes são múltiplos, indígenas e africanos, e se tornam práticas na religiosidade, nos modos de vida e nas lutas das populações marajoaras. Essa variedade de crenças pode ser marcada por diversos atores: pais e mães de santo, pajés, curandeiros, benzedores, que exercem práticas de cura diversas, corporal, espiritual, mental, físicas e sociais. Ao mesmo tempo, outra característica é a associação de inúmeras entidades com poder de ação, santos católicos, deuses, e entidades africanas e ameríndias. E outras como assombrações, visagens e encantados, e a coexistência da medicina popular e medicina científica.

Os atores dessa pesquisa são os rezadores e rezadoras de ladainhas, suas vidas estão permeadas de variadas maneiras de viver e lidar com o sagrado. Na geração anterior a esta, podia-se ver com mais clareza essa diversidade: um rezador e coordenador de

Comunidade Eclesial de Base (Senhor Antônio Platão), uma rezadora e benzedeira (Dona Cirena Amanajás) e um rezador que não frequentava as missas (Senhor Orestes Benvindo dos Santos).

1.3 - Trânsito e conflito entre crenças e entre catolicismos (zonas de contato)

O senhor Antonio Platão Ferreira Ribeiro vem de uma família de rezadores que possui uma imagem própria de São Miguel Arcanjo. Em um primeiro momento, as ladainhas eram rezadas na própria residência da família, localizada na margem do Rio São Miguel. No entanto, a família construiu uma capela ao lado da casa onde o santo poderia ser festejado. Com a vida do primeiro bispo Dom Ângelo Rivato, os dois estabeleceram uma relação de confiança e amizade, o que contribuiu para que o senhor Antonio Platão se tornasse coordenador da Comunidade Eclesial de Base São Miguel Arcanjo, onde funcionava a capela de sua família.

A história da rezadora e benzedeira Dona Cirena Gomes Amanajás foi diferente. Ela enfrentou dificuldades de convivência com o primeiro bispo. A intenção do prelado era incorporar a Trezena¹¹ de Santo Antônio junto às festividades paroquiais, ou seja, tirar a gestão da família Amanajás e colocá-la sob o comando do clero. Porém, a resistência da dona do santo foi forte e os embates acirrados. A imagem do santo passou um tempo na Igreja Matriz, contra a vontade de sua dona. Isso perdurou até o momento em que Dom Ângelo Rivato desistiu da ideia e a festividade continuou a ser familiar. Porém, se é familiar, também é considerada particular. Neste caso, as duas missas que fazem parte do ritual da Trezena de Santo Antônio precisam ser pagas ao clero local. Uma vantagem de a festa ser mantida como familiar é não precisar restringir a compra e venda de bebidas alcoólicas, pois não faz parte diretamente da paróquia.

Já o rezador Orestes Benvindo dos Santos deu preferência ao seu dom de rezar a ladainha e não se envolveu diretamente com as questões da Prelazia e posteriormente Diocese de Ponta de Pedras. Ele não frequentava as missas, mas preferia as suas orações pessoais, especialmente as ladainhas cantadas. Assim, a gestão do sagrado na sua vida

¹¹ Trezena diz respeito ao número treze, ou seja, treze dias de oração. A trezena de Santo Antônio inicia no dia primeiro de junho e encerra no dia treze, dia da memória litúrgica de Santo Antônio.

peçoal e na ladainha de sua família que louva a São Raimundo Nonato foi a única dos três casos apresentados em que a presença eclesiástica é completamente ausente.

O saber rezar a ladainha cantada é um dom, pois se trata de uma inspiração divina. Um momento em que o rezador e a rezadora se ligam ao sagrado, clama pela proteção, solicita ou agradece os milagres dos santos para os devotos. A dádiva recebida requer retribuição (Mauss, 2003), as graças alcançadas atribuídas aos santos são vistas como algo a ser pago, se paga a promessa, seja proveniente dos devotos ou dos rezadores e rezadoras. A promessa ao santo é algo sério, cria uma espécie de contrato, tem um poder simbólico e o santo pode cobrar essa dívida mediante a palavra dada pelo fiel.

Bourdieu (2007) defende que o campo religioso é formado por dois grupos distintos: um do corpo de especialistas e de outro, aqueles que não são considerados assim, a hierarquia da igreja e os leigos. Com o estabelecimento da Prelazia, tal distinção entre os dois grupos se torna ainda mais visível e atuante. Essa convivência é marcada pelo dinamismo, por conflitos, no caso de Dona Cirena Amanajás, por acordos, como aconteceu com o senhor Antonio Platão e pela concorrência silenciosa, conforme a experiência do senhor Orestes dos Santos.

A atuação dos leigos e leigas como protagonistas dos momentos de oração poderia gerar reação do controle eclesiástico para o ajustamento e normatização das festividades e devoções tão apegadas aos santos e entendidas pelo clero como parte do catolicismo popular. Antes da fixação dos sacerdotes, esses momentos religiosos aconteciam apenas pela iniciativa dos fiéis. Com a Prelazia, sob os parâmetros das Comunidades Eclesiais de Base e com os sacerdotes presentes nos municípios, esses momentos começaram a perpassar pelas diretrizes do pároco, não sem gerar reações contra e a favor do mesmo.

Assim, os fiéis com prestígio de rezadores e rezadoras de ladainhas e os coordenadores e coordenadores de comunidade, ao mesmo tempo que podem ser vistos como potenciais concorrentes de mediação com o sagrado, de uma forma são indispensáveis para a própria manutenção das paróquias e das comunidades como lideranças locais. A isso podemos denominar, de acordo com Heraldo Maués (1995), de “complementariedade contraditória”.

As “zonas de contato” entre grupos sociais e culturais distintos marcam a história e os modos de vida das populações dos “Marajós”, de acordo com Mary Pratt, elas seriam:

Espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação - como o colonialismo, o escravismo, ou seus sucedâneos ora praticados no mundo inteiro. (Pratt, p. 27, 1999)

As zonas de contato experimentadas pelas populações marajoaras desde o período de colonização da região nunca foram isentas de jogos de poder, na busca de manter as hierarquias e o controle local, na política e na religião. A cultura na “zona de contato” é entrelaçada por trocas assimétricas, diálogo, conflito, negação e ressignificações. Esse encontro não se faz a partir de um ideal de harmonia. A construção do “outro” já nasce em um contexto de desvalorização e desequilíbrio. O autor Agenor Sarraf Pacheco (2024), então, utiliza o termo matrizes afroindígenas para entender etnicamente as populações marajoaras, e assim evitar as nomeações dadas pelo colonizador e seus herdeiros que silenciam, essencializam e rebaixam as populações amazônicas e marajoaras, com epítetos de cunho racial tais como caboclo, cafuzo, curiboca e tapuio.

No campo da religião, como foi discutido anteriormente, várias práticas do catolicismo oficial lidaram com intolerância e pressionaram contra a diversidade de formas de crenças e práticas afroindígenas. Porém, os trânsitos acontecem entre catolicismo oficial (missas), catolicismo popular (ladainhas) e a religiosidade afroindígena (banho de ervas, puxações, bênçãos, crenças nos encantados, entre outras vivências).

Experimentar práticas de cura, benção e cosmovisões, para os interlocutores e interlocutoras, não os tornam menos católicos. Isso faria parte das inúmeras formas de ser católico (Teixeira, 2005). As práticas culturais, o cotidiano e ancestralidade são fortes elementos na religiosidade afroindígena e extrapolam os limites do catolicismo romano. Assim, entram em cena as identidades culturais dos atores sociais envolvidos (Custódio, Videira e Bezerra, 2019).

CAPÍTULO II - SOCIABILIDADE E FAMÍLIA EM TORNO DAS LADAINHAS

O capítulo dois tem por objetivo adentrar o tema das relações familiares e dos detalhes cotidianos que envolvem rezadores e rezadoras de ladainhas. Esses pormenores ajudaram-nos a compreender a produção de suas identidades e são úteis para lançar luz sobre suas atitudes e escolhas diante da fundação da circunscrição eclesiástica de Ponta de Pedras e a forma com que lidaram com a hierarquia da igreja local. Os termos família e tradição foram constantemente invocados e entrelaçados no relato de histórias de vida, como as principais motivações para a continuidade das orações cantadas das ladainhas em louvor aos santos padroeiros.

Esse capítulo foi escrito a partir de memórias familiares, portanto, permeadas por emoções e sentimentos, tantas vezes registradas em suas infâncias e juventudes, detalhes marcantes e simples, que na fase adulta poderiam passar despercebidos. Ao se tratar de lembranças pessoais, os interlocutores escolhiam as informações que julgavam passíveis de constar em um trabalho acadêmico e outras guardam apenas para si, como uma forma de resguardo.

De acordo com Barros (1989), os avós são recordados quando é pensado um símbolo do valor da família, como sustento da base familiar. Isso tem uma importância, pois a família como instituição passa por um momento de transformação social e está colocada em questão a sua estrutura. Nas famílias Amanajás, Ferreira/ Ribeiro/Baía, Benvindo dos Santos, os netos têm verdadeira admiração, carinho e respeito pelos avós. Os seus últimos pedidos são levados em consideração e tratados como um testamento a ser cumprido.

Entende-se festa familiar ou de família como uma programação que preze pela unidade em torno de uma linhagem familiar. No caso de Ponta de Pedras, esses eventos religiosos e populares ocorrem anualmente e de forma quase ininterrupta há décadas. A organização das ladainhas requer esforço antecipado e a articulação de uma rede de parentesco. A busca de um reforço por uma ligação de ancestralidade parece ambíguo no contexto de um mundo moderno que valoriza a individualização, mas é observado na realidade (França, 2009), porém em Ponta de Pedras é dada importância à herança familiar e aos valores recebidos por tradição. Na pesquisa de campo, foi comum a memória dos nomes daqueles e daquelas que iniciaram as ladainhas e festividades, e repassaram o conhecimento dessas “rezas e cantorias”.

Leonel (2010), a partir da sociologia de Simmel, compreende a festa como uma “forma” que possui capacidade de fundir conteúdos distintos, a fim de contribuir no fortalecimento de laços de sociabilidades, ainda que conflituosas. Portanto, as festas podem ser tomadas como essenciais à sociabilidade e, ao mesmo tempo, um espaço de tensões e conflitos sociais. As festas são formas de sociação “específicas de ser com/e para o outro” (Leonel, 2010, p.36).

As festas das ladainhas podem conter a presença familiar colaborativa, a ausência por conta de divergência de religião, ou mesmo ser cercadas por conflitos internos, desentendimentos e embates por questões de herança. Esses vínculos podem reforçar a relação familiar, de vizinhança e de amizade, ao mesmo tempo que a proximidade, o cansaço e o respeito por aqueles e aquelas investidos de autoridade de articuladores podem gerar embates dentro do grupo que organiza e também com opositores externos da festividade.

Dois polos podem ser distinguidos nas festas: a cerimônia (culto e forma de expressão exterior) e a festividade (lúdico e alegria). Essas duas dimensões possuem afinidades (Amaral, 1998). Em Ponta de Pedras, esta parte cerimonial pode ser observada nas ladainhas, novenas, terços e missas. Já a parte festiva, por exemplo, na preparação e hasteamento do mastro, nas danças e músicas, brincadeiras, banquetes e festas dançantes. Apesar desses polos poderem ser separados, eles não estão desconectados, ocorrem quase que simultaneamente e são compreendidos em uma mesma perspectiva de honra e homenagem ao santo ou santa. Embora a separação de sagrado e profano faça parte de um discurso muito presente na hierarquia da igreja, por vezes pode reverberar até na fala dos devotos leigos, mas sem tanta repercussão entre os participantes e organizadores desses eventos, o que foi verificado.

O ato de festejar os santos pode ser entendido, como um sinal da vitalidade do catolicismo, além de um elemento demarcador de fronteiras religiosas, pois os evangélicos (ou “crentes”, como chamam a maioria dos interlocutores/as) acusam os católicos de cometerem o pecado da idolatria (Oliveira, 2023). Dona Gercina Tavares, em entrevista, relata uma prática recorrente dos que abandonavam o catolicismo e adentravam na religião evangélica: quebrar as imagens dos santos católicos na mata ou mesmo de jogá-los no rio. Não foi dada uma explicação para isso em entrevista, talvez se deva ao fato de expressão de abominação à imagem e de desprezo, pois passaram a considerá-las como ídolos. O rio e a mata expressam o abandono total e também fazem

parte do imaginário amazônico como lugar de mistério, porque os novos adeptos da “crença” poderiam facilmente doar as imagens, mas na realidade isso não acontecia, e sim sua destruição. Ela fez questão de me mostrar uma estátua de São Sebastião, a qual seus familiares haviam encontrado no mato toda despedaçada. Hoje ela foi restaurada e está depositada em lugar de destaque no seu oratório.

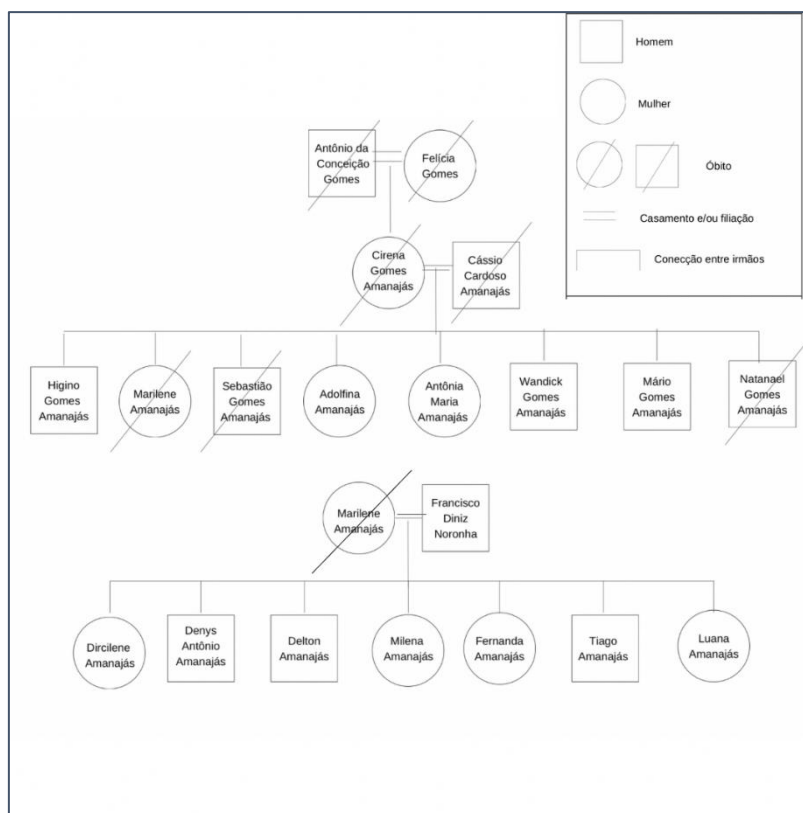
A autora Rita Amaral (2003) destaca dois aspectos importantes das festividades dos santos: a ocorrência de milagres e a distribuição de comidas. A gratidão por um favor alcançado foi um dos primeiros elementos acrescentados à festa. O milagre introduz uma ordem nova, diferente da que era prevista, no contexto da festa, introduz a mediação entre o sagrado e o profano, da vontade divina e da humana, da providência divina e do clamor humano. Muitas vezes, quem alcança esses favores por uma força simbólica, para pagar essa dívida celeste, se torna financiador e promotor das festas. A distribuição de comida também foi inserida e se tornou um elemento agregador da população. O divertimento, o lazer e a fantasia fizeram parte das festas e procissões da colônia. O compartilhamento de comida e bebida pode ser visto como concentração e redistribuição de bens, nos quais os diversos grupos sociais também dividem valores artísticos, religiosos, lúdicos e seus valores.

2.1 - Apresentação das famílias (gráfico de parentesco)

1) Família Amanajás

De acordo com Milena Amanajás, a devoção por Santo Antônio iniciou com seus bisavôs, pais de Dona Cirena, com Antônio da Conceição Gomes e Felícia Gomes. A imagem do santo utilizada na Trezena foi trazida de Portugal, uma imagem de madeira de lei. Então, quando eles vieram para o município, iniciaram a festividade. Esta foi repassada de geração em geração, e já é mais que centenária.

Gráfico 1- Gráfico de Parentesco Família Amanajás



Fonte: produzido pela autora (2025)

Dona Antônia Teixeira disse que desde jovem acompanhava a Trezena de Santo Antônio. Segundo ela, era uma festividade muito bonita, porém atualmente não seria como antigamente, e apontou como motivo dessa mudança o falecimento de Dona Cirena. O senhor Sécio Pereira e Dona Jacira Tavares afirmaram que a festividade do santo de Portugal era tão grande quanto a do Círio da padroeira municipal, Nossa Senhora da Conceição.

Um episódio que marcou o conflito entre a igreja e a festividade de Santo Antônio será narrado a seguir, eu o dividi em três partes com a intenção de analisar seus pormenores mais detidamente.

O padre [Guido Fossati] pediu para o santo ir para a igreja, para tirar da casa da Dona Cirena. O papai [Francisco Teixeira dos Anjos] tocava na festa, no arraial, meu pai tinha a banda, e ele tocava no arraial, a festa todinha no arraial. Aí levaram o santo para a igreja, aí saiu da casa da Dona Cirena, vai para a igreja, uma época que foi assim. O padre achou que durante a festividade, o santo deveria peregrinar nas famílias, cada noite em uma família. Fazia a

novena na família depois vinha para a igreja. Quando foi a última noite, o santo não voltou para a igreja, que foi de 12 para 13 [de junho]. No dia 13, que era o dia do encerramento, da grande festa, que enfeitavam o arraial para amanhecer, era uma festa bonita. Aí a missa solene às 8h da manhã e a Dona Cirena proprietária da imagem chegou na igreja e não viu o santo, a imagem não estava na igreja, a imagem que tinha peregrinado na véspera, ali onde é o hotel Casa Grande, era a casa da Dona Neca, do senhor João Lobato, era a última casa porque ficava próxima da igreja para o santo se recolher no dia 13, e não foram buscar a imagem. Ela chegou na missa e não encontrou o santo, e perguntou para as pessoas da igreja; “cadê o santo? Cadê a imagem?” Disseram que ficou lá na casa, o padre estava celebrando a missa sem a imagem, aí ela saiu da igreja e chegou lá fora, o meu pai estava sentado na praça, esperando a missa terminar. (Dona Jacira Tavares)

A autoridade da igreja, por meio do pároco Padre Guido Fossati procurou trazer para o templo a festividade de Santo Antônio, embora não fosse a vontade de Dona Cirena Amanajás. O modelo que o sacerdote adotou foram as reuniões nas casas das famílias, como ocorre nas peregrinações do Círio de Nossa Senhora da Conceição. Porém, o que ele não esperava acabou por acontecer: não devolveram a imagem para a missa de encerramento. E ao invés de alguém ir buscá-la, a missa foi iniciada sem ela, o que deixou Dona Cirena Amanajás muito chateada. Ao prosseguir o relato de Dona Jacira Tavares.

Aí o papai perguntou: “O que está acontecendo, Dona Cirena?” Porque ele também fazia parte da festividade. Ela disse: “eu estou muito aborrecida porque o padre está celebrando a missa e a imagem de Santo Antônio não está na igreja, se eu fosse homem, eu ia buscar o meu santo agora na casa do senhor João Lobato e levar para a minha casa”. Aí meu pai disse assim: “você não é homem, mas eu estou aqui, eu sou homem. Você quer que eu pegue o santo?” Ela disse: “Eu quero, você vai comigo?” Vou. Aí meu pai convidou mais um outro músico, amigo dele, que eu não sei quem foi. Foram os três para a casa do senhor João Lobato pegar o santo, a imagem. E na passagem do senhor João Lobato, quando ela passou com a imagem, na lateral da igreja, pelas portas do lado do hotel, as pessoas viram que o santo ia passando com ela e não entrou na igreja, então, saíram umas pessoas da igreja e seguiram o santo, foram para a casa dela, e aí ela brigou com o padre definitivamente e disse que a imagem nunca mais iria para a igreja. (Dona Jacira Tavares)

Apesar de Dona Cirena enfrentar à autoridade do sacerdote, ela reforça a necessidade da figura masculina, alguém precisava carregar o santo, e o senhor Francisco dos Anjos e o seu amigo aceitam o serviço. Na passagem do santo pelas portas laterais da igreja, alguns devotos saíram para acompanhá-lo, isto é um traço do “catolicismo popular” que é mais voltado à devoção santoral do que aos sacramentos. É bom lembrar, como dito anteriormente no capítulo um, que Padre Guido foi o primeiro padre com moradia fixa no município de Ponta de Pedras, portanto, as festas dos santos eram a expressão de fé mais arraigada na forma de ser católico dos fiéis. E para finalizar o relato.

Começou a fazer a festa na casa dela, foi aí que começou a ser na casa dela. O santo era dela, mas vivia na igreja. Aí chegou a hora da procissão, o papai lá pronto com a banda para acompanhar a procissão, quem rezava a procissão era o padre e sempre tem alguém da igreja fazendo as orações. O meu pai virou para mim e disse: Jacira reza aí umas Ave Marias, eu era da igreja também, da Cruzadinha, daquelas coisas todas, papai quando dava ordem a gente tinha que obedecer. Pode ir puxando aí, no intervalo que estou tocando aqui, reze o que você sabe. E eu tive que fazer isso na procissão de Santo Antônio, compartilhei daquela coisa contra a igreja [...]. No outro ano o santo não foi mais para a igreja e ela fez na casa dela [...] Revolta da Dona Cirena contra o padre e a igreja, por causa do santo que saiu, impressionante era as pessoas saírem da igreja e da missa e acompanharem o Santo Antônio, até a casa dela. [...] As pessoas – não todas- as pessoas mais fervorosas da missa ficaram, mas a maioria saiu” (Dona Jacira Tavares)

Consoante o relato de Dona Jacira Tavares, apesar da imagem do Santo Antônio ser familiar, ela permanecia na igreja, provavelmente isso ocorreu a partir da chegada do Padre Guido Fossati e com o incentivo de Dom Ângelo Rivato. A retirada das imagens dos santos familiares descontextualiza a devoção e afasta o objeto sagrado que possui poder e agência dos seus donos por direito. Já Dona Jacira, com seus treze ou quatorze anos, se percebeu imersa em um conflito religioso que não era dela propriamente dito, era entre Dona Cirena Amanajás e o Padre Guido Fossati, porém participou ativamente ao obedecer seu pai e iniciar as orações. Por fim, ela faz a observação: a maioria das pessoas seguiu a imagem de Santo Antônio e a Dona Cirena Amanajás, e a minoria permaneceu na missa, no sacramento e com o sacerdote.

Outro conflito ocorreu diretamente com o primeiro bispo, Dom Ângelo Rivato, na chegada da procissão fluvial, no dia primeiro de junho, não se sabe o ano ao certo. Como era de costume, Dona Cirena iria descer com a imagem de Santo Antônio nos braços, porém ele estava no trapiche municipal e aparentemente queria carregar a estátua. O mais inusitado foi o tom de ameaça dele de empurrá-la na maré, porém a resposta dela foi precisa, se jogar um, jogará os dois, ela e o Santo Antônio.

Ela [Dona Cirena Amanajás] contava que teve uma vez que ela desceu com o Santo Antônio, e o Dom Ângelo disse para ela que ela não ia descer, e ela disse que ela ia descer com o santo dela. E ele disse que ia jogar ela do trapiche. Aí, ela disse que se ele fosse homem era para ele jogar ela e o santo dela do trapiche. Mas que ela ia descer e vinha com ele. (Fernanda Amanajás)

Uma crítica que escutei de um interlocutor, que prefiro ocultar o nome, foi a não construção de uma capela para Santo Antônio, pois se todos os anos o arraial é preparado, já poderiam ter viabilizado o lugar de oração. Porém, Milena e Fernanda Amanajás

também tocaram nesse assunto, e as falas ressaltam que uma boa parte dos gastos do arraial são custeados por eles mesmos, os membros da família, portanto, não gera margem de lucro alta, ao contrário, por vezes até ocorre prejuízo.

Um fato importante que eu desconhecia era de Dona Cirena Amanajás também ter sido uma grande benzedeira de Ponta de Pedras, até conversar com a senhora Dionéia Ribeiro. Ela contou que sua filha caçula, Dulce, depois deles receberem a visita de Luiz, um homem cearense morador no terreno do seu sogro que começava a se sentir mal. Ao chegar, ele costumava falar e brincar com a criança, ao sair ela começava a ficar mufina¹² e sentir febre. Então, a mãe levou Dulce para Dona Cirena Amanajás para benzê-la. Dona Cirena realizou uma oração na cabeça da criança com um galho na mão, era uma planta cheirosa, e também abençoou o peito e as costas.

No término do ritual, a sua filha melhorava, mas na semana seguinte os sintomas retornavam. Então, ela mandou benzer uma blusa para vestir na criança. Quando um dia, Dona Cirena falou o seguinte a ela: tu sabes, tem uma pessoa que mora próximo de ti que dá quebranto na tua filha. É uma pessoa que vai à tua casa e agrada a ela. Assim, Dona Dionéia recordou que era o senhor Luiz sair que começavam os sintomas. Ela seguiu o conselho de Dona Cirena e procedeu da seguinte forma: no momento em que ele estava chegando, ela escondeu sua filha e foi esperar o homem na ponte. Ele já chegava e perguntava pela Dulce. Dona Dionéia o repreendeu, disse que ele estava adoecendo a filha dela, ele ficou chateado e não apareceu mais em sua casa, enquanto a sua filha Dulce seguiu seu crescimento sem os sintomas de quebranto. Anos mais tarde, este mesmo homem foi preso por abuso a uma menor de idade. Portanto, Dona Dionéia Ribeiro considerava Dona Cirena Amanajás como “uma pessoa iluminada por Santo Antônio”.

É possível associar o fato de Dona Cirena manter uma festa de santo do patamar da festa de Santo Antônio e um prestígio social por ser benzedeira, como motivos que reforçaram o clima de competição com a igreja local. Conforme Brandão (1980), os especialistas de cura são vistos com mais desconfiança, e muitas vezes não cabia o mesmo tratamento de “recuperação” dado pela hierarquia a outros especialistas locais, pois dentro do catolicismo não havia uma classe em que poderiam ser incorporados e nem na

¹² Forma popular de expressar uma fraqueza corporal e também de ânimo.

medicina ocidental. O autor aponta como possível motivo para que estes tenham resistido e multiplicado seus serviços, pois viviam apartados da vida paroquial.

De acordo com Sérgio Pereira, as pessoas vinham até ela com os seus pedidos de graças, a fim de que ela pudesse pedir a Santo Antônio. O santo já teria feito diversos milagres e curas porque ela pedia, ou seja, por sua mediação. Ao invés dos fiéis procurarem o sacerdote, por exemplo, como um mediador oficial do sagrado, era na pessoa da Dona Cirena Amanajás que reconheciam o prestígio baseado na relação com o santo de Portugal. Segundo a literatura acadêmica, é uma marca do catolicismo popular romper com a hierarquia sacerdotal. Sim, ele rompe com os sacerdotes, porém, eu defendo que não se rompe com a hierarquia em si, apenas é deslocada de lugar. Ao invés dos especialistas oficiais (clero) intermediarem entre a realidade humana e a divina, os especialistas populares (rezadores e rezadoras de ladainhas) assumem esse papel. Neste caso, Dona Cirena Amanajás faz a ligação entre a terra (o pedido, fiel) e o céu (milagre, santo, Deus).

Figura 4- Dona Cirena Amanajás e a imagem de Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal de Dona Antônia Teixeira, ano desconhecido

Em vida, Dona Cirena havia repassado a Trezena para sua filha Marilene Amanajás. Como relembra Milena Amanajás, sua mãe sempre ajudou a sua avó, era seu braço direito. Então, Dona Marilene Amanajás assumiu esse encargo, porém faleceu em 2008, antes de Dona Cirena Amanajás. Milena e Fernanda Amanajás e também Dona Rosa Baía narraram como foram as últimas horas de vida de Dona Marilene Amanajás. Ela foi realizar o sonho de ver e rezar ladainha com o senhor Antônio Platão.

De acordo com Dona Rosa Baía, a ladainha ocorreu na casa do senhor José Ribeiro, no rio Jupuúba. Ao encontrar o senhor Antônio Platão, Dona Marilene falou: eu só vim porque era um sonho para mim ver o senhor rezar a ladainha, seu Antonio. O seu Antonio disse: mas tu rezas também, Marilene. Ela respondeu: mas a que eu rezo é diferente da sua, eu sei porque já me contaram. Aí ele lançou o convite: é, então a gente vai rezar hoje. Eles rezaram, após isso houve o jantar e conversaram durante a refeição.

Entre os assuntos, Dona Marilene Amanajás disse que se sentiu emocionada e muito feliz porque a Dona Rosa Baía já tinha aprendido a rezar a ladainha do senhor Antônio Platão. Então, Dona Rosa ressaltou a importância de ensinar para alguém porque ela não iria viver para sempre e Dona Marilene concordou. No retorno para a sede do município, Dona Marilene começou a passar mal. Ela sofreu um infarto e veio a óbito. E Dona Rosa Baía chegou à seguinte conclusão: “às vezes Deus não deixa a gente morrer antes de ver certas coisas”.

Nesse contexto, Dona Cirena Amanajás perguntou para as netas se elas podiam ajudá-la nos preparativos da festa, e elas responderam afirmativamente. O que elas indicavam, tanto Milena quanto Fernanda Amanajás, que não imaginavam a proporção dessa organização. Portanto, por uns 4 anos elas contaram com a experiência de Dona Cirena Amanajás para ensinar o que deveria ser preparado. Elas sempre participaram da Trezena desde criança, porém sem assumir a direção. Das quatro irmãs - Dircilene, Milena, Fernanda e Luana Amanajás - foi Milena que se tornou “a cabeça” da festa. Desta forma, a imagem de Santo Antônio circula entre as mulheres, o santo no qual o casamento faz parte do imaginário popular.

Já no final da vida de Dona Cirena, ela instrui as netas em como proceder com a festividade. Ela ofereceu duas opções: ou elas continuavam a festa, ou queimavam a imagem em praça pública. Embora possa aparentar se tratar de uma posição extrema, ela explicou em seguida sobre os conflitos com a igreja, tão grandes efetivamente, que ela preferia a imagem em chamas ao seu retorno ao templo católico.

Se ninguém mais quisesse fazer a festividade dele, que para a igreja não era para dar. Que era para botar ele no meio da praça e queimar. Mas que para a igreja não era para dar ele. Porque pela batalha que ela teve para não levarem, para não tomarem dela. Pois foi uma imagem que ela ganhou e queriam tomar dela, enfim, uma série de situações. (Fernanda Amanajás)

A relação de intimidade com os santos católicos e a confiança nos seus poderes sobrenaturais são duas características que não se anulam, mas se complementam. Os filhos de Dona Marilene Amanajás, além de organizar a festividade, também são novenários. Fernanda Amanajás recordou que em um ano ela estava sem um emprego fixo, mas não pretendia deixar em branco o dia primeiro de junho, início da festa. Então, foi até a imagem de Santo Antônio para ter uma “conversa íntima com ele”.

A proximidade, ela o chama de “careca”, ao mesmo tempo, tem a esperança de seu auxílio. Pediu para que possibilitasse comprar bolo, café, mingau e as pistolas. A noção de sagrado imanente está presente, pois há familiaridade e até uma alcunha para o santo, o “careca”. Todavia, é também transcendente, porque Santo Antônio pode operar a graça que Fernanda solicitou. Como desfecho, ela conseguiu comprar sete caixas de pistolas, por ser um dos dias mais importantes. A partir do meio-dia, começaram a chegar mais doações, e ela disse ao santo: “você trabalha direitinho”.

Milena Amanajás disse que boa parte das pessoas a incentivam a encerrar a Trezena, pois a percebiam como um dispêndio de tempo, energia e de paciência para a família. Pois envolvia um conflito pelo espaço disputado da casa da Dona Cirena Amanajás, que está atualmente à venda. Ela conversou com os herdeiros para deixarem a fachada da casa para manter a festa no mesmo local, e assim não a descaracterizar, que se pudesse construir uma capela para Santo Antônio. Os filhos de Dona Marilene, disse Milena Amanajás, se pudessem comprar o terreno teriam o seguinte ideal: “o sonho seria construir a capela na frente e no espaço de trás fazer um projeto social: música, bordado, um retorno social para a população”. É um projeto nutrido na vontade de contribuir com o município, mas ainda sem uma estrutura ou financiamento concreto.

Em 2020, no auge da pandemia de Covid-19, todas as atividades públicas foram suspensas. Então, para não deixar sem fazer nada, a família Amanajás promoveu uma procissão rodoviária com a imagem de Santo Antônio. A imagem do santo foi colocada em cima de um carro, e elas com o auxílio do carro som falavam palavras de conforto e esperança em um momento tão difícil para todos. Os pães bentos foram distribuídos ao longo do caminho, e as pessoas acorriam para recebê-lo, um momento emocionante e muito forte, contou Milena Amanajás.

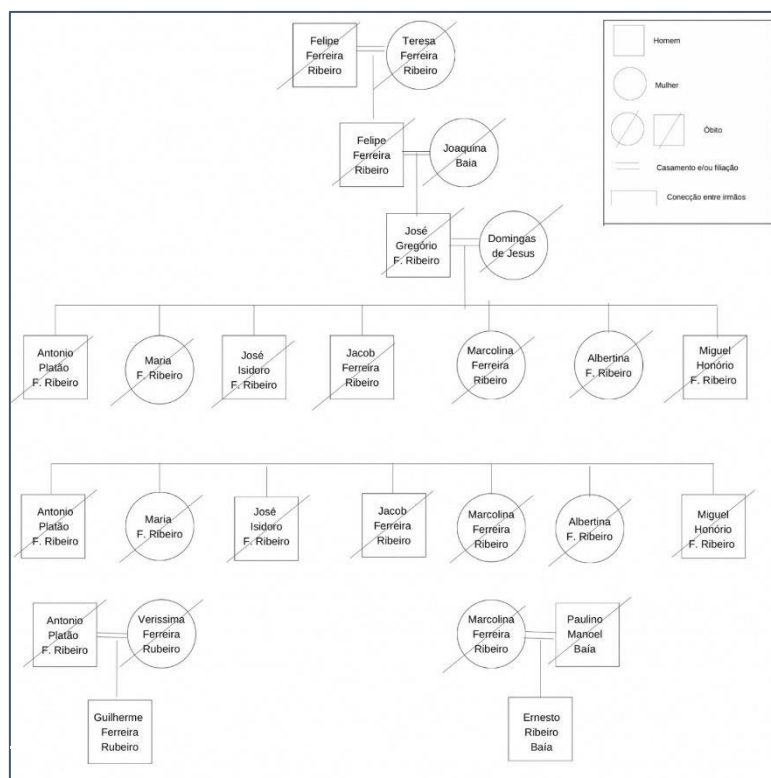
Mesmo diante das dificuldades, Milena Amanajás aponta a família como base. A união entre elas e seus irmãos foi fortalecida mais ainda com o óbito inesperado de sua

mãe, Dona Marilene Amanajás. Pois eles assumiram essa devoção pelo amor por quem o iniciou, pela força dos propósitos de sua mãe e de sua avó. Eles desconheciam a amplitude real da responsabilidade da Trezena, mas que hoje lutam para mantê-la viva em honra dessa memória.

2) Família Ferreira/Ribeiro/Baía

Ernesto Baía contou que a história do Rio São Miguel remonta à chegada de um desbravador português no século XIX, com o objetivo de colonizar a área, chamado Felipe Ferreira Ribeiro. Ele veio com o auxílio da coroa portuguesa, a partir da doação dessa sesmaria. Com a colonização, eles agregaram também o elemento religioso para atrair os nativos e os indígenas. O senhor Felipe Ferreira Ribeiro teria trazido a imagem de São Miguel Arcanjo consigo. A ocupação do território e as missões catequéticas serviam para atender ao governo português.

Gráfico 2- Gráfico de Parentesco Família Ferreira/ Ribeiro e Baía



Fonte: produzido pela autora (2025)

Outra versão para a chegada da imagem do santo foi narrada pela Dona Rosa Baía. Segundo ela, o senhor Antônio Platão contou o seguinte: no final do século XIX, os foliões de Abaetetuba vinham rezar a ladainha na localidade. Na época do Felipe Ribeiro, avô do senhor Antônio Platão, alguns italianos acompanhados de um padre trocaram as

imagens, que seriam a imagem de Cristo Crucificado, São Miguel de madeira e a Santíssima Trindade. Todas essas imagens estão na capela e são as mais antigas. E o senhor Antonio Platão afirmava que a devoção a São Miguel Arcanjo é mais antiga que o Círio de Ponta de Pedras, que ocorreu em 1892, pois já teria começado com os foliões de Abaetetuba.

Na época do senhor Gregório Ferreira Ribeiro, entre as décadas de 1930 e 1950, havia criação de gado, então, ao chamar a ladainha de São Miguel Arcanjo, ele servia um grande banquete para os presentes. Muitos, para não voltarem à noite para suas localidades ribeirinhas ou para a sede do município, eles passavam a noite no barracão da família, traziam suas redes e lá pernoitavam e já permaneciam para o outro dia da festa. Portanto, o Rio São Miguel era um ponto de romaria, como aponta Sanchis (1983), pois o lugar acolhe visitante e devotos que chegam de outros lugares para festejar o Arcanjo Guerreiro.

Conforme entrevista de Ernesto Baía, por volta de 1800, a capela era dentro da casa, uma sala preparada para receber os momentos de oração. Já em 1820, foi construída uma capela separada, ao lado da casa-grande, de madeira e coberta de palha. Na época do senhor Antonio Platão, ele doou em vida um pedaço de terra para construir a atual capela de São Miguel, em alvenaria. A imagem do Arcanjo São Miguel circulou entre os filhos homens e hoje se encontra na Capela de São Miguel Arcanjo, vinculada à paróquia.

No Rio São Miguel, havia um rezador anterior ao senhor Antônio Platão pertencente à sua família, era o seu tio Avelino Ferreira Ribeiro. Ele também se deslocava para rezar em outros rios da área ribeirinha de Ponta de Pedras, principalmente no Rio Fortaleza II, pois lá também havia parte de sua parentela. Como é de costume, também tinha seus acompanhantes, o senhor Pacífico Ferreira Ribeiro, que possuía baixa visão, sua filha, Dona Filomena Ribeiro, e também Dona Tércia Ribeiro.

De acordo com Manoel Antônio Ribeiro, o senhor Antônio Platão era um rezador disponível a ir onde o chamassem para rezar a ladainha. Os seus primeiros acompanhantes eram Pacífico Ferreira Ribeiro e Manoel de Nazaré Jardim Ribeiro. Com o passar dos anos, seus companheiros de oração faleceram e Dona Rosa Baía que já frequentava a comunidade São Miguel, começou a participar junto com ele.

Figura 5- Foto da lembrança de falecimento do senhor Antonio



Fonte: acervo pessoal de Guilherme Ferreira Ribeiro

Dona Rosa recorda que ela não é parente próxima do senhor Antonio Platão, mas ela o chamava de tio, e isto era um hábito comum entre as pessoas do rio São Miguel. Quando alguém perguntava se ele era tio de verdade, ele respondia que sim, que ela era sobrinha do coração. Dona Rosa, além de acompanhar o senhor Antônio Platão nas ladainhas, também o ajudava na coordenação da comunidade São Miguel.

Guilherme Ferreira Ribeiro contou que Dom Ângelo Rivato gostava muito do seu pai, e também com os outros bispos a relação foi tranquila. O padre Guido Fossati costumava fazer seus retiros espirituais no Rio São Miguel, onde permanecia por 15 dias. Portanto, essa proximidade pode ser entendida como amizade. Para Brandão (1980), a troca da autonomia de um rezador/a se daria no caso do ajustamento do especialista popular às normas da hierarquia da igreja, portanto, se torna um híbrido, ao mesmo tempo, rezador popular e leigo engajado da igreja. Isto pode causar a perda da autoridade e da credibilidade por parte da comunidade em que está inserido. Por exemplo, quando o leigo cumpre a ordem do sacerdote em detrimento da vontade da comunidade. No caso do senhor Antonio Platão e da Dona Rosa Baía, um papel reforçou o outro, de rezador/a e coordenador/a da comunidade São Miguel Arcanjo.

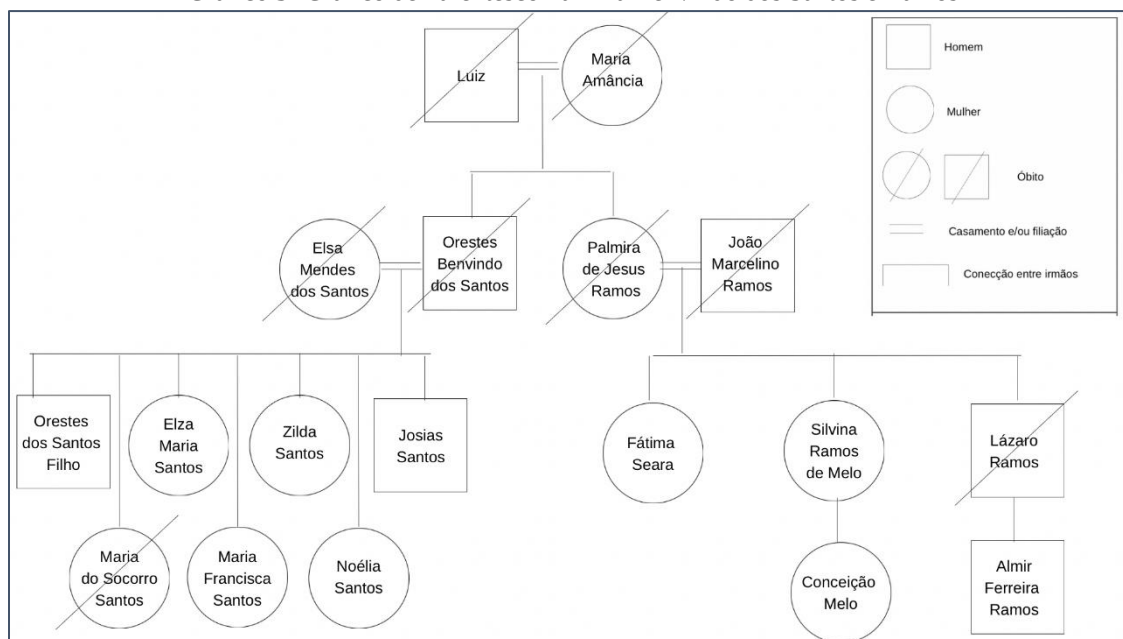
Um caso de tensão aconteceu com Dona Rosa Baía e uma integrante da comunidade São Miguel, por conta da pintura das portas e janelas da capela. Então, o senhor Antonio Platão para reforçar a autoridade de Dona Rosa, foi buscar a base na

história da mãe dela que teria nascido e vivido na localidade, ou seja, ela possui “raiz” no rio São Miguel. Isto legitimaria coordenadora da comunidade e rezadora de ladainha. Dona Rosa Baía disse o seguinte: “por isso ele [Antonio Platão] dizia para mim: tu tens que aprender, tu tens sangue, o teu sangue é daqui do São Miguel”.

3) Família Benvindo dos Santos e Ramos

Dona Elsa Maria Santos recorda que a ladainha familiar para São Raimundo Nonato tem como origem sua avó Maria Amância de Jesus Ramos e advém do tempo da escravidão. “Mãe Amância figura tradicional e legendária em Ponta de Pedras, vinha do tempo da escravidão” (Santos Filho, 1993, p. 51). O autor continua sua narrativa e diz que ela morava no atual bairro do Campinho e os que passavam pediam sua benção. Edinelson Castro afirmou ser comum chamar de mãe para a parteira que te trouxe ao mundo.

Gráfico 3- Gráfico de Parentesco Família Benvindo dos Santos e Ramos

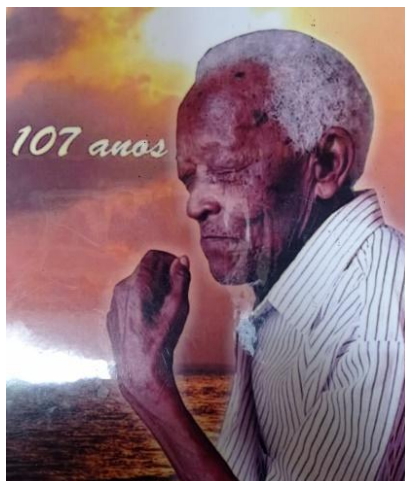


Fonte: Produzido pela autora com base em pesquisa de campo (2025)

Pois bem, Dona Amância cultivou a devoção a São Raimundo Nonato exatamente por ser padroeiro das parteiras e das gestantes. Ela recorria à sua intercessão para obter

bom êxito, inclusive nos partos difíceis e de risco. Ela promovia a ladainha e também sabia rezá-la, bem como seus dois filhos: Orestes Benvindo dos Santos e Palmira de Jesus Ramos. As gestantes também recorriam com fervor à ladainha para o santo, e assim buscavam obter uma boa hora.

Figura 6- Lembrança de falecimento do senhor Orestes Benvindo dos Santos



Fonte: acervo pessoal de Orestes dos Santos Filho

A Irmandade de São Raimundo Nonato do bairro da Campina em Belém, apresentava características semelhantes à ladainha pontapedrense. Ela foi fundada em 1870, era composta por negros escravizados, em sua maioria mulheres. A comemoração ao santo ocorria no dia 31 de agosto, conforme o calendário litúrgico católico. As mulheres tinham apreço a este santo, em especial, por ser o protetor das parteiras e parturientes, de um estágio de vida feminino e um ofício predominantemente exercido por elas. As mulheres escravizadas, apesar de tolhidas em sua liberdade, buscavam construir suas famílias e se tornavam mães, e recorriam ao santo para um bom trabalho de parto (Henrique, 2009).

Enquanto Dona Palmira estava viva, a ladainha era rezada no dia 31 de agosto, dia de São Raimundo Nonato, a família disse que seu falecimento ocorreu na década de 1980. Posteriormente, no tempo de vida de Dona Maria Amância e de residência de Dona Silvina em Ponta de Pedras, a ladainha de São Raimundo Nonato começou a ser celebrada em três dias: 29, 30 e 31 de agosto. No dia 29, era na casa de Dona Silvina Ramos; dia 30, na residência do senhor Orestes Santos, para finalizar, dia 31, na casa de Maria

Amância. O lanche servido era bem característico: era preparado ovo batido com chocolate e rosquinhas, preparado pelas anfitriãs.

Em 2000, dona Silvina Ramos se mudou para Belém (Pa), e deslocava-se para Ponta de Pedras todos os anos para a oração. Isso perdurou até 2020, porque, por circunstâncias do seu adoecimento e também da Pandemia de Covid-19, a ladainha foi rezada na capital do estado. Nesse ano, a imagem antiga de São Raimundo Nonato quebrou, por isso foi trocada pela imagem atual. A imagem de São Raimundo Nonato possui o maior circuito, pois foi entre dona Palmira e o senhor Orestes, entre seus descendentes, bem como pelas cidades de Ponta de Pedras e Belém. Hoje reza-se em dois dias: na casa de Dona Silvina Ramos e na casa do senhor Orestes Benvindo dos Santos. Pois, com o falecimento de Dona Amância, não houve interesse de continuidade pelos filhos.

Dona Jacira Tavares disse que a família também possuía uma imagem de Nossa Senhora do Bom Parto. Ela é a mais velha dentre os onze irmãos. Sua mãe, cada vez que dava à luz, mandava rezar ladainha para São Raimundo Nonato, Nossa Senhora do Bom Parto e Santo Antônio. Emprestavam as imagens de São Raimundo e a Nossa Senhora do Bom Parto, de Dona Amância e o Santo Antônio, de Dona Cirena Amanajás.

O senhor Orestes dos Santos, como o senhor Antônio Platão, era um rezador itinerante. Eles eram amigos e muitas vezes rezaram juntos, como lembra Orestes Filho. Ele percorreu áreas ribeirinhas, exceto a região do Arari¹³, e da estrada até as praias do município. Ele se fazia presente os locais que pediam a oração e levava seus filhos ainda pequenos. Como lembra Dona Elsa, eles deveriam se comportar, ficar sentados e em silêncio. Para ela, o senhor Orestes os educou no estilo do militarismo, e ela associa isso ao período do fim da escravidão que ele viveu.

Ele foi criado assim, o papai era daquela geração dos negros, quando a mamãe do papai era viva, eles moravam na Vila de Santana e Tartarugueiro. O papai ainda foi do tempo dos escravos, papai quando nasceu começou a Lei do Ventre Livre, papai ainda era escravo, só não trabalhou, mas era escravo [...]. O papai ainda foi filho de escravos. (Dona Elsa Maria Santos)

¹³ São as comunidades pertencentes ao município de Ponta de Pedras, mas que geograficamente se localizam mais próximo ao município de Cachoeira do Arari, são elas: Tartarugueiro, Santana do Arari, Crairú e Porto Santo.

O senhor Orestes foi, por muitos anos, funcionário na escola Aureliana Monteiro, ele era o porteiro. Dona Antônia Teixeira era professora na referida escola também. Ela disse que na realização dos afazeres dele, se escutava aquela voz: era ele entoando os cânticos de ladainha em latim. Ela ressalta a beleza daquela atitude, trabalhar e cantar, além da voz que ele possuía.

Orestes filho contou que seu pai rezou até com mais de oitenta anos. Ele parou apenas quando perdeu a visão. Todavia, mesmo sem cantar as ladainhas fora, nas residências dos devotos, ele rezava sozinho em sua casa. Ele era um católico que pouco frequentava a igreja. Sua forma de oração era a ladainha, e enquanto pôde exercer esse ofício nunca se negou, pois gostava de fazer o que sabia fazer: rezar.

Dona Elsa Maria, filha do senhor Orestes dos Santos e Dona Fátima Seara, sobrinha do senhor Orestes, o tiveram como exemplo de rezador de ladainha e aprenderam dele esse ofício. Já a senhora Conceição Melo é neta de Dona Palmira Ramos, irmã do senhor Orestes, e ela tomou como exemplo a sua avó. Atualmente, elas conduzem a ladainha familiar em português, até a geração do senhor Orestes era rezada em latim.

O senhor Orestes e dona Palmira seguiram no cumprimento da promessa de sua mãe, dona Amância. Já dona Elsa Maria se tornou ainda mais devota de São Raimundo por conta da recuperação de sua mãe, após um aborto espontâneo. Dona Nazaré Aires, que é amiga da família e também as acompanha na oração, assimilou a oração através de sua avó Luzia e do seu tio Juraca (ela não sabe o nome dele).

2.2 - Herança do “dom” de rezar a ladainha

O dom é uma força sobrenatural que liga seu detentor ou detentora ao universo mágico, religioso e ao sagrado. Assim, há um afastamento do que é considerado profano. Para os que possuem o dom, dois momentos são importantes: a iniciação a partir da descoberta e a legitimação social (Cunha e Gonçalves, 2018). De acordo com Goldman (2012), o dom é algo dado independente da vontade de quem o recebe. Por ser uma dádiva, precisa ser colocada em prática, muitas vezes de forma gratuita.

O dom tem força e faz com que a dádiva circule, pois precisam ser dadas e retribuídas (Mauss, 2003). Para os rezadores e rezadoras, suas devoções aos santos e a oração não podem findar com sua partida desse mundo. Pois se trata de uma dádiva entre

a terra (rezadores, rezadoras e família devota) e o céu (santos, Deus, anjos). Se um presente dado às pessoas já gera uma dívida moral de retribuição, quanto mais a troca com o sobrenatural estabelece uma obrigação que ultrapassa a vida, a morte e as gerações.

A herança cultural africana valoriza o dom e o atribui à ancestralidade de seus antepassados (Nascimento e Lima, 2021). O pertencimento às famílias em que os parentes possuem ou possuíram o dom de rezar as ladainhas pode servir como um primeiro sinal de que seus membros também o detém, e a “obrigação” de pagar uma devoção familiar reforça a necessidade do aprendizado para que a tradição não morra. O saber musical do ritmo, melodia e forma de pronúncia foi repassado através da escuta, repetição, dos ensaios e do auxílio dos rezadores e rezadoras mais experientes, como ocorreu em cada caso, conferimos a seguir.

1) As mulheres da família Amanajás em torno da tradição familiar: Cirena, Marilene, Dircilene, Milena, Fernanda e Luana.

A Trezena de Santo Antônio sempre possuiu o caráter de festa familiar, ao mesmo tempo, possui uma projeção municipal. Gerações foram marcadas por esta festa. Caravanas vinham dos setores das áreas ribeirinhas para prestigiar as noites de ladainha e de arraial, principalmente se fossem os novenários. Portanto, pode-se considerar esse festejo como um patrimônio espiritual e cultural da cidade.

Como foi narrado anteriormente, Dona Cirena Amanajás enfrentou o clero local para manter a festividade familiar e a imagem de Santo Antônio em sua residência. A intenção dela era perpetuar a festa, mas se isso não ocorresse, preferia a imagem do seu santo destruída do que perder a sua dignidade caso a imagem fosse doada para a paróquia. A mesma história, agora nas palavras de Milena Amanajás, ela percebe que sua avó falou isso para que eles não tivessem dúvidas quanto à decisão. Aos netos, havia ainda a alternativa de manter a tradição familiar, a imagem, o esforço de Dona Cirena Amanajás e homenagear a memória de Dona Marilene Amanajás, e eles optaram por isso.

Tem uma parte espiritual, que tu não podes acabar de qualquer jeito. A vovó antes de falecer, ela falou que se a gente não desse continuidade, porque tipo assim, sempre fomos os netos mais presentes, e a mamãe o braço direito, vamos dizer assim. Então, sempre ela dizia para gente: se nós não déssomos continuidade na festa, que era para gente pegar a imagem de Santo Antônio e queimar em praça pública. Como a gente vai queimar a imagem de Santo Antônio em praça pública? Jamais. Então, eu tomei frente, mas as meninas

vieram todas comigo, não só as meninas como meus irmãos também. (Milena Amanajás)

A opção de deixar a imagem ser consumida pelas chamadas publicamente geraria dois problemas principais: 1) destruiria a memória da família e 2) causaria um grande escândalo na cidade. Assim sendo, as irmãs – Dircilene, Milena, Fernanda e Luana Amanajás- assumiram o aprendizado da ladainha e a organização geral da festa, sendo Milena Amanajás o núcleo da divisão dos trabalhos. Os irmãos - Denys Antônio, Delton e Tiago Amanajás - cuidam da procissão fluvial, da bandeirada, dos fogos e de ajudar a carregar o andor de Santo Antônio nas procissões.

O amor e o legado que atravessa gerações é o principal motivo que Milena Amanajás apontou para eles assumirem o propósito da festa, o amor por quem lhes repassou. Ela não resume a Trezena em uma tradição popular, não seria só um objeto, mas há também os sentimentos envolvidos. O esforço dispensado durante os treze dias traz a sobrecarga, mas no final da festa, quando tudo ocorre bem, eles sentem o alívio e a alegria do dever cumprido.

2) De Antonio Platão Ferreira Ribeiro para Dona Rosa Baía: o “sangue” do Rio São Miguel

O senhor Antônio Platão descende de uma família de rezadores de ladainhas, ele aprendeu a rezar as ladainhas com seu pai, José Gregório Ferreira Ribeiro. Ele cultivou o conhecimento da oração por meio da escuta e continuou o legado do seu pai, e não só ele: um dos seus irmãos também “foi puxador”, o senhor Miguel Honório Ferreira Ribeiro, bem como seu cunhado, o senhor Vicente Baía. Esses puxadores “eram tipo assim o padre, e era ali a referência era ele, ele é a peça principal” (Ernesto Baía). Conforme a literatura, uma das características do catolicismo popular é a ruptura com a hierarquia sacerdotal e a dispensa de grupos de intermediários, porém, segundo a visão dos meus interlocutores (as), acredito que os rezadores e rezadoras de ladainhas, seriam uma espécie de mediadores populares, entre o céu e a terra.

Uma expressão interessante que Guilherme Ferreira Ribeiro utilizou sobre seu pai, Antônio Platão, pode ajudar na reflexão - ele foi nascido e criado no rio São Miguel. A forma como ele falou isso, com um orgulho do lugar, demonstrou um sentimento de

pertencimento muito forte. Da mesma forma, o senhor Antonio Platão utilizou a origem familiar de Dona Rosa Baía para dizer que ela também era parte integrante do rio São Miguel, apesar de não ter nascido ou sido criada lá.

O rio São Miguel é o berço de vários rezadores e rezadoras de ladainhas no município de Ponta de Pedras. Como disseram os entrevistados, o dom está no sangue familiar dos Ferreira, Ribeiro e Baía. Por isso, reivindicar Dona Rosa Baía como herdeira legítima ajudava a fortalecer seu reconhecimento social. Dona Rosa disse que, no início, quando ela começou a acompanhar a oração com o senhor Antonio, ele não gostava que ela ficasse perto do povo, queria a presença dela na frente, bem ao lado dele. Isto já demarcava o seu lugar de destaque como uma das rezadoras.

A primeira ladainha que Dona Rosa rezou sozinha realizou-se no dia 26/04/2013, pois o senhor Antonio Platão já se encontrava doente, foi para São Jorge. A história é interessante: era de conhecimento de todos o estado de saúde do rezador da comunidade. Então, o senhor Iramido Pereira Ribeiro, também do rio São Miguel, começou a procurar alguém que rezasse a ladainha, já tinha entrado em contato com três ou quatro rezadores/as e não conseguiu nenhuma resposta positiva.

Até que um dia, ao reclamar dessa situação com a vizinha, ela lhe disse o seguinte: quer dizer que você vai buscar gente de fora e aqui no terreiro tu tens e não dá valor? E ele perguntou: Mas quem? Ela lhe respondeu, a Rosinha. Para confirmar, ele quis saber se realmente Dona Rosa Baía sabia rezar. A vizinha respondeu que sim, que as visitas dela na capela com o senhor Antonio Platão eram eles dois no ensaio da ladainha. Dessa forma, Dona Rosa começou a rezar sozinha e a comunidade São Miguel se certificou de que ela já possuía o conhecimento e o dom para dirigir a oração.

3) De Orestes Benvindo dos Santos para Elsa Maria Santos, Fátima Seara Ramos e Conceição Melo: o dom que Deus deu

A palavra dom surgiu apenas na fala dos interlocutores e interlocutoras da família do senhor Orestes Benvindo dos Santos. Eles tratam esse saber musical e religioso como uma aptidão advinda sobrenaturalmente, embora marquem os pontos de aprendizado, sempre baseado na experiência e na escuta atenta. Principalmente, marcam a mãe do senhor Orestes, Dona Amância, como uma figura decisiva para o ofício dele.

A mãe do meu pai, ela era da descendência de escravos maranhenses, e ele já veio com esse dom, com a mãe dele, era maranhense, a gente não conheceu ela. A mãe dele era maranhense, ela era escrava, meu pai aprendeu a rezar com eles. Na época era muito, os negros rezavam dentro das senzalas, as ladainhas, faziam aqueles rituais de tambores, e ele aprendeu com a mãe dele. (Orestes Filho)

Dona Elsa diz que aprendeu ao ouvir o pai dela cantar, e ela começou a gostar de ver e rezar. De todos os filhos, ela foi a única que procurou memorizar, pois contemplava a beleza da oração cantada em latim por seu pai. Ele cantava e tudo fluía, ele lembrava da oração por completo. Já no momento da doença, ela resolveu pedir para ele cantar, e ela copiou. Nos momentos que em ele travava, ela completava, pois também já sabia boa parte da reza.

A rezadora também indica outro fator que contribuiu para seu interesse em aprender a rezar a ladainha: ter frequentado a igreja desde pequena. Na infância de Dona Elsa Maria, a mãe dela sofreu sérias complicações em uma das gestações, e isto fez com que precisasse passar uma temporada de tratamento em Belém. Nesse período, ela foi morar na casa de uma tia, a Dona Fátima, que era uma católica fervorosa de missa. Então, Dona Elsa Maria foi incentivada a ir à igreja.

No momento em que a sua mãe retornou para a cidade, Dona Elsa se recusou a voltar para casa, por ser muito bem tratada pela tia e principalmente porque tinha se afeiçoado a ir para a igreja, e ela sabia que seus pais não costumavam participar. Das ladainhas participavam assiduamente, já das missas não, apenas pelo Círio da padroeira. Assim sendo, ela continuou morando com sua tia até crescer e se casar, e fazia visitas rotineiramente aos seus pais.

Dona Elsa percebe que sua filha não possui aptidão para a ladainha, ela não gosta. Ela é católica, vai à igreja, mas não tem vontade de aprender. A sua filha diz que a voz dela não é própria para cantar. Nas tentativas de cantar, ela perde a voz e não consegue sustentar. Por isso, ela tem preocupação com o repasse desse conhecimento, que veio de geração em geração, como ela disse –eu não sou pedra, todo mundo sabe nosso destino. Ela espera que a vontade de aprender desperte para que a festa de São Raimundo não termine na geração dela.

A Dona Fátima Seara e a Dona Conceição Melo falaram sobre esse dom que elas deram continuidade, um dom que vem desde o senhor Orestes dos Santos e da Dona

Palmira Ramos. Também tratam essa ladainha como uma missão, pois envolve a promessa e a tradição, e se há promessa, há dívida, e a reza de ladainha é justamente essa contrapartida a ser paga ao santo.

Ela promovia todo ano, ela morreu dia 21 de agosto, antes dela expirar, ela chamou todos os filhos. Disse: olha meus filhos, não é porque eu estou morrendo agora [21 de agosto] que dia 31 de agosto é dia de São Raimundo, o coco está debaixo no armário, as pistolas estão na casa do Orestes, o milho está aí dentro do armário, é para rezarem a ladainha e soltarem as pistolas. Ela morreu falando, pedindo, foi por isso que nós continuamos, todo ano a gente reza para São Raimundo, reza a ladainha. (Entrevista de Dona Fátima, últimas palavras de Dona Palmira de Jesus Ramos)

As noções de dívida e compromisso firmados com o sagrado podem ser tão fortes que ultrapassam as gerações. Não importam as condições para Dona Palmira, ou o luto dos seus filhos pelo seu falecimento: ela só quer assegurar a ladainha de São Raimundo Nonato no dia 31 de agosto, o lanche, as pistolas. É a devoção que supera a vida e a morte, e Dona Palmira, para morrer em paz, precisava manter a tradição pelo santo de devoção viva em sua família.

2.3 - Ensino e repasse dos saberes: o aprendizado das ladainhas ao longo do tempo

Aos primeiros e primeiras rezadores/as de ladainhas, uma alternativa havia em questão de aprendizagem: a escuta atenta e a repetição. A participação frequente no próprio ritual era a forma de treinamento para a memória. Acompanhar um/uma rezador/a experiente também contribuiria, até chegar o momento em que fosse necessário assumir o lugar do rezador/a oficial e “puxar” a ladainha.

Não há escolas, repito, como na igreja erudita, mas há redes sociais de docência. Dentro de uma, ou ao longo de algumas, o futuro especialista religioso aprende enquanto vive o seu período de trabalho auxiliar. Ali à sombra de um ou de alguns “mestres de fora” ou “daqui mesmo”, todo mundo “faz cabeça” em meio a situações sucessivas durante a vida e dentro da comunidade. Situações que lembram muito mais a oficina do que o seminário. (Brandão, p. 159, 1980)

Dessa forma, a ladainha é um espaço educativo, o saber é repassado e aprendido. Não há um lugar específico de obtenção desse, não há uma escola formal de rezadores de ladainhas, é na prática das orações que o conhecimento circula (Souza e Albuquerque, 2021). As ladainhas eram mais frequentes emendando-se conforme os dias dos santos de maior devoção em Ponta de Pedras: São Sebastião (janeiro), Santa Maria (maio), Santo Antônio e São Pedro (junho), São Raimundo Nonato (agosto), São Miguel Arcanjo

(setembro), São Francisco de Borja e São Francisco de Assis (outubro) e Santa Luzia (dezembro), além de outros santos de devoções familiares.

Para Ingold (2010), as capacidades não estão dentro do indivíduo (inato) ou fora dele, no ambiente (adquirido), mas nos sistemas ambientais criados que estão nessas fronteiras. O trabalho das pessoas influencia no aprimoramento das capacidades humanas, ao criar esses ambientes e a si mesmas. O conhecimento reside na educação da atenção, ou seja, no campo da prática e da realidade, e não nas estruturas do mundo e da mente. Assim, pode-se pensar em ressonâncias, fluxos, intensidades e contornos.

Na geração da Dona Cirena Amanajás, do senhor Antônio Platão Ribeiro e do senhor Orestes Benvindo dos Santos, bem como as gerações anteriores, a oração era cantada unicamente em latim. Esse latim não é aquele encontrado no Vaticano ou o lecionado nos seminários, é um “latim acaboclado”, como Edinelson Castro denominou. Ou melhor, é um latim afroindígena, uma oração com base no latim ensinado nas missões e foi repassado de forma oral através das gerações, havendo variações naturalmente do latim oficial.

Conforme apontou a pesquisa de Martins (2015), no município de Mocapajuba (PA), as ladainhas são cantadas como uma fórmula mística/mágica. De acordo com Malinowski (1943), a fórmula é o centro da prática mágica e deve-se: 1) imitar os sons da maneira correta; 2) citar os sintomas que poderiam infligir a vítima e 2) lembrar seus heróis e antepassados. Na ladainha, a forma certa é a repassada pela escuta e aprendizado dos mais experientes, sobre os males que poderiam prejudicar os devotos, fala-se dos pecados, do inferno e do demônio, os heróis são os santos protetores, em especial Nossa Senhora.

O mais importante não é obedecer à norma culta da língua latina, contudo obter seu efeito e sua eficácia de ritual de petição insistente, agradecimento por graça alcançada ou atualização de uma tradição familiar. A semântica e a fonética podem não condizer com a letra oficial da ladainha, e possuir até mesmo outra tradução. Essa é uma das possíveis críticas que surgem entre os membros do clero, caso detenham o conhecimento do idioma.

A Trezena de Santo Antônio possui um livro, um manual no qual está o roteiro completo dos treze dias das orações próprias do santo - oração, exemplo, máxima e a ladainha. No mesmo livro há a ladainha em latim e ao lado a sua tradução. Um ano este

livro foi perdido, Milena Amanajás enfatizou que a perda desse livro seria perder toda a essência da festa. Por sorte, havia uma cópia deste livro com Dona Antônia Teixeira, e ela o emprestou.

Exemplo

Estando certa ocasião Santo, Antônio pregando em uma igreja, entrou um homem, que pelos disparates e tolices que pronunciava, com que incomodava o concurso dos que estavam ouvindo, mostrou ser um louco confirmado. - «Não se cansem, que não sairá daqui o distúrbio, nem entrará o sossego, sem que aquele frade (apontando para Antônio, que estava no púlpito), me dê o cordão com que aperta o hábito». - No mesmo instante o Santo lhe atira com ele, e o homem o aperta a si, e fica logo prudente e sossegado como os outros, e com muito juízo, prestando toda atenção às doutrinas que o Santo pregava.

Máxima de Santo Antônio: *«Não confiemos na glória do mundo, porque é enganadora».*

Oração

Antônio prudente/ vós que em todas as ações/ de vossa curta vida/ patenteastes a pureza dos vossos costumes, a par da mais atilada prudência, com que extirpastes/as vossas dissensões/ que dividiam os homens/ conseguindo que as paixões /ateadas por uma liberdade indiscretal fossem refreadas e moderadas/ pelo que a prudência ditava;/fazei que,/ sendo eu vítima destas paixões/ no combate com elas procure por modelo/a vossa prudência/, para com ela diminuir/o número dos males, de que se acha juncada/a carreira de meus dias. A vossa prudência/seja a guia que me dirija/ na prática da justiça/ e da verdade companheiras inseparáveis da prudencial para que, unindo-as a outras/ que me são necessárias, / me justifique com elas/ perante Deus, meu juiz, e alcance, por vosso intermédio/ a graça que com tanto empenho solicito. Amém.

O exemplo de Santo Antônio traz alguma ação, milagre ou provação que o santo passou em vida. A máxima é uma frase dita por ele que leva aos fiéis à reflexão e à mudança de comportamento, geralmente tem esse caráter moral. E a oração é o pedido a Deus pela intercessão do santo de Portugal. Nessa citação acima, são as orações do dia 13 de junho, ou seja, da memória de Santo Antônio, o pedido principal é a virtude da

prudência e da ponderação. Portanto, o cultivo do autocontrole e da justiça nas atitudes cotidianas.

Milena lembra das dificuldades que ela e suas irmãs passaram no início da sucessão da tradição, pois apesar de sempre participarem da Trezena e do terço, ainda não sabiam dirigir o momento de oração e a ordem de cada coisa, principalmente a contemplação dos mistérios que dependem do dia da semana.

Quando eu iniciei, nem o terço eu sabia rezar, sabia mas não a sequência. E quem nos repassou foi a vovó aí ela ficava bem sentada na rede dela no quarto, quando a gente terminava, aí nós íamos lá: e aí vó, como foi? Ainda não está 100%. Na hora da ladainha ainda estão “correndo”, saíram do tom ou falaram aqui alguma palavra errada. E ela fazia essa avaliação. Acho que foi assim por uns 4 ou 5 anos. [...]. Ela dava os encaminhamentos, foi ela quem nos repassou, a vovó (Cirena Amanajás) foi ela que repassou ainda em vida, tudo que era para ser feito. (Milena Amanajás)

Dona Cirena Amanajás mostrou a preocupação de manter a forma e os sons das palavras da ladainha de acordo com aquilo que ela aprendeu. Ao dizer “ainda estão correndo”, ela se refere ao ritmo da ladainha, para não acelerarem em excesso. Outra crítica era “saíram do tom”, ao falar isso, ela tentava evitar as desafinações. O respeito dedicado ao santo exige o aprendizado correto dos cânticos da ladainha, pois eles são um canal direto de comunicação entre o devoto e o protetor celeste. Isto perpassa nas pausas corretas de respiração e nas pronúncias aprendidas, elementos ligados ao ritmo e à sonoridade (Cohen, Duarte e Conceição, 2023). Além disso, Dona Cirena também perguntava sobre a ornamentação do altar de Santo Antônio. Até seus 90 anos, mantinha-se por dentro da organização da festa. Ela costumava sonhar todos os anos com o resultado do altar pronto, Santo Antônio revelava como queria os enfeites, isto demonstra um sinal do dom mediúnico de Dona Cirena.

Fernanda Amanajás disse que o seu aprendizado iniciou ao assistir sua avó e sua mãe na oração, mas nunca cultivou um interesse, sempre observou por trás. Porém, por ser muitos dias, treze, por vontade ou não, ela ouvia a mesma oração todas as noites e aos poucos assimilou. Ela colocou a ressalva de não conseguir cantar sozinha, porém, se acompanhada de suas irmãs, entoava com fluidez. E a busca por esse aprendizado só foi reforçada a partir da morte de sua mãe, Marilene Amanajás, pois elas se tornaram as principais promotoras da festa, com a irmã Milena Amanajás como líder.

O aprendizado da ladainha de São Miguel ocorreu assim: Dona Rosa aproveitava os dias de terça, quinta e domingo nos quais seus filhos jogavam bola no campo ao lado da capela para ir ensaiar a ladainha com o senhor Antonio Platão. Na capela, o senhor Antonio Platão escolhia uma das imagens do santo para o qual eles iriam rezar a ladainha, colocava-a em cima de um batente e dizia: hoje vamos rezar para tal santo, sempre revezando entre as imagens possíveis.

No momento do ensinamento, ele retificava os erros: “olha, você tem que fazer assim” ou “nessa parte, tem que cantar mais alto para a pessoa que vai responder já pegar o início”. Então, para o senhor Antônio Platão, a integridade do som e do ritmo da ladainha tinham a sua relevância. Dona Rosa também usava muito a gravação. Ela gravava as orações e essas conversas entre eles na capela, mas pelas trocas de aparelho celular, perdeu esse conteúdo.

Dona Rosa Baía destacou o encontro com Dona Marilene Amanajás, em seu último dia de vida, como um incentivo para aprender a ladainha. Pois o senhor Antonio sempre repetia para Dona Rosa que ele não viveria para sempre e era uma necessidade de ela aprender, ou a tradição dessa ladainha teria seu término. E as palavras de Dona Marilene Amanajás ainda ecoam na memória de Dona Rosa Baía: minha filha, não deixa isso morrer, que é tão bonito! Olha, eu rezo para Santo Antônio todos os anos.

No caso do senhor Orestes Benvindo dos Santos, como diz Orestes Filho, ele nunca fez uma tentativa de que eles aprendessem a rezar a ladainha e eles também não demonstraram logo o interesse em aprender. Quando o senhor Orestes já estava mais debilitado, a sua filha Elsa Maria pediu para ele cantar a ladainha, ela gravou e a copiou para aprender.

Aí eu consegui copiar dele, ele cantava para mim. Eu consegui copiar a ladainha. Porque é assim cada ladainha tem a sua oração, não é só rezar, tem a oração do dia, quando tu faz a ladainha de Nossa Senhora tu faz o rosário, faz a ladainha de Nossa Senhora, depois tem a ladainha cantada do santo [...] Quando é um santo que eu não conheço, porque eu tenho que saber a oração do santo, não é só chegar lá e dizer assim: hoje vamos fazer a ladainha de São Francisco. Tu tens que saber a oração dele, tem que saber a ladainha dele. (Elsa Maria Santos)

Dona Elsa utiliza também a internet para procurar as orações dos santos e as ladainhas desconhecidas por ela. Um elemento diferenciador na ladainha de São Raimundo Nonato e da sucessão dela é que a oração é atualmente rezada em português e

não mais em latim. Dona Elsa tentou aprender no idioma cantado por seu pai, Orestes dos Santos, todavia não conseguiu. Ela falou isso com pesar, pois considera a ladainha em latim muito bela.

As formas de aprendizado adotadas pela geração atual de rezadoras contaram com a escrita da oração, seja ela em latim ou português, ensaios e a avaliação dos rezadores e rezadoras mais experientes e o gravador de voz como um registro fiel do ritmo e da pronúncia das palavras. Na hora da ladainha, elas utilizam o auxílio da letra da oração, diferentemente dos rezadores antigos, que a memorizavam. Dona Rosa vai além e distribui cópias para os fiéis poderem acompanhar e responder ao cântico. Essas são algumas das atualizações e estratégias para que a oração seja melhor vivenciada.

É uma fala comum entre os interlocutores, em especial entre os idosos, uma nostalgia e um pessimismo de que as ladainhas estão a ponto de terminar. Dona Gercina Tavares, por exemplo, acredita que, ao morrerem as pessoas mais velhas, os mais novos não irão assumir as devoções. Dona Antônia Teixeira diz que a festividade de Santo Antônio foi maior e mais bela no tempo de Dona Cirena Amanajás. Já o senhor Sécio Pereira afirma que as ladainhas foram necessárias no passado por conta da falta de padres, e hoje, por haver a paróquia e a diocese, poderia ser algo dispensável.

Porém, se as festas dos santos não têm o esplendor e a grandiosidade dos tempos de outrora, elas permanecem vivas e são reatualizadas conforme o tempo passa e os novos desafios são enfrentados. Há preocupação com a continuidade das tradições populares. De um lado, os intelectuais se afligem com a deturpação da festa, para eles, geraria um risco de desaparecimento da tradição. De outro, a inquietação dos devotos se baseia em quem vai se responsabilizar com o santo quando eles partirem. E isto, independente das mudanças na festa, da adoção de novidades e de tecnologias no roteiro festivo, contanto que a homenagem ao santo se mantenha.

Os membros dessas três famílias conseguiram duas coisas essenciais: repassar o conhecimento da oração e manter firme a festa do santo de devoção. Atualmente, a preocupação é com a próxima geração, se irá ou não assumir esse compromisso. Todavia, esta é uma resposta que só no futuro se dará. No último capítulo, serão analisados os rituais das ladainhas e a organização das festas com suas rezadoras atuais, com suas permanências e mudanças na escala temporal.

CAPÍTULO III - ETNOGRAFIA DAS LADAINHAS DE PONTA DE PEDRAS: RITUAIS DE BENÇÃO, DEVOÇÃO E CURA

No terceiro capítulo analisaremos os rituais das ladainhas como uma das formas de expressão de autonomia da gestão do sagrado por parte dos leigos e leigas, rezadores e rezadoras, na tentativa de responder ao problema de pesquisa veremos como os sujeitos de pesquisa procederam mediante à autoridade da hierarquia da igreja local. As orações cantadas das ladainhas em suas diferentes melodias e ocasião de colocação têm se mostrado um elemento essencial da manutenção e propagação da fé católica, embora perpassada por outras cosmovisões e crenças, fazem parte de uma oração oficial e antiga da igreja, aprendida possivelmente com os missionários das ordens religiosas nos projetos de catequização da Amazônia, em particular no Marajó.

As ladainhas que acompanhei são tiradas por rezadoras do município, atualmente não há homens na direção dessa oração. Estas ladainhas são orações constituídas de invocação e resposta. No início da ladainha há invocações à Santíssima Trindade seguida de uma resposta *miserere nobis* (tende piedade de nós), em seguida de invocações mais numerosas à virgem Maria e a resposta é *ora pro nobis* (rogai por nós).

Essas orações no município de Ponta de Pedras outrora foram mais numerosas. Muitos interlocutores e interlocutoras afirmaram que em cada rio havia um rezador, pois nessa época a figura masculina era mais frequente. Como a presença dos sacerdotes era escassa, antes da década de 1950, as orações cantadas das ladainhas representavam o centro da liturgia católica disponível. Portanto, muitos foram os rezadores e rezadoras de ladainha do município, porém três ladainhas e seus rezadores e rezadoras serão destacados nessa dissertação: a Trezena de Santo Antônio, a festividade de São Miguel Arcanjo e a ladainha de São Raimundo Nonato. O motivo desta escolha se deu ao fato de que foram ladainhas em que houve sucessão e continuidade.

Quadro 2- Localização dos rezadores e rezadoras de Ponta de Pedras

	Rezadores e Rezadoras	Área municipal	Gênero	Local da oração
Ladainha de Santo Antônio	Dona Cirena Gomes Amanajás (1915-2013) Marilene Amanajás (1949-2008)	Zona Urbana	No passado mulher e homem;	Casa

	Dircilene Amanajás (53 anos) Fernanda Amanajás (38 anos) Luana Amanajás (34 anos) e Milena Amanajás (45 anos)		atualmente mulheres	
Ladainha de São Miguel	Antonio Platão Ferreira Ribeiro (1929-2013) Rosa Baía (52 anos) Adriana Tavares Ribeiro (45 anos)	Zona Rural (ribeirinha) e Zona Urbana	No passado homens; atualmente mulheres	Casas de quem solicitar e Capela
Ladainha de São Raimundo Nonato	Orestes Benvindo dos Santos (1906-2013) Elsa Maria Mendes dos Santos (52 anos)	No passado (Zona Urbana e Rural); atualmente Zona Urbana	No passado homem; atualmente mulheres	Casa da família

Fonte: elaborado pela autora.

Atualmente, no município de Ponta de Pedras, as mulheres mantêm a tradição desta oração cantada, isto revela um contexto recente de protagonismo feminino no qual elas ocupam um espaço de direção e de mediadoras do sagrado. É importante ressaltar isso, pois há algumas décadas esta função era ocupada preponderantemente por homens. A exceção a isto sempre foi a Trezena de Santo Antônio na qual houve direção feminina constante.

3.1 - “É muita coisa, a gente fica muito sobrecarregada”: o preparo e os convites de uma ladainha

Os dias que antecedem as ladainhas são vividos com intensidade e de forma laboriosa, como sugere a frase destacada no título deste tópico, dita por Milena Amanajás, uma das rezadoras da Trezena de Santo Antônio, considerada como a articuladora da festa. Os preparativos requerem a contribuição de muitas pessoas, geralmente, os familiares dividem as tarefas e cada um se torna responsável por alguma atividade específica. Por vezes, uma pessoa é identificada como responsável, pois toma a frente na articulação e no gerenciamento do ritual. No caso de Milena Amanajás ela é reconhecida pelas suas irmãs e pelos novenários no exercício dessa função que requer assiduidade nos dias da Trezena e na divisão das tarefas entre os seus irmãos, os novenários e novenárias,

os juízes do mastro, entre outras coisas. Porém, todos se sentem membros ativos, pois o resultado depende da ajuda de cada pessoa de forma individual.

As ladainhas de Ponta de Pedras, que tive o prazer de acompanhar, ocorreram de 01 a 13 de junho de 2024, a Trezena de Santo Antônio; de 02 de setembro de 2023 e 29 de setembro de 2024, a ladainha e festividade de São Miguel Arcanjo; e no dia 30 de agosto de 2024, a ladainha de São Raimundo Nonato. Essas datas não são aleatórias, no caso de Santo Antônio, se inicia no começo do mês de junho e tem o término no dia da memória do santo. São Miguel Arcanjo também, ambas são em setembro e a última é o dia da festa do Arcanjo, bem como São Raimundo Nonato é comemorado no dia em que a ladainha foi rezada. Esses rituais possuem organizações distintas, em virtude disso cada uma possui estrutura própria e diversas amplitudes na escala social, e uma mesma ladainha também passou por mudanças internas ao longo do tempo. Portanto, a seguir serão descritas algumas peculiaridades na organização de cada uma dessas orações.

As três ladainhas de Santo Antônio, São Miguel e São Raimundo Nonato são antigas, as duas primeiras centenárias, e a terceira tem no mínimo mais de setenta anos. Portanto, as datas são popularmente conhecidas. Muitos interlocutores/as afirmaram que a festividade de Santo Antônio e de São Miguel só eram ultrapassadas em importância pela festa da padroeira do município, Nossa Senhora da Conceição.¹⁴ A ladainha de São Raimundo Nonato era reconhecida como meio de devoção de um segmento específico, as mulheres gestantes, afinal ele é conhecido como padroeiro das gestantes e das parteiras. A partir desse momento vamos acompanhar com mais detalhes a experiência de campo nas três ladainhas: Trezena de Santo Antônio, ou seja, treze dias de ladainhas, São Miguel Arcanjo dois dias, um de ladainha e um da Missa na Comunidade São Miguel, e a ladainha de São Raimundo Nonato é atualmente rezada em um dia.

¹⁴ A primeira procissão ocorreu no ano de 1892, organizada por moradores de renome que moravam às margens do Rio Marajó-Açu (atual sede do município). Eles decidiram trazer a imagem da Vila de Mangabeira e colocar na capela de palha construída no local em que viviam, e denominaram em Ponta de Pedras. Porém, os moradores da Vila de Mangabeira relataram que podiam ver as pegadas da santa pelo caminho, no qual ela retornaria. O Círio de Nossa Senhora da Conceição, de Ponta de Pedras, acontece atualmente no último domingo do mês de novembro e se estende até o dia da padroeira, 08 de dezembro. Esse é o período da festividade, com missas na Catedral e venda de comidas no Centro Social Dom Ângelo Maria Rivato. Na sexta-feira, antes do Círio, há a Missa de encerramento das peregrinações, no sábado o Círio Fluvial, Rodoviário e Trasladação, e no domingo a grande procissão do Círio. A igreja coordena as atividades do Círio juntamente com os sacerdotes e a diretoria da festa. Os leigos estão envolvidos em diversos processos: novenas, doações, homenagens, organização da liturgia e no abastecimento de comida do Centro Social.

3.2 - Etnografia dos rituais de ladainha e festividades: mudanças e permanências no decorrer das gerações

1) Trezena de Santo Antônio

Os foguetes servem de aviso: as festividades estão abertas. No dia primeiro de junho, as pistolas começam às 6h da manhã, lembro da minha infância, acordava cedo para ir à escola e escutava o barulho, e a minha mãe falava: “êh, Santo Antônio! ”. Era inconfundível, nenhum pontapedrense ao constatar o dia não lembraria da festa do santo. Esse ritual das pistolas se repetiria até o dia treze de junho, memória litúrgica¹⁵ de Santo Antônio.

Na Trezena de Santo Antônio, os principais responsáveis pela festa são a família Amanajás, pois é uma tradição nascida em torno desse núcleo, na comemoração do santo padroeiro. Por ser uma festividade que ultrapassa a perspectiva familiar, os preparativos são realizados com antecedência. Algumas ações se destacam como a confecção e o envio de ofícios, inclusive para a prefeitura para garantir o combustível e a embarcação que leve os devotos, neste caso a prefeitura cedeu aquilo que foi requisitado e a boa convivência das rezadoras com a administração em questão pode ter contribuído. O documento também foi enviado para o grupo dos guardas de Nossa Senhora da Conceição¹⁶ para que se fizessem presente até o local de onde sairá a procissão fluvial e para que acompanhassem a procissão terrestre em seguida. A estrutura de som utilizada nos treze dias também custa um valor considerável, que por vezes é dividido entre os novenários.

Um exercício anual dos organizadores da Trezena é confirmar com os novenários se estão dispostos a continuar como responsáveis de determinada noite. Alguns já possuem uma noite fixa, já tradicional, outros podem mudar dependendo de sua preferência. Os treze dias não significam treze novenários, ao contrário, se observam geralmente familiares e amigos que se unem para promover uma das noites da festa. O custeio do som, dos fogos e do banquete de cada noite depende da contribuição de seus novenários. Segue uma tabela com a visão geral da estrutura da festa.

¹⁵ Na igreja católica, há três formas de festejar um santo, em ordem crescente de importância: memória (facultativa ou obrigatória), festa e solenidade. Santo Antônio e São Raimundo Nonato celebram a memória, já São Miguel Arcanjo é festa.

¹⁶ Os guardas da santa são na maioria homens, mas em Ponta de Pedras existe hoje um número considerável de mulheres. Eles acompanham as procissões dos santos, ajudam a puxar a corda do círio e a carregar as estruturas de madeiras que carregam as imagens do santo (andores).

Quadro 3- Cronograma da Trezena de Santo Antônio 2024

Dia	Processos Rituais da Trezena (Ano de 2024)
31/05	Ladainha na área ribeirinha de onde a imagem sairá em procissão no dia seguinte
01/06	Procissão fluvial; chegada no município procissão terrestre; ida para a Catedral; Missa ou Celebração da palavra; Ida para a casa de Dona Cirena; Novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
02/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
03/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
04/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
05/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
06/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
07/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
08/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
09/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
10/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
11/06	Visita da imagem e da Comissão de São Sebastião de Cachoeira do Arari 19h; novena em honra a Santo Antônio 20h ; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
12/06	Terço 20h; novena em honra a Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.
13/06	Missa com a bênção dos pães 9h; quebra jejum dos idosos; 17h procissão pelas ruas de Ponta de Pedras; 20h Novena de Santo Antônio; Ladainha; Banquete; Arraial e festa dançante.

Fonte: elaborado pela autora.

A festividade de Santo Antônio se manteve viva e familiar mediante conflitos com a hierarquia da igreja local, representada pelo primeiro bispo Dom Ângelo Rivato, jesuíta italiano. Ele e Dona Cirena entraram em divergência diversas vezes, houve até uma ameaça por parte do bispo de “empurrar no rio ela e a imagem dela [Santo Antônio]”, essa frase foi me dita pelo senhor Arrison Alencar. Esses embates fizeram parte de um projeto pastoral amplo de cooptar as festividades dos santos para a estrutura e o controle da igreja, visto que em Ponta de Pedras as devoções e festas dos santos partiam mais diretamente das famílias.

Apesar de o primeiro bispo ser adepto da teologia da libertação, ele manteve atitudes reconhecidas como do período da romanização, no qual as iniciativas dos leigos eram, em geral, malvistas. De um lado, o povo e sua suposta ignorância nos assuntos espirituais e, de outro, os sacerdotes formados nos seminários e, portanto, legítimos intérpretes das coisas sagradas (Maués, 1995). Os sacerdotes possuem uma educação formal, e atualmente, ao nível de graduação, o bacharelado em filosofia e teologia, que soma sete anos, três de filosofia e quatro de teologia. Portanto, recebem um conhecimento muito abrangente que não está ao alcance de todos os leigos, e isso pode gerar a presunção de um saber específico de uma classe de especialista.

Ao recordar a fala de Milena Amanajás: “naquela época a igreja tinha mais poder”, não só religioso, mas também social e político, é evidente que abranger uma festividade quase tão importante quanto o Círio da padroeira era também uma questão de manter o controle e de obter receita com o arraial. E assim, muitas festividades tiveram duas opções: ceder o direito de direção à Igreja sobre a festa ou terminar. O fim foi o caminho de várias festas, outras aderiram às regras paroquiais, exceto a Trezena de Santo Antônio.

Ao manter sua independência e autogestão, a Trezena não está sob o regime das diretrizes da diocese e nem da paróquia. Em 2001, no episcopado do primeiro bispo, Dom Ângelo Rivato, houve a promulgação da proibição de bebidas alcoólicas nas festividades em toda a diocese de Ponta de Pedras, isso causou conflitos entre os coordenadores de comunidades, pois se trata de uma prática antiga. A questão central é que a Trezena, por ser particular, tem a autonomia para vender e, por isso, manteve a venda de bebidas. Isso causa descontentamento em comunidades ligadas à paróquia. Retomarei mais adiante essa discussão, pois as regras e as resistências coexistem. Por outro lado, se não é vinculada à paróquia, as duas missas de Santo Antônio precisam ser pagas, a do início da festividade no dia primeiro na Catedral, e a do dia treze na residência de Dona Cirena Amanajás. As comunidades paroquiais não precisam “pagar” pelas missas, apenas agendar.

Figura 7 – A venda de bebida alcoólica no arraial



Fonte: elaborado pela autora; (02/06/2024)

Figura 8– Clima de festa dançante



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

A festividade de Santo Antônio tem um período de 13 dias, do dia primeiro a treze de junho, o encerramento é no dia do santo. No entanto, no dia 31 de maio há um momento importante: a imagem de Santo Antônio é levada às escondidas para a casa do devoto ou

devota, ou como em 2024, para uma capela na área ribeirinha de onde a procissão fluvial partirá no dia primeiro. Nas palavras de Milena Amanajás:

Nós vamos, tem uma coisa que ela [Dona Cirena Amanajás, avó da interlocutora] fazia, por exemplo: a pessoa que vem buscar no dia anterior, às vezes é 31, até 30. No dia 31 nos deslocamos para a casa dessa pessoa para fazer a novena na casa antes, para poder ele vir no outro dia para Ponta de Pedras. Então, na hora desse deslocamento no dia 30, ela dizia que ele tem que sair escondido. Então, a gente embrulha ele, não tem pistola, não tem nada. Ele sai, como se fosse escondido. Aí no dia 31, vai e reza a ladainha lá no sítio, na casa de quem pediu. E depois a gente retorna para enfeitar o arraial, porque no dia primeiro o arraial já tem que estar todo enfeitado. Porque a programação, na verdade começa desde a 5h da manhã com a alvorada, 6h se solta os foguetes dizendo que se iniciou a festa, aí vem 12h, entrada e saída da novena, mais quando chega 17h.

A minha tentativa de ir para a ladainha na Comunidade Santa Rita de Cássia, na área ribeirinha, foi frustrada, entrei em contato com as netas de Dona Cirena e com a Dona Rosa Baía visando articular uma passagem, porém não deu certo. Acredito que o motivo se deve ao fato da grande movimentação e trabalho dos integrantes da família Amanajás nesses dias, e a minha presença no local não era uma das prioridades, obviamente. Já a Dona Rosa foi de sua residência no Rio São Miguel até o Rio Fortaleza II em que houve a ladainha. Entretanto, a minha ajuda foi requisitada na organização da liturgia da missa do dia primeiro de junho, no qual Santo Antônio “assiste” à missa. Ao mesmo tempo, consegui uma passagem para a procissão fluvial, da localidade Fortaleza II, Comunidade Santa Rita de Cássia, para Ponta de Pedras.

A carona que me foi cedida era no barco da própria família Amanajás, porém houve um imprevisto, o barco “ficou em seco”, ou seja, a maré vazou e seria necessário esperar a enchente para que o barco pudesse flutuar e sair. Eu estava lá no aguardo, quando um guarda de Nossa Senhora da Conceição surge e pergunta sobre o andor do santo para levar na viagem. Então, me informei e verifiquei que os guardas iriam em outra embarcação, que já estava de saída; aquela foi a oportunidade de chegar lá com maior antecedência.

Assim, eu consegui embarcar antes que os membros da família Amanajás, que com essa vantagem do tempo, me deram uma missão: levar o manto de Santo Antônio. Essa grande responsabilidade veio juntamente com as recomendações de manuseio. O artesão que confeccionou o manto de Santo Antônio chama-se Renato Gouveia

responsável por ornamentar o altar e a sala nos quais o santo passou seus treze dias de festa.

Figura 9- Renato Gouveia e o manto de Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora;
(01/06/2024)

Figura 10– Manto preparado para a viagem fluvial até o santo



Fonte: elaborado pela autora;
(01/06/2024)

O barco de transporte para os guardas da santa e para os fiéis que desejassem ir, foi ofertado mediante os ofícios enviados para a prefeitura municipal de Ponta de Pedras. Na chegada à comunidade Santa Rita de Cássia, do Rio Fortaleza II, o barco com o santo já estava de saída, então outra vez mudei de embarcação, pedi carona para vir com a imagem e o povo da comunidade.

Figura 11 – Embarcação da Comunidade Santa Rita de Cássia



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Figura 12– Membros da Comunidade Santa Rita de Cássia



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Já nesse retorno para a sede do município, no barco da comunidade, escutei uma conversa interessante. Ela tratava do manto de Santo Antônio, no qual prevaleceram os tons de vermelho. Então, a história de Santo Antônio foi contada como se ele fosse um

santo que passou pelo martírio¹⁷ e o vermelho seria o símbolo de seu sangue. E mais, existiriam dois Santo Antônio, um de Lisboa e outro de Pádua, um mártir e um taumaturgo.

Na historiografia oficial da igreja católica, Santo Antônio nasceu em Lisboa, Portugal, e faleceu em Pádua, Itália, portanto, existiria um santo apenas¹⁸. Por nascer em uma cidade e morrer em outra, ambas reivindicam para si um dos santos católicos mais populares. A morte do santo aconteceu de forma natural, ele não foi assassinado por causa da fé, portanto, não é mártir.

Essa multiplicidade de representações dadas pelos fiéis aos santos e santas católicos é recorrente, e muitas vezes diverge com a história oficial da igreja referente à vida deles. As representações pessoais do santo podem satisfazer as necessidades e as expectativas dos próprios devotos. Outro exemplo de caso semelhante é o de São Miguel Arcanjo, associado a um soldado romano (Sarraf-Pacheco, 2004), talvez ao se misturar a outros santos como São Sebastião e Santo Expedito. Portanto, a visão e até a vida dos santos são reinterpretadas a partir de experiências particulares daqueles que confiam em sua intercessão.

Neste dia, o sol brilhava com intensidade, seu reflexo refletia nas águas. Passamos pelas encruzilhadas dos rios pontapedrenses, alguns com nomes de santos, São Miguel e São José, como que abençoando nossa viagem. Últimas voltas, nas imediações de nosso destino, as nuvens começaram a esconder o luzeiro do dia. Eis que as primeiras gotas começaram a cair do céu, era a hora do sacrifício. A fé e a persistência dos devotos foram testadas, pois chegara a hora da festa de cores e de som, das bandeiras e das pistolas.

Ainda na embarcação, já nas proximidades da sede do município, se iniciou a queima de pistolas. Desse modo, indicava a localização da procissão fluvial. Em frente à cidade, as três bandeiras de Santo Antônio foram esticadas e balançadas na proa das embarcações, estava chovendo, o que dificultava a função. No barco da família Amanajás, os irmãos das rezadoras balançaram as bandeiras que estampavam a imagem do santo. A imagem do santo foi posicionada a fim de que fitasse a cidade, para abençoá-la.

¹⁷ Os santos mártires são aqueles que testemunharam a fé através do derramamento de sangue, deram a vida por Cristo.

¹⁸ <https://www.a12.com/redacaoa12/espiritualidade/santo-antonio-de-padua-ou-de-lisboa> (acessado: 24/10/24; às 10:49)

Figura 13– As três bandeiras na procissão fluvial



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Figura 14– Santo Antônio abençoa a cidade de Ponta de Pedras



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

No trapiche municipal, alguns integrantes da Associação Musical Antônio Malato¹⁹ (AMAM), banda da música de Ponta de Pedras, e alguns fiéis esperavam o desembarque da imagem. Na descida, a imagem veio conduzida pela senhora Veronice Tavares e entregue para Fernanda Amanajás. Depois foi colocada no andor. Ao som do hino de Santo Antônio, tocado com instrumentos de sopro e percussão, começou a organização da procissão pelas ruas do município. Portanto, a procissão fluvial é sucedida pela procissão terrestre.

¹⁹ A sua origem remonta à criação do Clube Musical Circulista, fundado em 31 de janeiro de 1969. Com o fortalecimento deste, resultou na criação da Associação Musical Antônio Malato (AMAM), em 02 de maio de 1981. Tal nome foi dado em homenagem ao prefeito de Ponta de Pedras nos anos de 1968 e 1976, Antônio Malato, que também foi músico e tabelião (Rodrigues, 2023). Atualmente a Associação está em pleno funcionamento formando gerações de músicos e musicistas no município de Ponta de Pedras, e tantos que deram continuidade em Belém no Conservatório Carlos Gomes, e nas Universidades Estadual (UEPA) e Universidade Federal do Pará (UFPA) nas licenciaturas em música, e hoje este curso é ofertado também no município por um polo da Universidade Federal do Pará.

Figura 15–As três bandeiras na procissão



Fonte: elaborado pela autora;
(01/06/2024)

Figura 16– Duas bandeiras, a imagem do santo e os fiéis



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

As bandeiras vão à frente da procissão e abrem caminho para a passagem do santo, são três bandeiras de tamanhos diferentes: uma grande, uma média e uma pequena. Contudo, na maior parte do percurso das procissões, duas foram usadas, pois seriam necessárias diversas pessoas para outros serviços. No dia primeiro, foram necessárias quatro pessoas para carregar o andor de Santo Antônio, três para balançar as bandeiras, pessoas para sustentar a oração do terço e, mais adiante, os homens para carregar o mastro²⁰. Esta procissão contou com a presença dos guardas da Catedral e da comunidade Santa Rita de Cássia, e isto facilitou no revezamento de funções.

A primeira parada da procissão foi na casa do senhor Ailton Tavares, onde o mastro do santo foi enfeitado durante o dia. Essa preparação é feita com frutas e flores regionais, os elementos da natureza local árvores e frutos aparecem também como elementos em louvor ao santo, porque o ambiente natural e o cotidiano também se mesclam à devoção, e não se separam dela, e isto pode ser entendido como um indício de referências religiosas afroindígenas. Nas tradições com base na oralidade, tende-se a um equilíbrio e respeito entre natureza e cultura, compartilharam e trocaram sabedorias e símbolos mesmo sob o olhar da igreja católica. Na prática, o ocidente buscou assumir uma postura cartesiana que fragmenta o ser humano, as encantarias afroindígenas, pelo

²⁰ Ou paus de santos, são troncos de árvores enfeitados e às vezes pintados, fixados na frente do local ou residência onde haverá a festividade do santo. Isso serve de sinal que lá ocorrerá a festa, muitas vezes em sua parte superior há a bandeira do/a santo/a que será comemorado (Chianca, 2007).

contrário, têm uma percepção mais integral da vida humana e de todo o cosmo que o circunda (Sarraf-Pacheco, 2010).

Os principais juízes do mastro são: Almir Ferreira Ramos, Orestes Benvindo dos Santos Filho, Maria de Fátima Ramos e Lucídio Batista²¹. O mastro era responsabilidade do rezador Orestes Benvindo dos Santos e de seu sobrinho Lázaro Ramos. Com o falecimento de ambos, seu filho Orestes Filho e o filho de Lázaro, Almir Ramos, assumiram a responsabilidade. Um dos juízes do mastro, o senhor Almir Ferreira Ramos, disse que os motivos para ele ajudar no mastro são a tradição familiar, de pai para filho, e a outra reside na sua fé e devoção a Santo Antônio. Uma feijoada é organizada e preparada para ser consumida no processo de ornamentação e confecção do tronco enfeitado, na qual uma coleta é realizada entre os próprios juízes do mastro, e o clima de festa é predominante, muitas vezes soltam-se pistolas e a bebida alcoólica também é comum.

A procissão chegou à casa em que o mastro foi preparado e ele se uniu à caminhada, sendo carregado por vários homens. Entre reclamações sobre o peso do tronco de madeira e jocosidades diversas, eles seguiram rumo à casa da saudosa Dona Cirena Gomes Amanajás. O mastro faz parte da ludicidade da festa, na qual o levantamento e a derrubada se destacam como momentos importantes, assim como as ladainhas e a bandeira do santo (Costa, 2011). O início da festa é marcado pelo levantamento do mastro e, no final, ocorre sua descida e a tradicional disputa pelas frutas que ele carrega. (Luíndia, 2001). A ludicidade é uma das características do catolicismo popular, as brincadeiras, as danças, os batuques, os mastros, tudo isso se tona oportunidade de convivência que extrapola o sentido religioso, porém não se desliga dele, pois, seus integrantes o fazem em homenagem ao santo ou a santa que comemoram.

²¹ Informação presente no Programa da Trezena de Santo Antônio de 2024.

Figura 17– Bandeira de Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora;
(01/06/2024)

Figura 18– Homens carregando o mastro de Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Figura 19– Inserção da bandeira no mastro



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Figura 20– Levantamento do mastro



Fonte: elaborado pela autora; (01/06/2024)

Com a chegada da procissão na casa de Dona Cirena Amanajás, o mastro é levantado em frente à residência. E a imagem de Santo Antônio foi conduzida até a Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Geralmente, a imagem e os fiéis da procissão participam da missa, porém neste ano houve um fato inusitado. A missa foi marcada e paga, entretanto, um evento paroquial denominado Terreirão das CEBs²² (Comunidades

²² Uma forma de organização proposta pela vertente da Teologia da Libertação, visando a formação de lideranças locais politizadas socialmente.

Eclesiais de Base) foi marcado para o dia primeiro de junho de 2024, e por conta disso todas as missas foram desmarcadas.

O aviso de que as missas seriam canceladas no horário das 19h começou a ser recorrente nas missas e na programação da Rádio FM Itaguary²³ (92,5). Então, eu resolvi perguntar à Milena Amanajás, no dia 27 de maio, se isso já estava programado no cronograma da Trezena, ao que a resposta foi negativa, e elas não teriam ao menos sido informadas do cancelamento da missa desse dia. Milena, Fernanda e Luana Amanajás se dirigiram à secretaria paroquial a fim de resolver essa situação, e foi proposta como solução uma celebração da palavra²⁴, presidida pelo diácono permanente²⁵ Hamilton Barbosa. Essa opção foi sugerida pelo próprio diácono para que não houvesse um conflito ainda maior.

Para Milena Amanajás, o problema não era a realização do evento paroquial, mas a falta de comunicação com elas, porque a missa já estava marcada na secretaria da paróquia. E o perigo era a procissão chegar e as portas da igreja estarem fechadas. A filha de Fernanda Amanajás é coroinha²⁶ da Catedral Nossa Senhora da Imaculada Conceição, o que facilitou assegurar a abertura dos portões da catedral, o acendimento das luzes e toque do sino nos horários habituais (uma hora antes da missa-18h; meia-hora antes- 18h30; e quinze minutos antes- 18h45).

²³ A Fundação da Rádio Educadora FM Itaguary Nossa Senhora da Conceição é de 02 de abril de 1995, cuja missão é “executar um trabalho de formação educacional, cívica, moral e cultural da sociedade” (p. 2). Atualmente a Fundação é formada por 5 rádios: 1) Rádio Educadora FM Itaguary 92.5, instalada dia 11/06/2001, localizada na cidade de Ponta de Pedras, responsável atual Diácono Hamilton Ferreira Barbosa; 2) Rádio Magnífica FM 100.5, instalada dia 20/06/2002, localizada na cidade de São Sebastião da Boa Vista, responsável atual Padre Marcel Tadeu Pimentel; 3) Rádio São Francisco FM 96.7, instalada dia 19/07/2017, localizada na cidade de Muaná, responsável atual Padre Odimilson Silva Rodrigues; 4) Rádio São João FM 97.1, instalada dia 05/03/2016, localizada na cidade de Curralinho, responsável atual Padre Silvio Souza dos Santos; 5) Rádio Imaculada FM 94.5, instalada no dia 24/02/2023, localizada na cidade de Cachoeira do Arari, responsável atual Padre David Charles da Silva Teixeira.

²⁴ Esta celebração não é igual à missa. A missa é a oração mais importante da igreja católica, pois o pão e o vinho são consagrados em corpo e sangue de Cristo. Para tanto, é imprescindível a presença de um sacerdote. Já na celebração da palavra, como o nome sugere, a comunidade se reúne em torno da palavra, e não há consagração da eucaristia. Pode haver a distribuição da eucaristia se já houver hóstias consagradas.

²⁵ Refere-se a homens casados que possuem o primeiro grau do sacramento da Ordem. O sacramento da Ordem possui três graus: primeiro grau é o diaconato (diáconos permanentes e transitórios), segundo grau é o sacerdócio (padres) e terceiro grau o episcopado (bispos). O diaconato transitório diz respeito ao sacramento que os seminaristas recebem antes do sacerdócio, passam por um tempo de diaconato, por isso, é transitório, em seguida virá a unção sacerdotal.

²⁶ Ou acólito. São crianças, adolescentes e jovens que servem ao altar e desempenham funções como levar a cruz, as velas, o turíbulo e a naveta, os materiais litúrgicos, em geral, tocar o sino, abrir a igreja. Ocupam lugar de destaque nas missas, sentam-se no presbitério, ponto mais elevado dos templos, próximo ao sacerdote.

Então, o Santo Antônio foi para a Igreja esperar até a hora da celebração da palavra. As leituras e os cantos, como em toda a missa/celebração particular em Ponta de Pedras, são por conta de quem encomendou a missa/celebração. As leituras foram proclamadas por Milena, Fernanda, Luana, Dircilene Amanajás e por mim. Eu fui escolhida para ajudar, pois tenho experiência prévia em fazer leituras e também em cantar nas missas, e por já ter me prontificado em ajudar no que fosse solicitado. O cantor e o tecladista foram convidados, porém, Milena e Dircilene Amanajás também cantaram, e nos cantos de Santo Antônio, principalmente, eram responsáveis por sustentar, pois apenas elas conheciam alguns dos cânticos do santo, os quais constam no livro da Trezena de Santo Antônio, por ser uma missa dedicada a ele, foram incluídos na liturgia.

Ao terminar a celebração, o santo retorna em pequena procissão até a casa de Dona Cirena Amanajás. No primeiro dia, por conta da missa/celebração, o terço não é rezado, na chegada se inicia com a novena de Santo Antônio e a ladainha cantada. A Trezena de Santo Antônio é o único caso, verificado em trabalho de campo, no qual as ladainhas têm melodias diferentes.

Estas melodias são com níveis de dificuldade distintos: uma fácil cantada do dia dois ao dia doze de junho (02 até 12/06), uma média cantada no dia primeiro (01/06), e uma difícil, dividida em vozes cantada no estilo de polifonia, ou seja, ao mesmo tempo, pessoas diferentes reproduzem no canto sons distintos, apenas no dia treze (13/06). Uma das irmãs, Dircilene Amanajás, mora em Belém, capital do estado, então, ela faz um grande esforço de vir à Ponta de Pedras no dia primeiro, no dia treze e no final de semana. A ladainha do dia treze, dia de Santo Antônio, só consegue ser cantada com um reforço, e com a presença de todas elas esse processo fica mais tranquilo.

Figura 21- A ladainha cantada

Figura 22– Ladainha em homenagem
a Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora; (07/06/2024); da esquerda para direita Milena, Dircilene e Luana Amanajás.



Fonte: elaborado pela autora; (04/06/2024); da esquerda para a direita Fernanda, Milena e Luana Amanajás

A ladainha é uma oração antiga, na perspectiva do espaço ocupado pelos rezadores e rezadoras, o lugar é privilegiado, eles/elas se posicionam na frente do santo, o lugar mais próximo, como mediadores/as. O oratório ou altar do santo é o lugar mais sagrado e de destaque, é difícil não associar ao altar das igrejas, não exatamente das atuais, mas as anteriores ao Concílio Ecumênico Vaticano II²⁷ (1962-1965). O altar era o altar-mor ou os altares laterais, lugares mais elevados. A orientação seguida pelo sacerdote era a “versus Deum”, ou seja, “voltado para Deus”, o que foi denominado pela vertente mais modernista como “de costas para o povo”. Porém, é essa orientação que os rezadores e rezadoras de ladainhas ainda seguem. Ambos os ritos sacerdotais (missa tradicional/tridentina) e leigos (ladainhas) utilizavam o latim, idioma oficial da igreja católica.

Nesse contexto pré-conciliar, fica mais fácil compreender o motivo pelo qual poucas mulheres assumiam a oração das ladainhas de maneira formal, como rezadoras oficiais, pois as respostas sempre foram de maioria feminina. O papel das mulheres na igreja ainda era tímido, em papéis de liderança e visto de forma acessória, assim como o dos leigos em geral. Os primeiros documentos a falar exclusivamente dos leigos (Vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo²⁸, 1988) e das mulheres (A dignidade e a

²⁷ Inaugurou algumas novidades fundamentais no rito e na ação pastoral. O rito das missas era celebrado em latim, idioma oficial da igreja católica. A partir desse marco, adotaram-se as línguas vernáculas. Na ação pastoral, a Teologia da Libertação ganhou destaque, principalmente na América Latina. Além disso, o uso da veste própria do sacerdote, a batina, tornou-se opcional.

²⁸ *Christifideles Laici* (Exortação Apostólica de João Paulo II) https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.pdf

vocação da mulher²⁹, 1988) são do pontificado (1978-2005) de João Paulo II. Portanto, os documentos são recentes, e por certo contribuíram para um protagonismo maior de ambos os segmentos.

Para Connell e Pearse (2015), as mulheres de forma geral são associadas aos trabalhos domésticos e de cuidado, ou seja, os não remunerados. E isso acarreta uma definição cultural das mulheres como diligentes, cuidadosas e prestativas, prontas para o sacrifício de ser uma boa mãe. No caso do homem, ele nessa conjuntura está voltado ao trabalho fora de casa, e assim cristalizam-se padrões de lugares da mulher na vida doméstica e privada, e do homem na vida pública, portanto, a ordem de gênero³⁰. As autoras defendem que não há uma ordem determinada e naturalizada do que é ser homem ou mulher, e de quais posições podem ocupar ou não, tudo é construído.

A história da mulher dentro do catolicismo também pode ser entendida sob o prisma das relações de gênero e do patriarcado, pois ao agir na sociedade na totalidade, alcança também as religiões. As principais críticas residem em relegar à mulher o papel do cuidado e de submissão ao homem, a falta da presença feminina na tomada de decisões e na hierarquia da igreja. Pois, apesar de a presença das mulheres ser bem significativa, o seu protagonismo nem sempre foi valorizado e muitas vezes invisibilizado (Tavares e Costa, 2015). As ladainhas, como uma oração própria dos leigos, abriram espaço para uma atuação maior feminina.

Após a ladainha, segue a distribuição de alimentos oferecidos pelos novenários. De acordo com Milena Amanajás, sua mãe Marilene Amanajás costumava dizer que cada novenário doava segundo suas condições. Alguns distribuíam mingau, bombons, e outros doavam um banquete a ser distribuído com os presentes. É de costume que os próprios novenários sirvam os fiéis presentes. Nos dias de novenários antigos, os quais têm uma data fixa, a presença de devotos era maior que a habitual na frente da residência. O jantar oferecido podia ter comidas típicas: maniçoba, vatapá, e também galinha com arroz, bolo, torta salgada.

²⁹ *Mulieris dignitatem* (Carta Apostólica de João Paulo II) https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.pdf

³⁰ As ordens de gênero pelo mundo conferem privilégios aos homens, enquanto promovem desvantagens para as mulheres, porém as questões são complexas. As mulheres pouco exercem cargos de chefia na política, na economia e na religião. Da mesma forma, ocupam os postos mais mal remunerados, na educação possuem as maiores taxas de analfabetismo e menores índices de escolaridade. Portanto, “o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam”. (Connell e Pearse, 2015, p.47)

Figura 23– Novenário Manoel Raimundo de Castro distribuindo mingau



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024)

Figura 24– Novenária Malba da Silva Ferreira distribuindo maniçoba



Fonte: elaborado pela autora;
(06/06/2024)

Os novenários/as são os responsáveis pela novena no dia designado, em todos os dias possuem novenários. Os treze dias comportam mais de um novenário por noite, muitas vezes membros da mesma família e amigos se juntam para louvar o santo de devoção. Entre as principais motivações deles e delas se destacam: a devoção, graças alcançadas pela intercessão do santo e seguir a tradição deixada pelos pais. Os que seguiram a tradição familiar são considerados pelas rezadoras - Milena, Fernanda, Dircilene e Luana Amanajás - como novenários antigos.

Além do alimento distribuído, os novenários contribuem com o valor do som utilizado e também com as pistolas. Em cinco momentos, se queimam os foguetes: 6h, 12h, 18h, no começo e no final da novena. Todavia, os novenários não são obrigados a custear, e em cada dia se faz segundo o que é dado. Entretanto, se o novenário/a pode arcar com os cinco momentos dos fogos, distribui um banquete, promove uma atração cultural, isso gera respeito e influência.

A troca de dádivas acarreta mais prestígio quanto maior for a generosidade do seu doador, como no *potlach*, dos povos do noroeste da América do Norte, o chefe sem avareza é o vencedor (Lanna, 2000). Isso não quer dizer que se trata de uma competição aberta entre os novenários, porém consiste em se superar a si em cada ano subsequente. O leilão também pode conter esse clima de disputa amistosa, entre amigos e conhecidos.

Um caso é do senhor Manoel José e do senhor Pedro da Silva (conhecido como Dimar), ambos residentes da localidade Fortaleza II. Um grupo de amigos do setor era responsável por uma noite da Trezena de Santo Antônio. Nesta noite, o senhor Manoel José doava um pato para o leilão. Então, Manoel José e o senhor Dimar disputavam o animal com lances crescentes, até um dos dois desistir. O leilão antigamente tinha muita força, porém nos últimos 10 anos acabou sendo substituído em festividades paroquiais por outros tipos de sorteios, como a rifa do Círio, por exemplo. Porém, a rifa, por ser algo objetivo e rápido, não gera o entusiasmo e o espírito de concorrência do leilão ou do bingo.

Do dia dois ao dia doze, havia um padrão bem definido, a Trezena iniciava com o santo terço às 20h, depois a novena de Santo Antônio (com o exemplo que seria algo da vida do santo ou uma virtude; e a máxima, uma frase de efeito dele), e se finalizava com o ápice na ladainha cantada. No final, os nomes dos novenários eram lidos por completo, assim como constava no programa da festividade, seguida de um agradecimento e pedido de bênçãos para eles. Alguns novenários fizeram questão de, no momento das orações, se posicionarem bem próximos do altar de Santo Antônio, logo atrás das rezadoras. Isso reforça a ideia de uma hierarquia de proximidade deles com o santo ao qual prestaram homenagem.

Com a finalização da oração, o mingau e os outros alimentos doados são distribuídos. E caso os novenários conseguissem alguma atração cultural, iriam se apresentar na rua em frente à moradia de Dona Cirena Amanajás. Entre esses grupos locais, no ano de 2024, houve a presença de: quadrilhas juninas (Encanto Marajoara, Renascer Marajoara e os Bagunceiros da roça), grupos de carimbó (Sipuíá da Sucupira e Grupo da Melhor Idade), um músico local eclético (Walbinho dos teclados) e músicos de sopro e percussão (AMAM). Os dias em que há um número mais expressivo de fiéis são o primeiro, o último e, quando há alguma atração cultural ou um banquete, da mesma forma, isso implicava muito no horário em que se encerra o arraial.

Os foliões de São Sebastião do município de Cachoeira do Arari fizeram a peregrinação em Ponta de Pedras, ficaram de 03 de junho até 04 de julho de 2024. Nesse período de um mês, houve ladainhas em diversas residências. A comissão foi ao arraial da Trezena de Santo Antônio no dia 03 de junho, e junto às rezadoras de Santo Antônio marcaram uma visita da comissão de São Sebastião para o dia 11 de junho. Neste dia

haveria duas ladainhas, uma 19h para São Sebastião, cantada pelos foliões e às 20h a ladainha de Santo Antônio cantada pelas rezadoras.

A partir do agendamento, a data da visita de São Sebastião começou a ser divulgada todos os dias da Trezena, principalmente, com o intuito de garantir a presença das pessoas porque começaria mais cedo do que o habitual, às 19h. Eu fiz questão de comunicar a minha avó desse acontecimento, pois ela é devota de ambos os santos. Esse assunto a entusiasmou e foi recorrente em nossas conversas nos dias subsequentes.

Infelizmente, o dia 11 de junho de 2024 não me marcaria apenas por ser um dos dias mais simbólicos da pesquisa de campo. Na madrugada do dia 10 de junho, minha avó passou mal e foi levada para o hospital. Como isso já havia se tornado uma rotina, sabíamos que ela ia e voltava logo após se recuperar. Então, minha mãe e duas de minhas tias a acompanharam no hospital, eu fiquei em casa e voltei a dormir. Passadas algumas horas, acordei com as batidas na porta de casa.

Quando levantei, já espantada por perceber ainda ser madrugada, abri a porta e era a minha prima, obviamente as notícias não eram boas. A Ana Flávia só conseguiu falar: “mana, a vovó morreu. Eu vou para o hospital agora”. Eu, sem reação nenhuma, só consegui dizer: “eu vou me vestir e vou contigo”. A saúde da minha avó sempre foi fragilizada por um problema de coração, ela veio a óbito por um infarto, mesmo assim ninguém ao menos suspeitou e os médicos também não as avisaram do que se tratava.

No mesmo dia, o corpo foi liberado, velado pela manhã e houve o enterro à tarde. A família, que já vivia em constante conflito, ao menos tentou nesse último momento prestar suas homenagens de forma pacífica, mesmo com vários membros em desavença mútua. Um pensamento pairava na minha cabeça: “será que hoje eu vou conseguir fazer o trabalho de campo?”. Entretanto, a resposta parecia clara na minha consciência, a minha avó desejaria a minha presença na ladainha de São Sebastião e de Santo Antônio. Não cabia a mim ser tomada pela tristeza, pois em nada refletia o legado que a Dona Edwiges Ferreira Ribeiro deixou. E assim, eu fiz. Fui para a Trezena de Santo Antônio. Em um único momento, me senti fraca, eu não consegui me ajoelhar e tomar benção do São Sebastião, eu tive medo de não conseguir levantar depois.

Neste dia, também não houve a oração do terço, pois às 19h começou a ladainha de São Sebastião. Os rezadores de Cachoeira do Arari usam uma camisa padronizada vermelha com a estampa do santo. Eles trazem consigo uma imagem de São Sebastião

com fitas vermelhas, verdes e brancas, cores que já caracterizam o santo, porque são as cores da própria imagem. No dia da visita, a imagem de São Sebastião estava com a coroa e com fitas maiores adornadas de inúmeros broches. Ambos os santos, Santo Antônio e São Sebastião, ficaram lado a lado no altar.

Figura 25– São Sebastião e Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora;
(11/06/2024)

Figura 26– Hora da Ladainha



Fonte: elaborado pela autora;
(11/06/2024)

É importante destacar que o grupo de foliões é composto apenas por homens, enquanto a ladainha de Santo Antônio é atualmente cantada só por mulheres. Por esse e outros motivos, a ladainha de Cachoeira é citada como “mais tradicional” do que a de Ponta de Pedras. A ladainha de São Sebastião tem a mesma melodia entoada pelo senhor Antonio Platão e pela Dona Rosa Baía, porém é singular, pois é cantada em duas vozes. Ela é distinta das três melodias cantadas em honra a Santo Antônio. A comissão de Cachoeira do Arari tem os instrumentos musicais: violão, triângulo e tambor. Por conta de seus instrumentos, de percorrerem diversos lugares e fazerem a esmolação podem ser chamados de foliões. Enquanto todas as ladainhas rezadas em Ponta de Pedras atualmente não possuem instrumentos, são cantadas à capela, ou seja, apenas na voz.

O dia treze, assim como o primeiro dia, possui uma estrutura diferente. Pela manhã, às 9h, é celebrada uma missa na residência de Dona Cirena Amanajás. Eu cheguei cedo para ficar à disposição para as tarefas, conversei com Dona Conceição Barbosa de Castro, ela prepara atualmente o famoso banho de cheiro que seria abençoado pelo

sacerdote e aspergido nos pães e nas pessoas presentes na missa. No ano de 2024, os ingredientes que compuseram o banho de cheiro foram: arruda, alecrim, catinguinha e uma essência aromática líquida.

Figura 27- Preparação do Banho de Ervas



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024)

É importante ressaltar que a água com ervas, usada neste dia, causa estranheza aos sacerdotes, pois nos ritos de bênção oficiais é recorrente o uso apenas da água benta. Nos primeiros dias da Trezena, eu desconhecia o fato de Dona Cirena também ter sido uma grande benzedeira do município, ou seja, as minhas interlocutoras - Milena, Fernanda, Dircilene e Luana Amanajás - não consideraram importante essa informação. Contudo, isso completou o sentido do uso do banho de ervas.

Desde o início da Trezena, tentei me colocar como aprendiz e disposta ao trabalho, porém percebia que elas não se sentiam à vontade com essa ajuda. O fato de ter alguém diferente em um trabalho da “universidade”. Os dias se passaram e tudo se tornou natural, carregava as cadeiras, trocava as velas, tirava as fotos dos novenários, da ladainha, das apresentações dos grupos. Um momento marcante para mim ocorreu no dia 13 de manhã, quando Milena Amanajás atordoada com várias coisas para resolver da missa e do “quebra-jejum” dos idosos, percebeu que os castiçais de Santo Antônio estavam muito sujos, pegou um deles e me entregou e falou sem hesitar e sem meias-palavras: “limpa eles para mim! ”.

Essa missa eu ajudei a organizar também, no dia 12 de noite montamos as folhas com as leituras e os cantos. O mesmo esquema seguiu da missa do dia primeiro, as leituras foram divididas entre as irmãs Milena, Fernanda e Luana Amanajás, eu cantei o salmo e respondi às orações no decorrer da liturgia. Os cantos foram revezados entre nós, sendo que os de Santo Antônio eram sempre elas, pois eu só aprendi um com segurança, o mais entoadado no decorrer dos treze dias.

A missa ocorreu normalmente, foi celebrada a memória litúrgica de Santo Antônio, na homilia o padre ressaltou a vida do santo, o qual deveria ser modelo para os presentes. Portanto, ele deveria ser tomado como medida e moral para a mudança de vida. Esses sermões são propícios na exortação e no ajustamento do povo, na tentativa de “sacralizar” as festividades, os temas recorrentes são: a presença nas missas e nos sacramentos, o abandono da vida de pecado (consoante o decálogo e os mandamentos da igreja), o convite à unidade do que julgam desunido, a festa em si, a obediência das diretrizes da igreja local e a condenação à embriaguez.

Já no final da missa, o sacerdote abençoa o banho de cheiro e os pães, e asperge a água perfumada nos alimentos, objetos e nos fiéis presentes na residência de Dona Cirena Amanajás. O banho de ervas é reconhecido como um dos instrumentos de cura e benção. Essas práticas de benzeção advêm de diversas fontes no período colonial, as populações indígenas contribuíram com o uso e repasse de conhecimento de ervas para a cura de doenças, e a figura do pajé se destaca. A dona Fátima, assídua participante da Trezena de Santo Antônio, diz que o banho de cheiro tem relação com o batismo de Jesus e a São João Batista, por isso, é usado também na festividade do santo.

Figura 28– Benção dos pães, alimentos e banho de ervas perfumado



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Figura 29– Aspersão dos presentes com o banho de ervas perfumado



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Os afro-brasileiros têm apreço pelas canções, dança e festas dos santos. Ainda da religião católica, as orações, em especial a ladainha de Nossa Senhora (Cunha e Gonçalves, 2018). Da cultura africana existe também o manuseio de ervas em rituais (usadas para os banhos para os orixás nas religiões afro-brasileiras) e processos de cura (Botelho, 2010). Contudo, no contexto colonial, havia um jogo assimétrico em que os colonizadores ocupavam um lugar superior e subjugavam outros saberes, porém esses saberes também foram incorporados e resistiram às investidas de apagamento, mantendo-se vivos até na atualidade.

Após a missa, é servido um café da manhã denominado de “quebra-jejum” dos idosos. Essa refeição é financiada pelos novenários do dia 13 e também pela população do município que doa os pães para a benção, alguns pães são consumidos e outros são levados para a casa, e tradicionalmente depositados nos potes de farinha de mandioca, base da alimentação de muitos paraenses, com a promessa de que onde estes pães estiverem a farinha não há de faltar.

Figura 30- Distribuição de pães por Milena Amanajás



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024)

Figura 31– Distribuição de velas bentas por Luana Amanajás



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024)

Ainda no último dia da festividade, há a procissão de Santo Antônio, prevista para às 17h, porém saiu mais tarde às 17:30. As bandeiras sempre no início, para abrir caminho para o andor da imagem carregado por quatro pessoas. Neste dia, os guardas da santa não se fizeram presentes, isso causou transtorno, pois o número de pessoas era diminuto para fazer a troca entre bandeiras e andor, ambos trabalhos cansativos. Outro elemento

facilitador presente na procissão do dia primeiro e não no dia treze foi o carro de som, ou seja, a oração do terço foi recitada apenas no volume natural das vozes.

A procissão é repleta de momentos marcantes de devoção e curiosidade nas ruas de Ponta de Pedras. Os idosos sentados à frente de suas casas imploravam as bênçãos do santo de Portugal, o andor parava e eles se aproximavam, faziam suas orações e beijavam as fitas que pendiam da imagem. É provável que esses idosos tenham suas vidas marcadas pela Trezena de Santo Antônio, quase tão popular quanto o Círio da padroeira há alguns anos.

Figura 32– Oração de uma idosa



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Figura 33 – Idosa beija as fitas de Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Na chegada da procissão ao mesmo ponto de saída, a casa de Dona Cirena, o mastro de Santo Antônio é derrubado pelos homens, em especial os juízes do mastro, responsáveis pelos seus ornamentos, sua subida e descida. Com o madeiro enfeitado de flores e frutas no chão se segue a leitura de um texto denominado “glorificação de Santo Antônio”, nele são narrados os momentos finais de sua vida, sua morte, o traslado de seu corpo e o destino de suas santas relíquias, entre elas sua língua, chamada pelo papa Gregório IX de arca do testamento que permaneceu incorrupta e é mantida em um relicário até os dias atuais.

Figura 34– Glorificação de Santo Antônio, chegada da Procissão na residência de Dona Cirena Amanajás

Figura 35– Bandeira de Santo Antônio



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024)

Figura 36– Derrubada do mastro



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Figura 37– As frutas da derrubada do mastro



Fonte: elaborado pela autora; (13/06/2024)

Em seguida, a imagem é retirada do andor e devolvida ao altar da sala da casa de Dona Cirena Amanajás. Foram recolhidas as frutas em bom estado, muitas apodrecem, visto que são treze dias de sol e chuva no lado de fora. Os fiéis que participaram da procissão aguardam até o horário do último dia da Trezena. O som tocou diversas músicas da quadra junina, forró e arrocha. Na aproximação do horário da oração, já se começava a tocar as músicas do padroeiro. O clima lúdico e religioso é inseparável na Festividade de Santo Antônio.

A última noite da festividade contou com um bom número de novenários, afinal é um dos dias mais movimentados do arraial. Procedeu-se à Novena e foi entoada a ladainha mais difícil, com divisão de vozes, na qual as quatro irmãs estavam presentes. No final, a frente da residência estava tomada por pessoas. Nos outros dias, a distribuição de mingau e demais comidas que porventura fossem doadas vinha da cozinha. Neste dia, para facilitar, as panelas de mingau ficaram em dois extremos diferentes da rua, e o novenário e sua família o repartiam.

As atrações culturais foram duas: o grupo de carimbó e o cantor local, Walbinho dos teclados. Essas atrações chamam a atenção das pessoas que passam e ajudam a aumentar o tempo de permanência na festa. Também foram leiloados alguns donativos, tais como: um pato, um bolo, um garrafão de vinho de 5 litros, entre outros. Até um dos quatro sacerdotes da paróquia marcou presença no arraial, com a intenção de tomar mingau e apreciar os grupos locais, assim como muitos dos que participavam das missas da Catedral, já emendava os dois compromissos.

Figura 38- O leilão de duas aves



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024; na esquerda Luana e na
direita Dircilene Amanajás

Figura 39– O leilão de cinco litros
de vinho



Fonte: elaborado pela autora;
(13/06/2024; Dircilene Amanajás com
o vinho nas mãos

Quando a última pessoa se despede do arraial, as mesas e cadeiras são guardadas, se faz a última limpeza e organização na frente da casa de Dona Cirena Amanajás, a decoração do arraial é recolhida. É um momento de alívio e de sensação de dever cumprido, pois o período que a antecede e nos treze dias da festa os afazeres são inúmeros

e precisam ser conciliados com o trabalho e a vida familiar das rezadoras (Milena; Fernanda; Dircilene e Luana Amanajás) e de seus irmãos (Denys Antônio, Delton e Tiago Amanajás) que contribuem com a Trezena de Santo Antônio. Vejamos agora a ladainha de São Miguel Arcanjo, e suas diferenças como estrutura de comunidade.

2) Ladainha de São Miguel

As comemorações ao Arcanjo outrora eram familiares, como vimos no capítulo anterior, atualmente a festa é ligada à Paróquia Catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A festividade de São Miguel Arcanjo de 2024 iniciou no dia 21 e encerrou no dia 29. Antes da abertura oficial da festa, houve as novenas nas casas dos devotos da comunidade. As novenas são percebidas como um processo de preparação para a celebração do dia de um santo, assim acontece também com o Círio da padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Alguns elementos das festividades dos santos padroeiros são replicados da festividade do Círio de Nossa Senhora da Conceição, que por sua vez transpõem do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, de Belém (PA).

A imagem de São Miguel Arcanjo tem como habitação a sua capela localizada no Rio São Miguel, na região ribeirinha distante vinte minutos aproximadamente de barco da sede do município de Ponta de Pedras. Em 2023, foi o primeiro ano de peregrinação da imagem do santo na sede do município. Portanto, a imagem foi visitar algumas residências de devotos e a ladainha foi também rezada, pois a coordenadora atual da comunidade, Dona Rosa Baía, também é rezadora de ladainha, assim como foi seu antecessor, o senhor Antonio Platão Ferreira Ribeiro.

A minha primeira experiência de campo ocorreu no dia 02 de setembro de 2023. Eu não conhecia a dona da casa, fui convidada pela rezadora Dona Rosa Baía, porém no dia marcado pela manhã, ela adoeceu com uma febre, e isso deixou a oração em situação de risco de suspensão. Porém, ela se sentiu mais disposta, graça atribuída a São Miguel, e de tarde nos dirigimos juntas ao local. No entanto, a imagem do santo não havia chegado à cidade ainda. Quando estávamos nas proximidades da residência, o esposo de Dona Rosa chegou com a imagem de São Miguel de moto táxi.

Figura 40– Rezadora Rosa Baía e São Miguel



Fonte: elaborado pela autora; (02/09/2023)

Após entrarmos, Dona Rosa me apresentou para a Dona Maria José, dona da casa, e eu expliquei a respeito da pesquisa, o mestrado e a minha intenção, tudo isso na frente dos convidados. Também disse de quem sou filha, e ela por sua vez conhecia a minha família e era professora da minha sobrinha. Então, todos os presentes sabiam que sou de Ponta de Pedras e estavam cientes da pesquisa. Isso facilitou por um lado, pois criou um clima de animação e, no final, os mais velhos recordaram suas infâncias e a dos rezadores antigos.

Um dos fatos mais interessantes foi que entre os adultos só havia mulheres, crianças brincando à vontade e os bebês de colo. Apesar de na casa haver homens, porém, estavam entretidos com a transmissão de um jogo de futebol, em um volume suficiente para ouvirmos no quintal. Isso confirma a realidade percebida de forma geral nos momentos de oração e missas, a presença feminina é sempre mais numerosa. As mulheres encontram no espaço religioso da igreja um local propício à sociabilidade e troca de experiências (Abud, 2009).

Figura 41– Mulheres e crianças que compareceram na ladainha



Fonte: autor desconhecido; (02/09/2023)

Antes de dar início propriamente à ladainha São Miguel Arcanjo, foram entoados cantos acompanhados no violão por uma jovem que faz parte da Renovação Carismática Católica (RCC), com o tema do santo e o sinal da cruz também foi cantado por ela. A RCC propõe um retorno aos valores do catolicismo oficial, contudo, por sua especificidade e autonomia, ela é vista de forma ambígua e, por vezes, com temor por uma vertente mais hierárquica (Teixeira, 2005), a RCC atua como um dos segmentos de diversificação dentro da igreja católica, muitas vezes entendida como homogênea (Sanchis, 1997). Em seguida, Dona Rosa e Dona Adriana Tavares, respectivamente, cantaram e responderam à ladainha, em latim e português.

A imagem de São Miguel Arcanjo estava enfeitada com fitas vermelhas e verdes. A posição das fitas cobria a figura do demônio no qual o santo pisa em posição de batalha. O esconder o demônio da imagem pode não ser aleatório, ele é a figura mais temida do cristianismo, aquele que causa o mal, a queda e a inimizade com Deus. Ao mesmo tempo que ele fica “invisível” pelas fitas, São Miguel Arcanjo fica ainda mais em evidência, como um protetor contra os assaltos do maligno.

Nas fitas, dois broches se destacavam: um de cruz e outro de Nossa Senhora da Conceição. A cruz e o sofrimento, dimensão evidenciada na própria oração da ladainha, a morte e o fim último, o céu e o inferno também são temas importantes, nos trechos dirigidos a São Miguel Arcanjo: *“Meu protetor São Miguel, embaixador do Altíssimo, valei-me na hora da morte, pelas chagas de Jesus Cristo”*; *“meu protetor São Miguel,*

vós fostes quem atemorizades o demônio no inferno, com Jesus defendei-nos do temido fogo eterno” *“meu protetor São Miguel, dos anjos capitão e general, dai-nos por melhor prêmio as cortes celestiais”*. Já Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do município de Ponta de Pedras, e é bom recordar a figura de Maria, mãe de Jesus, é central na ladainha que é dirigida a ela: *“se ela [Maria] não viesse ao mundo, ai de nós o que seria”*, *“se combate os demônios rezando Ave Maria. As contas de seu rosário são balas de artilharia”*. A coroa do santo quebrou justamente neste dia, posteriormente, foi consertada.

Figura 42– Imagem de São Miguel Arcanjo



Fonte: elaborado pela autora;
(02/09/2023)

Figura 43- Imagem de São Miguel e de Nossa Senhora da Conceição, bíblia, crucifixo e vela



Fonte: elaborado pela autora; (02/09/2023)

Encerramento da Festividade de São Miguel Arcanjo, ano 2024

No dia 22 de setembro de 2024, um domingo, eu estava na missa das 9h na Catedral de Ponta de Pedras, o sacerdote na homilia colocou o seguinte contexto: uma comunidade do interior (área ribeirinha) havia feito a abertura de sua festividade com a celebração da missa, porém com pequena participação dos moradores, no entanto, no momento que o mastro chegou, o sacerdote percebeu que havia mais pessoas neste percurso com o mastro do que na missa de abertura. Enquanto ele ia narrando, me veio na mente justamente a comunidade São Miguel por conta de a data da festa do padroeiro estar próxima, dia 29 de setembro. No término, o próprio padre disse onde tinha acontecido este fato.

Figura 44– Capela de São Miguel
Arcanjo



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

O sacerdote, em seu discurso, fez uma distinção bem clara entre a missa e o mastro. A missa é considerada por ele como sagrada, e por isso superior aos outros eventos ligados à festividade. Já o mastro, apesar de fazer parte dos símbolos da festa, a sua procissão de chegada foi considerada profana, na medida que influenciou menos pessoas presentes na celebração.

A separação radical entre sagrado e profano pode ser verificada na legitimação de algumas práticas e outras sendo deixadas às margens, como, por exemplo, o Auto do Círio de Belém, que não é considerado pela igreja como parte da festa e assim não entra no calendário oficial do Círio de Nazaré, embora por muitos de seus participantes seja experimentada como experiência de fé e devoção à Nossa Senhora de Nazaré, na qual até promessas são pagas (Ponte, 2019). Da mesma maneira, o mastro é percebido pelos membros da comunidade São Miguel como algo sagrado.

O período da festividade de São Miguel foi de 21 a 29 de setembro de 2024. A missa do início da festividade é conhecida como missa do encontro, neste dia houve o hasteamento dos mastros. Na comunidade há três mastros: o mastro de São Miguel Arcanjo (dos homens), o mastro de São Gabriel (das mulheres) e o mastro de São Rafael (das crianças). Os nomes dos mastros talvez remetam à história bíblica dos arcanjos.

O mastro dos homens é São Miguel³¹, o nome significa “quem é como Deus?”, ele é um arcanjo batalhador e enfrenta a figura do próprio demônio para defender a honra de Deus, portanto, associado à virilidade e à valentia. O mastro das mulheres é São Gabriel³², o significado de seu nome é “mensageiro de Deus”, o arcanjo que visitou e saudou a Virgem Maria. Este arcanjo é associado à pureza, na iconografia católica muitas vezes aparece com um lírio estendido para presentear Maria. Já o mastro das crianças é São Rafael³³, seu nome significa “Deus cura”, ele é o arcanjo que conduziu em segurança o jovem Tobias em sua viagem, ele também é conhecido como o anjo da cura, pois curou Tobit, o pai do jovem Tobias, de sua cegueira. Ao mesmo tempo, São Rafael agiu na cura espiritual de Sara, pois todos os homens aos quais ela era dada em casamento, o demônio matava na noite de núpcias. Ele ensinou a Tobias o que fazer para afastar o demônio e desposar Sara.

No encerramento da festividade, dia 29 de setembro, eu consegui ir à comunidade de São Miguel, com passagem no barco da paróquia. O padre que foi celebrar a missa não era o mesmo da missa de abertura. O sacerdote do primeiro dia agendou a missa do dia 29 de setembro para às 10h, e não avisou para o sacerdote que assumiu o dia 29 de setembro, fazendo-o chegar com uma hora e meia de antecedência. E ainda o horário de 10h foi colocado no programa da festividade e a assembleia da missa iria chegar neste horário. Essa chegada antecipada foi importante para mim, pois o mastro das crianças estava sendo preparado e depois foi levantado pelos homens da comunidade.

³¹ Daniel 12, 1.

³² Lucas 1, 19.

³³ Tobias 11, 7-8.

Figura 45– Término dos preparativos do Mastro São Rafael



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Figura 46– Homens carregando o mastro das crianças



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Pois bem, na espera do tempo passar, surgiu uma curiosidade, na capela havia duas imagens de São Miguel e ambas em destaque, sendo que isso não é algo comum nas igrejas, imagens repetidas dos santos. Diante disso, perguntei para a coordenadora e rezadora Dona Rosa Baía se ela conhecia o motivo, ela então contou: na terceira geração da família com a imagem de São Miguel, alguns membros do grupo familiar tiraram a imagem da capela e a levaram para sua casa, no caso a estátua menor de origem suíça.

O primeiro bispo, Dom Ângelo Rivato trocou, então, por outra imagem maior. O termo trocou é usado, e não comprou. Pois resumiria algo considerado sagrado, as imagens, em questões apenas mercadológicas, contudo elas estão no campo da dádiva e da troca, pois os bens trocados possuem uma força em si, um *mana*, que precisa ser passado em frente (Mauss, 2003). Ela é fonte de poder divino e agência, as imagens têm vontade, tão bem representada nas narrativas de imagens que voltam ao seu lugar de origem e achado, e isto seria o sinal para a construção de uma capela, como a imagem de Nossa Senhora de Nazaré de Belém do Pará. Um fato foi interpretado como descontentamento de São Miguel no ano da troca. Ao sair a procissão da igreja matriz (igrejinha), a imagem em cima do andor bateu na porta e quebrou, e hoje ainda tem a marca desse acontecimento.

Depois de um tempo, a imagem familiar retornou para a capela, e atualmente a igreja tem duas imagens do padroeiro. A imagem que peregrinou na sede do município foi a mais que centenária. No dia da festividade, a imagem maior estava enfeitada em uma mesa em destaque, e a imagem de mais de 120 anos estava no centro do altar principal em formato de oratório da capela.

Figura 47– São Miguel Arcanjo centenário no centro do Oratório



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Figura 48– Imagem de São Miguel Arcanjo trocada por Dom Ângelo Rivato



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

O sacerdote esperou até 9h30 e iniciou a celebração com o público já presente. O discurso dele no sermão perpassou pela mudança na data da festa dos três Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael após o Concílio Ecumênico Vaticano II, antes em dias distintos, agora em um único dia. Neste ano de 2024, a festa dos Santos Arcanjos coincidiu com o domingo, então ele explicou que em domingo celebram-se as leituras dominicais, portanto, o domingo é maior do que qualquer festa ou memória. O domingo para os cristãos é conhecido como dia do Senhor, dia da ressurreição de Jesus, por isso é o mais importante dos dias da semana. Isso implica em colocar Cristo acima das devoções pelos santos, fato que, na prática, por vezes não ocorre.

O sacerdote prosseguiu, falou da importância dos sacramentos e da frequência nas missas na comunidade. Essa presença tímida dos membros da comunidade é sentida até pela coordenadora e rezadora de ladainha Dona Rosa Baía, e isso causa sobrecarga para ela. Também falou da dimensão do trabalho, no qual muitos ocupam o domingo com os

seus serviços de coleta de açaí, pesca ou serviços domésticos, e isso se tornaria uma desculpa para não ir às celebrações e não ser grato a Deus pelo que possui. E por fim, o último tema abordado foi o inferno, a eternidade pós-morte vivida na ausência de Deus e em perpétuo castigo.

Depois da missa, no barracão da comunidade, houve a venda de comidas, a qual o valor arrecadado seria destinado para a reforma da capela de São Miguel. Os presentes, então, se dirigiram para lá, inclusive o sacerdote e a equipe de cantores que moram na sede do município. A mesma moça que tocou violão na ladainha, tocou nesta missa, ela é sobrinha de uma das coordenadoras desta comunidade. O padre, após almoçar, conseguiu uma carona de volta com um dos fiéis, vice-coordenador da comunidade Santa Rita de Cássia

Figura 49– As mulheres na cozinha



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Figura 50– Panela ao fogão de lenha



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Assim que ele se retirou, começou a venda de bebidas alcoólicas, prática em teoria proibida nas paróquias e nas comunidades. Interessante eles esperarem a figura de comando, o sacerdote, apenas se ausentar para iniciar uma festa dançante, e esta duraria até à noite. De uma forma estratégica, o valor da cerveja não constava no cardápio exposto próximo ao local no qual as refeições estavam sendo comercializadas. Esse jogo de forças muitas vezes é vencido pela astúcia e não pelo confronto direto. Apesar das regras propostas pela igreja e de sua autoridade, o povo pode, pela criatividade e pelas suas táticas, formular maneiras de driblar suas diretrizes. (Certeau, 1998)

As táticas do cotidiano são adotadas por aqueles que estão submetidos a uma lei ou autoridade, e consistem em uma resistência astuciosa, invisível e silenciosa. Não é uma oposição direta, porém são nas formas de interpretação e no uso divergentes daquele imposto. (Certeau, 1998). Para Certeau, a invenção do cotidiano ocorre a partir das artes de fazer, das táticas de resistência e das astúcias sutis, elas mudam códigos e objetos, assim promovem uma (re) apropriação do uso e do espaço, a começar pela experiência individual (Duran, 2007).

Levanto três razões para a presença e mercantilização não serem vistas como um mal a ser combatido aos olhos dos leigos. Primeiro, a igreja católica, diferente de outras vertentes cristãs, não concebe o consumo de bebidas alcoólicas como um mal em si, só a falta de moderação e excessos que podem ocorrer. Portanto, não estaria classificada como algo profano, em desrespeito ao santo. Segundo, o fato de que o dinheiro será investido nas obras da capela de São Miguel seria uma forma de “purificar” esse dinheiro, ou seja, a causa da desobediência é nobre e justa. Em terceiro, a decisão de retirar as bebidas alcoólicas das festividades dos padroeiros e padroeiras não foi algo de comum acordo, mas imposta pela autoridade do segundo bispo, o povo não foi consultado. E essa prática da festa dos santos e em seguida uma festa dançante já é uma tradição no município.

A comunidade também promoveu dois bingos e o leilão, o que colaborou para a permanência do público consumidor por mais tempo no local, o que foi de fato verificado. A comida preparada em uma quantidade considerável terminou, e foi improvisada uma sopa. A bebida alcoólica e a água também, como a localização do Rio São Miguel é próxima à cidade, rapidamente se formava um grupo para ir fazer a compra, nas lanchas pequenas, pois os barcos maiores não conseguiam sair por conta de a maré estar baixa. Algo que me chamou a atenção foi a contratação de um DJ para animar a festa, O DJ Mala Preta. Porém, foi patrocinado por um candidato a vereador de Ponta de Pedras, e o DJ enfatizou isso várias vezes em suas falas entre as músicas, ou seja, fez uma propaganda nada implícita ao candidato que o contratou.

Figura 51– Dona Rosa Baía no leilão



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

Como ápice da festa, já ao anoitecer, ocorre a derrubada dos três mastros: São Miguel dos Homens, São Gabriel das Mulheres e São Rafael das crianças, embora São Gabriel e São Rafael sejam lembrados nos seus mastros correspondentes e sua festa seja comemorada no mesmo dia, a capela é dedicada à São Miguel Arcanjo. O mastro dos homens é o mais alto e posiciona-se no centro, é o único ornamentado apenas com frutas. Já o mastro das mulheres possui as frutas e também outros brindes, o das crianças possui frutas, bombons, pipocas. O mastro dos homens, a meu ver, é o que não apresenta mudanças, e parece uma tentativa de “manter” a tradição, papel muitas vezes associado a um tipo de masculinidade patriarcal.

Figura 52– Os três mastros (São Miguel, São Gabriel e São Rafael)



Fonte: elaborado pela autora;
(29/09/2024)

A festividade de São Miguel Arcanjo ao longo desses anos passou por diversas mudanças, no início era uma ladainha familiar e a capela foi construída. Posteriormente, se tornou uma festa associada à paróquia e por isso está sob as normas paroquiais e diocesanas, entre elas a proibição de bebidas alcoólicas. Porém, se manteve a constituição de coordenador/a e rezador/a; primeiro o senhor Antônio Platão (1929-2013) e atualmente Dona Rosa Baía, isso contribuiu para manter as ladainhas vivas nessa comunidade e também em outros locais, pois ambos os rezadores fazem a oração onde são requisitados, conforme os dias dos santos e/ou as datas tradicionais das ladainhas familiares. Ao acompanhar as ladainhas e as experiências das rezadoras atuais, passemos à ladainha de São Raimundo Nonato.

3) Ladainha de São Raimundo Nonato

A ladainha de São Raimundo Nonato é hoje vivida no círculo familiar e de vizinhança. Portanto, os convites são feitos pelos próprios familiares, na tentativa de reunir o maior número de parentes, alguns vindos de Belém, para rezar em honra ao santo de devoção. No preparo da comida servida após a oração, se destaca o mingau, com a própria fruta do coco, este é citado como o ingrediente diferenciador do sabor. As pistolas antes da oração indicaram o clima de alegria e comemoração, foram queimadas pelo senhor Orestes Filho.

A ladainha de São Raimundo Nonato remonta à Dona Amância e seu ofício de parteira, afinal ele é o padroeiro das gestantes e das parteiras. Nas narrativas de dona Fátima, a Dona Amância se apegou ao santo para que a abençoasse e obtivesse êxito nos partos que assistisse. As mulheres grávidas rogavam ao santo por bons partos e pela saúde da criança que nasceria. A ladainha já teve um caráter popular, porém hoje se restringe ao âmbito familiar e de vizinhança.

Figura 53– Mulheres na ladainha



Fonte: elaborado pela autora;
(30/08/2024)

Figura 54– Vizinhas e familiares



Fonte: elaborado pela autora;
(30/08/2024)

Diferentemente do que as pessoas possam esperar dos assuntos tratados antes do início de uma ladainha, os assuntos são dos tipos mais variados. No dia 30 de agosto de 2024, alguns assuntos destacaram a presença ou a ausência de familiares na ladainha, e uma das sobrinhas de Dona Elsa Maria, que tinha se tornado “crente”, e por isso se afastado das comemorações familiares. E ainda complementaram: “virou crente, mas não deixou de ser da família”. Portanto, a comemoração de São Raimundo do Nonato é percebida não como uma comemoração unicamente do catolicismo, mas uma tradição da própria família. Também entraram na conversa os rosários rezados na madrugada, a partir das 4h da manhã, recitados ao vivo pelas redes sociais por Frei Gilson³⁴ e outro pelo Instituto Hessed³⁵ e o testemunho das graças alcançadas.

No entanto, surgiu um assunto que poderia ser pensado como atípico, começou-se a tratar das roupas das mulheres presentes, integrantes da família. Falou-se, especialmente, sobre os decotes ousados de algumas, que não se intimidaram, pelo contrário, fizeram questão de se exhibir e demonstrar segurança quanto à escolha do vestuário. Isso é um ponto importante, visto que nas ladainhas por serem orações realizadas nas próprias residências a forma de se vestir é mais casual, porém se fosse em

³⁴ Frei Carmelita, sacerdote católico e cantor brasileiro, se destaca pelas formações e pela oração do rosário na madrugada.

³⁵ Ele tem por fundadora a Irmã Kelly Patrícia, e tem se destacado pela oração do rosário e pelo exército de São Miguel, grupo daqueles que rezam o rosário.

uma edificação da igreja (capelas ou catedral), isto não deixaria de chamar atenção, pois mesmo explícita ou implicitamente se cobra uma forma de vestir considerada adequada.

A ladainha foi marcada para 17h, porém iniciou com meia hora de atraso, pois havia familiares na viagem Belém-Ponta de Pedras, que poderiam chegar para acompanhar pelo menos a parte final e mais importante do momento, a ladainha. O local onde a oração ocorreu não foi do lado de dentro da residência, pois o sol ainda estava forte, então, organizaram as cadeiras no caminho entre duas casas de familiares, onde havia árvores e sombra. Isto em nenhum momento pareceu incomodar os anfitriões, rezar próximo da natureza acaba por completar o sentido da religiosidade afroindígena. A oração se iniciou com o terço, no qual os familiares rezaram as dezenas de ave marias. Dona Elsa conduziu os mistérios do dia. Ao final do terço, do agradecimento e da salve rainha, foi cantada a ladainha de Nossa Senhora.

Figura 55– Rezadora Elsa Maria Mendes dos Santos e a imagem de São Raimundo Nonato



Fonte: elaborado pela autora;
(30/08/2024)

Figura 56– Momento do ritual da ladainha



Fonte: elaborado pela autora;
(30/08/2024)

A ladainha cantada por Dona Elsa tem a mesma melodia, ou seja, a mesma sonoridade da ladainha cantada por seu falecido pai Orestes Benvindo dos Santos, porém com uma diferença: é cantada em português e não em latim. Isso torna Dona Elsa Maria

uma rezadora singular neste aspecto da sucessão, as outras rezadoras mantiveram a oração em latim, na tentativa de manter a tradição sem alterações.

Com a conclusão da oração, seguiu-se um lanche: mingau de milho e arroz, salgados e bolo. Novamente os diálogos foram retomados, uma frase dita por uma sobrinha de Dona Elsa ajudou-me a entrar em um assunto sobre o qual eu já tinha conhecimento, mas não vindo diretamente dos/as interlocutores e interlocutoras: “ela vai bater tambor para São Raimundo Nonato”. Isto serviu de ponto de partida para as perguntas a esse respeito.

Na verdade, isso correspondia ao fato de que alguns membros da família celebram São Raimundo Nonato nas ladainhas e concomitantemente, no ritual da umbanda, festejam o caboclo Zé Raimundo³⁶. Ele apresenta correspondência ao santo católico, e assim as duas práticas seriam dedicadas à mesma finalidade. Na umbanda há um arranjo sincrético específico com o culto aos santos católicos. E não apenas isso, os cânticos, orações e valores católicos também são acionados, o que nos permite dizer que a umbanda possui uma disposição mais sincrética do que o candomblé, como religião de matriz africana (Prandi, 2004). O mesmo santo pode assumir vários papéis na vida dos fiéis: santo pessoal, encantado, orixá e santo da igreja. Está tudo embrincado e relacionado, a realidade é mais costurada e não fragmentada como na ciência ocidental. Ao mesmo tempo, persistem múltiplos catolicismos, alguns tendem mais para o catolicismo romano e dogmático, e outros mais abertos para a diversidade, a partir de cosmovisões integrais, a religiosidade afroindígena.

³⁶ “O Caboclo Zé Raimundo Buji Buá da Trindade é maranhense, foi encantado com seus 16 anos nas águas do Maranhão na praia de Codó. Codó é um importante centro de encantaria do Tambor-de-Mina. Pertence à Família Légua Bugi Buá, é filho de Seu Légua boji buá da Trindade (Paraense) e Tóia Jarina (filha de Turco), trabalha na linha de Mina Nagô e Umbanda. Também no tambor e nas linhas de cura, fazendo o bem para as pessoas. Na linha de candomblé, trabalha com outro nome que se chama Zé da Luz. Zé Raimundo é moreno claro, tem cabelo liso baixo, suíça alongada, usa chapéu de palha, usa suas guias para proteção, sua espada e calça branca. É um camaroeiro (pescador) e tem gados”. (<http://igrejamediuica.blogspot.com/2016/02/ze-raimundo-caboclo-do-codo.html>; acessado em: 14/01/2025; às 17:15). Porém outra linha, diz que Zé Raimundo seria um baiano da Umbanda. “A Linha dos Baianos da Umbanda engloba espíritos de antigos sacerdotes da Bahia e de outras regiões, tendo a regência direta do Orixá Iansã. O Baiano, na sua forma de trabalhar, traz muito das qualidades de Mãe Iansã: são bastante ativos, movimentadores, irrequietos e descontraindo. Sabem ouvir, dar bons conselhos e levantar o ânimo dos entristecidos”. (<https://casadopaze.com.br/baiano-ze-raimundo-umbanda/> ; acessado em: 14/01/2025; às 17:20)

Figura 57– Imagem de São Raimundo
Nonato



Fonte: elaborado pela autora;
(30/08/2024)

Pierre Sanchis estava certo quando escreveu: “impossível abstrair a vivência das religiões africanas no Brasil de certa impregnação católica, impossível imaginar nosso catolicismo de fato despido de ressonâncias africanas” (Sanchis, 1995, p. 38). Um dos convidados da ladainha estava trajando roupas brancas, característico das religiões de matriz africana, pois é frequentador, mas a surpresa maior para os familiares seria se a sobrinha que virou “crente” estivesse presente. As formas de festejar, de cantar, as danças e comidas típicas das festas dos santos têm elementos africanos, o que muitas vezes classificamos como cultura “popular”, na verdade, são as contribuições negras invisibilizadas de seu caráter étnico.

Uma peculiaridade da ladainha de São Raimundo Nonato é ser a única que nunca houve a missa inclusa em seu roteiro. Ela manteve o protagonismo dos leigos integralmente, ao mesmo tempo, o controle eclesástico também nunca foi sentido, apenas a ausência de tentativas de colocá-lo em prática. A postura do senhor Orestes Benvindo dos Santos, pai de Dona Elsa Maria, provavelmente influenciou nessa atitude de indiferença do primeiro bispo, pois o rezador não frequentava as missas, e se ocupava exclusivamente do seu dom de tirar a ladainha sem manter relações com a hierarquia da igreja, e assim manteve plenamente a sua liberdade de devoção e interação com o sagrado sem nenhum tipo de mediação.

Portanto, as três ladainhas são distintas em vários aspectos. Nesse capítulo, buscamos ver e analisar a experiência de campo junto aos rituais da ladainha e suas organizações internas. A Trezena de Santo Antônio tem uma amplitude de participação maior que a familiar, é aberta a todos os pontapedrenses. A festa é particular, pois pertence à família Amanajás. Mesmo mediante tentativas de controle eclesiástico e a adesão à paróquia, não há uma capela para o santo e as orações são realizadas na casa de Dona Cirena Amanajás de saudosa memória. Por isso, não está sob as regras paroquiais e continua com a venda e o consumo de bebidas alcoólicas, mas também precisam pagar para que as duas missas sejam realizadas no decorrer da festa. Ao realizar uma comparação com o trabalho de Maués (1995), pode-se perceber uma autonomia, porém sofre resquícios do controle eclesiástico.

A festividade de São Miguel passou por grandes mudanças, primeiro era totalmente familiar. As ladainhas eram cantadas na casa dos familiares, localizada próximo onde hoje se encontra a capela construída pela própria família. Com a criação da Prelazia e posteriormente a Diocese de Ponta de Pedras, o senhor Antonio Platão se tornou coordenador da comunidade São Miguel, e em vida doou à paróquia o terreno da capela. De acordo com Maués (1995), as festividades dos santos padroeiros de vilas e comunidades estão sujeitas ao controle maior da igreja.

Bem distinta é a ladainha de São Raimundo Nonato, sempre a sua organização partiu da família de Dona Amância, antes foi aberta à população da cidade, agora está mais no âmbito familiar. Ela tem uma autonomia maior do que as duas anteriores, pois nunca houve uma participação efetiva do clero local, com missa ou com alguma intervenção, assim manteve uma liberdade maior e sem conflitos diretos. Para Maués (1995), em casos como esse, o controle eclesiástico é percebido pela sua ausência, porém, nesse caso específico da ladainha de São Raimundo Nonato, esta presença nunca foi almejada.

Assim, a questão da autonomia, das tensões e dos acordos é central para responder ao problema dessa pesquisa. Os rituais das três ladainhas vistas neste capítulo, suas amplitudes sociais, os locais onde são rezadas e suas formas de gestão no presente, são o reflexo das decisões tomadas na geração anterior das rezadoras. A Trezena de Santo Antônio se manteve familiar e particular, porém Dona Cirena Gomes Amanajás enfrentou tensões com a igreja católica local. No caso extremo oposto, o senhor Antonio Platão Ferreira Ribeiro se tornou amigo do primeiro bispo, coordenador da comunidade São

Miguel, esta fundada com a imagem e na capela de sua família, portanto, precisou se adequar às normas da paróquia e da diocese. Já o senhor Orestes Benvindo dos Santos se ocupou exclusivamente de rezar as ladainhas e manteve distância da vida paroquial do município, não era frequentador das missas e manteve sua oração pessoal e sem a mediação da hierarquia da igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema desta pesquisa consiste em compreender a relação entre os leigos e leigas, rezadores e rezadoras de ladainha com a hierarquia da Igreja Católica do município de Ponta de Pedras, ora marcada por conflito, ora por acordos. E evidenciar também as diversas crenças e cosmovisões múltiplas nas quais os agentes especialistas populares estão imersos. No primeiro capítulo, tracei uma linha histórica do catolicismo no Marajó, e destaquei as interfaces entre catolicismo popular e religiosidade afroindígena. O segundo capítulo trouxe um pouco da família e das histórias de vida dos rezadores e rezadoras, suas tensões e concordâncias com os sacerdotes, da herança do dom e do repasse de conhecimento. Já o capítulo terceiro contribuiu com a etnografia dos rituais das ladainhas e em analisar como as tradições são vivenciadas atualmente. Cada um desses capítulos auxiliou a responder à questão da pesquisa.

A pesquisa fez emergir mais questionamentos e possibilidades do que respostas definitivas. Entre eles: Qual a importância da criação dos Círculos Operários no Marajó? Como se deram nos outros municípios os embates entre a hierarquia da igreja e os especialistas locais do sagrado? Como a academia pode compreender a religiosidade afroindígena sem diminuir sua multiplicidade? O que fazer para evitar as armadilhas cartesianas e os enquadramentos que não suportam a lógica relacional?

As ladainhas no município de Ponta de Pedras possuem, ao mesmo tempo, caráter religioso e social. Pois a homenagem aos santos e santas são acompanhados, a depender de cada caso, de jantar, festas dançantes, arraial, com ou sem bebidas alcoólicas e brincadeiras. São momentos propícios para a sociabilidade, lugar de reza e de festa, a ladainha era um pretexto para a festa, e a festa era um pretexto para a ladainha, ambas não se separam. Busca-se o santo do qual se queria pedir o milagre, e a ladainha era a forma de prestar contas dessa dívida.

No Marajó das desobrigas, toda a pregação do evangelho e a catequização contavam com o núcleo litúrgico das ladainhas. Era a forma de rezar disponível mais próxima da oração oficial da igreja. Por isso, ocorriam comparações frequentes entre os rezadores de ladainhas e os sacerdotes. Sércio Pereira, por exemplo, compara o trabalho do rezador antigamente com o do padre hoje. Ele diz que a diferença é que o padre possui estudo e esclarecimento que o rezador não possuía. No entanto, o saber do rezador e da rezadora difere do sacerdote, pois não é um saber encontrado em um livro de teologia,

mas provém da sabedoria adquirida na prática da fé, da cura e da devoção diariamente, muitas vezes sendo tão ou mais útil e valioso.

Em 1963, a Prelazia de Ponta de Pedras foi criada e a presença da autoridade eclesiástica se acentuou ainda mais. A nomeação de Dom Ângelo Rivato como primeiro bispo saiu em 1965. Os rezadores Cirena Gomes Amanajás, Antônio Platão Ferreira Ribeiro e Orestes Benvindo dos Santos estavam em plena atividade de seus ofícios e promoviam suas ladainhas familiares. Portanto, a novidade foi a prelazia e a diocese, as ladainhas as precedem.

A forma relacional de cada rezador com os membros do clero local foi diferente. Dona Cirena Amanajás viveu conflitos diretos e intensos como: a perda temporária da posse da imagem para a igreja, a tentativa de transformação da Trezena de Santo Antônio em festa paroquial, as críticas contra a comercialização de bebidas alcoólicas e a falta de capela do santo, ameaça de ser jogada no rio. Apesar das contrariedades, com espírito combativo, ela se impôs contra o controle eclesiástico e manteve a Trezena conforme a tradição que era celebrada, a ladainha e o arraial. Atualmente, as duas missas do calendário da festividade são particulares, portanto, são pagas para serem realizadas. As netas buscaram manter a autonomia que a avó deixou como herança.

Por sua vez, o senhor Antônio Platão além de rezador de ladainha, se tornou o coordenador da comunidade São Miguel Arcanjo. Ele se alinhou às novas diretrizes na nascente Prelazia de Ponta de Pedras e contribuiu como uma liderança leiga engajada na capela localizada em seu próprio terreno de herança. Com o primeiro bispo e com o primeiro sacerdote com residência na cidade, respectivamente Dom Ângelo Rivato e Padre Guido Fossati, estabeleceu-se um contato de cordialidade e parceria. Ao fim de sua vida, doou a área na qual a capela está construída para a paróquia. É o terreno do santo, como nomeou Guilherme F. Ribeiro, filho do senhor Antonio Platão. Dona Rosa Baía, que sucedeu o senhor Antonio Platão, segue seus passos como rezadora e coordenadora da comunidade São Miguel.

Já o senhor Orestes Benvindo dos Santos dedicou a sua vida a seu ofício de rezador, com pouco contato com a vida paroquial, com os membros do clero e com a nascente Prelazia. Isso se deu ao fato de sua participação nas missas ser bem rara: se restringiam ao Círio da padroeira, ou à festa de algum santo importante. Também não houve tentativa alguma por parte da igreja local em tornar a ladainha de São Raimundo

Nonato uma festa vinculada à igreja. Ao contrário de seu pai, Dona Elsa Maria é frequentadora das missas e hoje é uma rezadora e também coordenadora da comunidade Sagrada Família. Portanto, participa ativamente da vida eclesial e ocupa um lugar de direção.

As escolhas e posicionamentos tomados pelos rezadores e rezadoras foram distintos segundo o contexto e temperamento de cada um. Souberam ser protagonistas de suas histórias. Eles obtiveram reconhecimento social e religioso ao longo de anos de serviços prestados aos devotos de Ponta de Pedras, indo rezar em suas residências, como foi o caso de Antônio Platão e Orestes Benvindo dos Santos, ou ao receber os devotos em sua casa, para a ladainha ou para a cura, como fez dona Cirena Amanajás.

Encerrarei essa dissertação com duas reflexões do senhor Sécio Pereira. A primeira é que em questão de religião não há regra geral. A vivência da religião é múltipla e o catolicismo é um universo inteiro, pouco ou muito apegado aos santos, com a fé em práticas de curas, no poder dos encantados, na agência dos mortos entre os vivos, por exemplo. Essa variedade de cosmovisões compõe a religiosidade afroindígena presente nos “Marajós” (Sarraf-Pacheco, 2024). A segunda, é associar as ladainhas como apenas um momento pré-prelazia. Disso eu discordo em parte. É bem verdade a importância das ladainhas no período de desobriga e, como sugere o título desta dissertação, elas sustentaram a fé do povo. Mas não foram extintas com o surgimento das circunscrições eclesiais. Elas sobreviveram por se atualizarem às novas realidades e por serem rezadas por quem lutou por elas.

Como lembrou o senhor Sécio Pereira, Dom Ângelo passou trinta anos em oração por vocações sacerdotais marajoaras e que, se não fossem as ladainhas, ele nem imagina como seria a realidade atual. As rezadoras Fátima Seara, Conceição Melo e Nazaré Aires concebem o surgimento dos sacerdotes locais como fruto de tantas rezas de ladainhas. Todavia, seria um erro pensarmos que o padre substitui o rezador e a rezadora de ladainha. Para um católico comum, missa e ladainha, devoção e sacramento, constituem maneiras distintas de se unir ao sagrado, formas complementares e não necessariamente competitivas e contraditórias.

Lista de Interlocutores Entrevistados

Antônia Teixeira Ribeiro, 92 anos, Belém

Ana Rosa Ribeiro Baía, 52 anos, Ponta de Pedras.

Arrison Cleveland Alencar, 88 anos, Ponta de Pedras.

Conceição do Socorro Ramos de Melo, 60 anos, Belém.

Dionéia Pantoja Ribeiro, 75 anos, Ponta de Pedras.

Edinelson Martins de Castro, 63 anos, Ponta de Pedras.

Elsa Maria Mendes dos Santos, 52 anos, Ponta de Pedras.

Ernesto Ribeiro Baía, 72 anos, Ponta de Pedras.

Fernanda Amanajás Noronha, 38 anos, Ponta de Pedras.

Gercina de Castro Tavares, 79 anos, Ponta de Pedras.

Guilherme Ferreira Ribeiro, Ponta de Pedras

Jacira dos Anjos Tavares, 77 anos, Belém.

Maria de Fátima Ramos Seara, 77 anos, Ponta de Pedras

Milena Amanajás Noronha, 45 anos, Ponta de Pedras.

Orestes Benvindo dos Santos Filho, 55 anos, Ponta de Pedras.

Sércio Pereira, 84 anos, Ponta de Pedras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Adriana Guimarães. **“A teoria do pescador”: saberes, práticas e dinâmicas dos territórios de pescadores de pequena escala de Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, PA.** Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Programa de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2020.
- ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 7, n. 14. p. 183-203, 1994.
- ABUD, Cristiane de Castro Ramos. Participação feminina na igreja católica: um grupo pela fé. Temporalidades - **Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, vol. 1, n.º 2, ago./dez. 2009.
- ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará. In: **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA**. Belém, nº 12, abril/jun.1987, pp. 53-84.
- ALENCAR, José Lima de Alencar e OLIVEIRA, Maria Alice da Cruz. As CEBs à luz da teologia da libertação e sua relação com os movimentos sociais. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**, Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que "não é sério".** Tese de Doutorado em Antropologia. 1998. f387. Departamento de Atropologia, Universidade de São Paulo. 1998.
- AMARAL, Rita. Festas católicas brasileiras e os milagres do povo. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, nº 1, jun. 2003.
- BAIA, Ana Rosa Ribeiro. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 28 de fevereiro de 2023.
- BAIA, Ernesto Ribeiro. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 25 de janeiro de 2024.
- BARROS, Lilian; ABUFAIAD, Verena. **Folias de São Sebastião. Estudo da Transmissão musical. Cachoeira do Arari, Marajó.** 2ª Superintendência Regional no Pará e Amapá. Belém: IPHAN, 2008.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. **VI ENECULT**. Facom-UFBA, Bahia, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **ESTUDOS AVANÇADOS** 18 (52), 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Livraria Brasiliense Editora, 1980.

CANTO LOPES, Paulo Roberto do. O contexto e o espaço da missão religiosa dos padres de Santo Antônio em Joanes, Ilha de Marajó - um estudo arqueológico. **CLIO SÉRIE ARQUEOLÓGICA. Série Arqueológica**. Anais da X Reunião Científica da SAB N. 14. 2000.

CASTRO, Edinelson Martins de. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 01 de março de 2023.

CAVALCANTI, Maria Laura V. d. C. Drama, ritual e performance em Victor Turner. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, V. 03.06: Novembro. p. 411-440, 2013.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista ANTROPOLÓGICAS**, ano 11, volume 18(2):49-74 (2007).

COHEN, Lílían C. B.; DUARTE, Fernando L. S.; CONCEIÇÃO, Juliano C. da S. Ladainhas na Amazônia: aproximações entre as ladainhas das festas de Santo Alberto (São Gabriel da Cachoeira, AM) e São Sebastião (Cachoeira do Arari, PA). **Opus (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música)**, Vitória, v.29, v. 29, p. 1-18, 2023.

CONNEL, Raewyn e PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**. nVersos Editora; 1ª edição, 2015.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa de santo na cidade: notas sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 197-216, jan.- abr. 2011.

CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES Clézio Roberto. A TRADIÇÃO ORAL DAS PRÁTICAS DE BENZEÇÃO. **Revista da ABPN** • v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência • janeiro de 2018, p.30-42, 2018.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; VIDEIRA, Piedade Lino; BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos. As práticas culturais/ religiosas afroindígenas na Amazônia. **Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 80-95, jan./jul. 2019.

DAMINO, A. **Na escola de Maria**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007

JESUS, Elivaldo Souza de. **“Gente de promessa, de reza e de romaria”: experiências devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia (1940-1980)**. 2006 142f. Dissertação de Mestrado em História Social. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 13, p. 155–161, 2005. [DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>.. Acesso em: 07/03/2025.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **Memórias familiares em festa: estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares**. 2009. 248f. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Escravos e senhores nas irmandades religiosas na Amazônia do século XIX. **Amazônia IPAR**, ano 3, número 5, agosto/dezembro, 2001.

GOLDMAN, Marcio. O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil. **MANA** 18(2): 269-288, 2012.

GORDIANO, Raimundo C. ELEMENTOS DE TEOLOGIA AMAZÔNICA. **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p. 122-130.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Revista dos Tribunais LTDA. Edição: 1990.

HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, 1995. (Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>)

HENRIQUE, Márcio Couto. Irmandades escravas e experiência política no Grão-Pará do século XIX. **Revista Estudos Amazônicos**. Vol. IV. n.º 1, p. 31-51, 2009.

INGOLD, Timothy. Antropologia não é etnografia. In: _____. **Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abril, 2010.

KOFES, S. Experiências sociais, interpretações individuais: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, (3), 117–141, 1994. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1725>.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 14: p. 173-194, jun. 2000.

LAPA, J. R. Amaral. **Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LEAL, João. O trabalho que a festa dá etnografias do trabalho festivo. **MANA** 29(3): e2023038, 2023 – <https://doi.org/10.1590/1678-49442023v29n3e2023038>.pt. 2023.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.

LUCA, Taissa T; PANTOJA, Juscelio Mauro; BARBOSA NETO, Manoel V. Catolicismo Afro-Amazônico: uma análise do simbolismo da morte na procissão do Senhor dos Passos em Belém/Pará. In: Dossiê Religiões Afro-Indígenas: História e Ritual no Plural. **Revista Observatório da Religião**, v. 3 n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1131> .

LUÍNDIA, Luisa Elayne Azevedo. Festas, festas de santo: rituais amazônicos. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação** - Campo Grande /MS - setembro, 2001.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, Vitória, n. 7, p. 1-120, 2008.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. 1943.

MARTINS, Guilherme Luís Mendes. **Ora pro nobis: Memória, Oralidade, Saberes e Religiosidade de Ladainha em Mocajuba- Pará**. 2015. 221f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

MAUÉS, R.H. As atribuições de um doutor eclesiástico na Amazônia na passagem do século XIX ou como a política mexe com a igreja católica. In: MARIN, R.E.A.(org.). **A escrita da história paraense**. Belém: NAEA/UFGPA, 1998, pp. 139-152. MAUÉS, R.H.; PANTOJA, V.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo Antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p. 183-314, 2003.

MEDEIROS, Isac Alisson Viana de. **Matriz, capelas e desobrigas: um olhar sobre a cristianização do espaço da Freguesia do Seridó**. 2020. 291f. Dissertação de Mestrado

em História, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória, história oral e história. Oralidades – **Revista de História Oral**, v. 4, n. 8, p. 179-191, 2010.

MELO, Conceição do Socorro Ramos de. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 02 de março de 2023.

MELLO E SOUZA, Mariana de. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, 28, p. 125-146, 2002.

NASCIMENTO, Washington Santos; LIMA, Vivian Ingridy Carvalho. O Sagrado e as mulheres quilombolas: experiência religiosa das rezadeiras da comunidade do Baixão - BA. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol. 30, n. 1 | p.1-25 | USP 2021

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A.; ARAÚJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. 12 (2). São João del Rei, maio-agosto, e 1037, 2017.

NORONHA, Fernanda Amanajás. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 24 de julho de 2023.

NORONHA, Milena Amanajás. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 02 de março de 2023.

OLIVEIRA, Renata de Almeida. Etnografia da bênção: uma perspectiva comparativa entre a festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias (RJ\ Brasil) e Lisboa (Portugal). **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 8, 2023. ISSN 2447-0961.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre , v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=pt&nrm=iso>.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégias analíticas e abordagem etnográfica. Brasília. In: **O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais**. Rio de Janeiro, Relume Dumará.. Prefácio. 2001.

PEIRANO, Mariza. Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. **Campos** 7 (2): 9-16, 2006.

PEREIRA, Sérgio. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 03 de março de 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PONTE, Mariana Pamplona Ximenes. **O Círio de Nazaré de Belém-PA como fresta para a religiosidade paraense**. 2019. f241. Tese de doutorado em Sociologia e Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2019.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados** 18 (52), 2004

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Mary Louise Pratt; tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre; revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero.-Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REIS, M. V. F., PY, F., & PIMENTEL, W. (2020). Aspectos sócio históricos da igreja católica na Amazônia. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 68. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2020v68p319-351>.

RIBEIRO, Antônia Teixeira. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 25 de julho de 2023.

RIBEIRO, Dioneia Pantoja. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 04 de junho de 2024.

RIBEIRO, Guilherme Ferreira. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 27 de novembro de 2023.

RODRIGUES, Angelina /...[et al.]. **Ponta de Pedras: cidade da gente: estudos regionais: ensino fundamental**. - Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2023

ROHRBACHER, Padre. **Vida dos Santos**. Volume I. Editora das Américas, São Paulo, 1959.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo: As romarias portuguesas**. Nouvelle édition [en ligne]. Lisboa : Etnográfica Press, 1983 (généré le 02 novembre 2023). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/etnograficapress/5777>>. ISBN : 9791036556104. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.5777>.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2º sem. 1997.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 10, n 28, ANPOCS, 1995.

SANTOS, Elsa Maria M. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 24 de janeiro de 2024.

SANTOS, Daniela Oliveira dos, RIOS, Sebastião. O altar como performance na religiosidade popular. **São Paulo**, v. 6, e185817, 2022.

SANTOS FILHO, Bernardino Ferreira dos. **Nas margens do Marajó-Açu**. Belém-Pará, 1993.

SANTOS FILHO, Orestes Benvindo. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras,

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Maio, ISSN 1983-2850, 2010. <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>

SARNEY, José e COSTA, Pedro. **Amapá: a terra onde o Brasil começa** / José Sarney & Pedro Costa – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999. 270 p.: il., fot. (2a edição) – (Coleção Brasil 500 anos).

SARRAF-PACHECO, Agenor. A folia da cidade-floresta: patrimônio do afeto e lutas pela memória em Melgaço-PA. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. 2017.

SARRAF-PACHECO, Agenor. “Cidade-floresta” na cadência da festa: reverência a São Miguel nas margens dos “Marajós”-PA. **Projeto História (PUCSP)**, v.28, p. 195-228, 2004.

SARRAF-PACHECO, Agenor. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas. **Horizontes**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun. 2010 - ISSN: 2175-5841

SARRAF-PACHECO, Agenor. Marajó - **O coração da Amazônia: afroindígenas e agostinianos em práticas interculturais no regime das águas.** /Agenor Sarraf Pacheco. - Manaus: Editora Valer, 2024.

SCHAAN, Denise Pahl. **Cultura marajoara**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009. 400 p. Edição trilingue: português/ espanhol/inglês. Inclui bibliografia. Publicado em parceria com Ed. Senac São Paulo e Fecomércio/PA. ISBN 978-85-7458-268-9.

SEARA, Maria de Fátima Ramos. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 02 de março de 2023.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **São Benedito no banco dos réus: alianças e conflitos no catolicismo em Bragança (Pa), no século XX.** 2022. f 505. Tese de doutorado em história, Programa de Pós-Graduação em história social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2022.

SINIMBÚ, Renato. Ladainhas e Esmolações: práticas do catolicismo popular como espaço de formação musical no município de Igarapé-Miri (1940-1970) in: COSTA, A. M; MORAES, C.; SILVA, E. M. (Orgs). **História Social da Música Popular na Amazônia Paraense**. SP: Livraria da Física, 2021. (p.69-87)

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Paula Fernanda P. ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Rezando também se aprende: saberes e práticas educativas das ladainhas em Breves-Pará. **Revista Cocar**. v. 15 N. 32/2021. p. 1-17, 2021.

TAVARES, Marli José; COSTA, Carmem Lúcia; Mulheres na igreja católica: persistência histórica do patriarcado. p. 433-447 . In: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalão (2. : 2014 : Goiás) Coletânea Interdisciplinar em Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - Volume 1 : **Estudos Ambientais, Território e Movimentos Sociais. Anais [livro eletrônico]** / organizado por Adriana Freitas Neves, Idelvone Mendes

Ferreira, Maria Helena de Paula, Petrus Henrique Ribeiro dos Anjos. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-109-1, DOI 10.5151/9788580391091-V1_Cap28.

TAVARES, Gercina de Castro. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 07 de fevereiro de 2024.

TAVARES, Jacira dos Anjos. Entrevista concedida a Cintia Nayara Ribeiro de Sousa. Ponta de Pedras, 05 de maio de 2023.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História oral**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992, cap I, e VII, p. 20-44; 254-278.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

URIARTE, Urpi M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, São Paulo, vol.11, 2012, p.1-11.

VAINFAS, Ronaldo e SOUZA, Juliana Beatriz. **Brasil de todos os santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **REVISTA USP**, São Paulo, n.57, p. 28-37, março/maio, 2003

WAGNER, Roy. "A cultura como criatividade". In: **A Invenção da Cultura**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981, pp.45-67